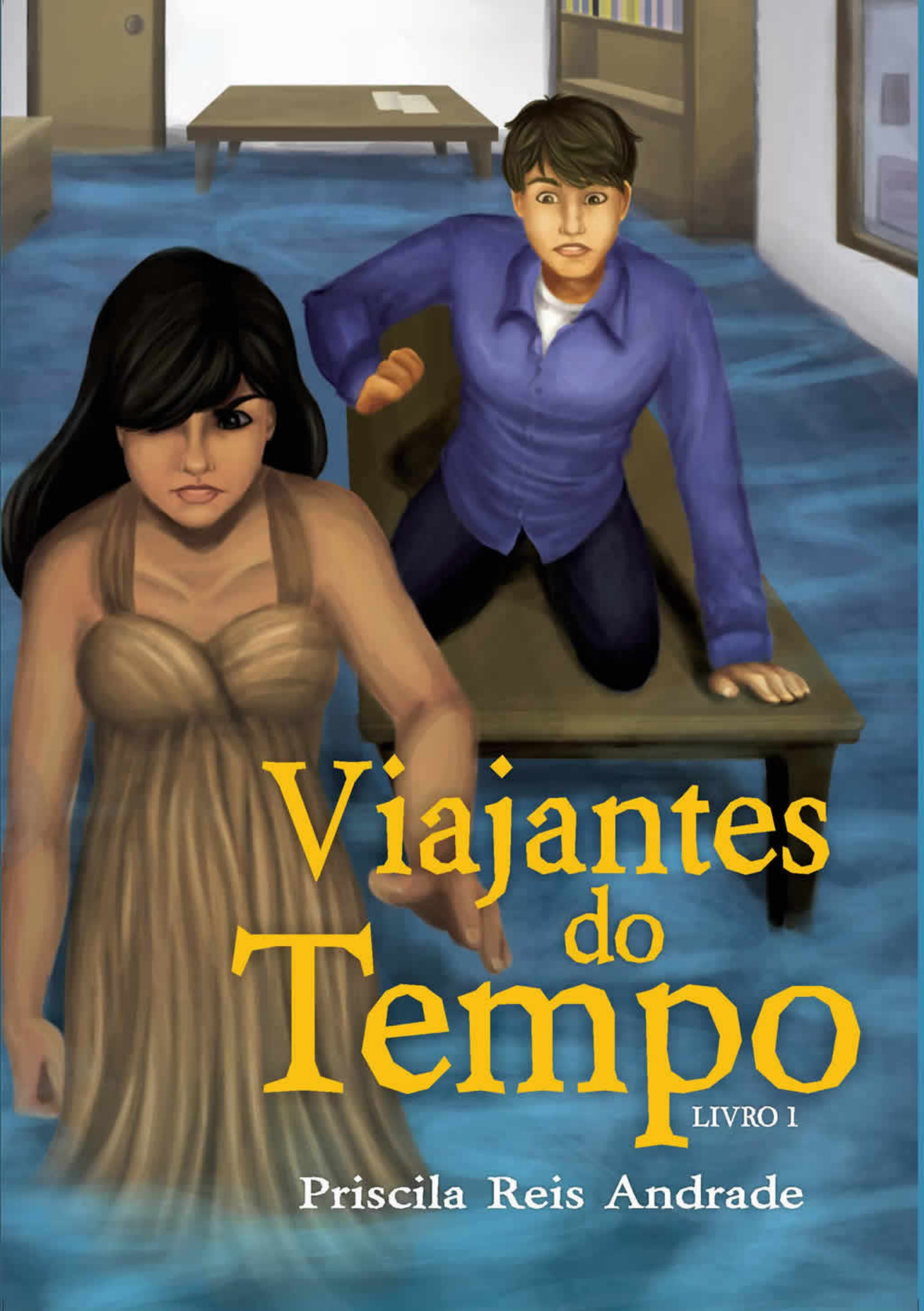

Viajantes do Tempo

LIVRO 1

Priscila Reis Andrade

"Uma guerra no deserto! Era a única explicação que achei para estar no meio de milhares de soldados vestidos com armaduras reluzentes. Mesmo sonhando, parecia que eu sentia o suor escorrendo em seus corpos vistosos e a tensão do início de uma batalha. E para meu imenso assombro, meu melhor amigo, Caio, estava ali como se fosse um deles.

Apesar de adorar História eu estava com medo, era a quinta vez que sonhava com isso. Devia ser um sinal... Mas qual? Quem sabe uma futura viagem ao passado..."

viajantes_do_tempo.indd 1 03/12/2013 16:36:47

Governo do Estado do Espírito Santo

Governador
José Renato Casagrande

Vice-Governador
Givaldo Vieira da Silva

Secretário de Estado da Cultura
Maurício José da Silva

Subsecretário de Estado da Cultura
Joelson Fernandes

Gerente de Ação Cultural
Christiane Wigneron Gimenes

Gerente do Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas
Nádia Alcure Campos da Costa

Instituto Sincades

Presidente
Idalberto Luiz Moro

Gerente Executivo
Dorval Uliana

Coordenadora de Programas e Projetos
Ivete Paganini

Coordenador de Projetos
Danilo Pacheco

Jornalista
Silvana Sarmento Costa

Analista de Projetos
Lívia Caetano Brunoro

Assistente de Projetos
Patrícia Soares

viajantes_do_tempo.indd 2 03/12/2013 16:36:48

Priscila Reis Andrade

Viajantes do Tempo

LIVRO 1

SECULT
Vitória - ES
2013

viajantes_do_tempo.indd 3 03/12/2013 16:36:49

© Secretaria de Estado da Cultura, 2013
Governo do Estado do Espírito Santo

COORDENAÇÃO EDITORIAL
Márcia Selvátice Tourinho

REVISÃO
Vitor Graize

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA
Comunica.com
Fernanda Mello

CAPA
Priscila Reis Andrade
Ilustração: Bárbara Lima da Fonseca

IMPRESSÃO E ACABAMENTO
Gráfica JEP

TIRAGEM
1.000 exemplares

Dados internacionais de catalogação na publicação (CIP)
(Biblioteca Pública do Espírito Santo)

A543v Andrade, Priscila Reis.
Viajantes do Tempo / Priscila Reis Andrade. — Vitória: Secult - ES, 2013.

280p. **il.**
ISBN 978-85-64423-32-9

1.Romance. 2.Literatura brasileira - Romance. I.Título.

CDD. B869.3

Palavra do Governador

A democratização do livro e do saber

Entre tantas contribuições importantes que o Espírito Santo tem oferecido ao Brasil, destaca-se – no campo cultural – uma literatura da mais alta qualidade. E os livros selecionados para publicação em 2011 e 2012, a partir dos editais da Secretaria de Estado da Cultura, reiteram essa vocação capixaba e constituem excelente mostra da nossa atual produção literária. Entre os autores, alguns já são conhecidos do público, e outros vivem sua primeira experiência de publicação, mas todos têm algo em comum: a vivência da realidade capixaba. Essas obras literárias vão somar-se a dezenas de outras que, no passado, traçaram um perfil inesquecível do nosso povo, com seus sonhos, trabalhos e conquistas.

Por entender que a literatura retrata um momento do nosso processo de evolução cultural, econômica, social e política e, ao mesmo tempo, estimula o diálogo entre o presente e o futuro, nesses dois anos e meio de gestão ampliamos a abrangência e mais que duplicamos o número e o valor global dos Editais. Passamos de 18 Editais, em 2009, para 41, em 2013. E os recursos, que antes somavam R$ 3,2 milhões, foram elevados para R$ 8,5 milhões. Trata-se de uma forma democrática e transparente de apoiar nossa produção artística e cultural e de fortalecer a identidade capixaba.

Os livros agora lançados serão distribuídos em todo o Espírito Santo e entregues a bibliotecas e escolas da rede estadual, onde

um público em formação terá acesso a obras que nos ajudam a compreender a realidade do nosso tempo. Além disso, o projeto Biblioteca Móvel, que faz parte das ações do Estado Presente, levará esses livros às regiões em situação de risco social, enquanto o projeto Biblioteca Transcol colocará um acervo de 12 mil livros à disposição dos usuários do sistema de transporte público, em dez terminais rodoviários.

Com esse tripé de valorização do livro e da leitura, estamos criando uma nova geração de leitores, disseminando a obra, o pensamento e o exemplo dos nossos melhores escritores, e reforçando o interesse pela literatura entre aqueles que nem sempre dispõem de recursos para adquirir os livros recém-publicados. Assim, enquanto construímos juntos o futuro do Espírito Santo, a literatura vai ocupando posição cada vez mais destacada no esforço coletivo de democratização do conhecimento e do saber.

Renato Casagrande
Governador do Espírito Santo

viajantes_do_tempo.indd 6 03/12/2013 16:36:49

Palavra do Secretário

A palavra é a mãe de todas as manifestações do engenho humano. É por meio delas que construímos nossos códigos de entendimento e absorção do mundo. Ainda que possamos manifestar-nos por meio da música e das artes visuais, são sempre elas, as palavras, as estruturas constituintes do nosso pensamento.

Por isso, causa-nos causa especial satisfação publicar os livros agraciados pelo Edital de Publicação da Secretaria de Estado da Cultura , exercícios 2011 e 2012. As narrativas curtas e longas, as poesias e as crônicas que compõem esses lançamentos são uma mostra do quão talentosos e profícuos são os escritores que vivem e produzem nos dias de hoje no Espírito Santo. Diversa em estilo e abordagem, visão de mundo e conteúdo. Publicar esses escritores é dar voz a essa multiplicidade de correntes de pensamento, que em um vasto diapasão estético e filosófico nos entretêm e revelam. E nos alimentam razão e sensibilidade. Levar essas obras aos leitores da Região Metropolitana da Grande Vitória e ao interior do Estado é descortinar universos que promovem a elevação do espírito humano por meio da promoção da arte e da cultura.

A diversidade dessas obras nos colocou diante de um instigante desafio, que foi formatar edições que dialoguem com formas peculiares e conteúdos distintos em cada gênero literário abarcado. Essa heterogeneidade é fruto do trabalho de autores com singularidades que se refletem nesses próprios

conteúdos e formas. Isso levou a um atraso no cronograma das publicações. Por isso, optamos por lançar, no mesmo semestre, as obras agraciadas de 2011 e 2012.

Essas mesmas obras serão distribuídas em bibliotecas e escolas de todo o Espírito Santo. As instituições que receberem esses livros passarão a ter em mãos uma potente ferramenta para desenvolver em seus frequentadores e alunos o espírito crítico, a tolerância, a compreensão de mundo necessária à construção de uma sociedade mais justa e feliz.

Esse trabalho é realizado em sinergia com as políticas do livro e da leitura do Governo Renato Casagrande, representadas por ações como a Biblioteca Móvel, que leva livros e suporte para promoção de leitura a bairros em situação de risco da Grande Vitória, dentro das ações do Estado Presente, e a Biblioteca Transcol, que disponibiliza acervo de 12 mil livros aos usuários do sistema de transporte público, distribuídos em 10 terminais rodoviários.

A todos desejamos uma excelente leitura. E que os horizontes descortinados por esses autores sejam plenos de novas descobertas.

Maurício Silva
Secretário de Estado da Cultura

viajantes_do_tempo.indd 8 03/12/2013 16:36:49

Isaías 55:6

"Buscai ao Senhor enquanto se pode achar, invocai-O enquanto está perto."

João 8:32

"E conhecereis a Verdade e a Verdade vos libertará."

viajantes_do_tempo.indd 9 03/12/2013 16:36:49

viajantes_do_tempo.indd 10 03/12/2013 16:36:49

Para minha irmã
Pipoca — Camilla.

viajantes_do_tempo.indd 11 03/12/2013 16:36:49

viajantes_do_tempo.indd 12 03/12/2013 16:36:49

Sumário

Prólogo, 15
1º: Acordo, 17
2º: Sonho, 33
3º: Gênesis, 51
4º: Gênesis - Parte 2, 73
5º: O príncipe do Egito, 89
6º: Vidas, 107
7º: 300 de Gideão, 123
8º: O sacrifício sou eu, 137
9º: Lemos & Monteiro, 155
10º: Treinamento, 171
11º: Sabedoria, 185
12º: Batalhas, 201
13º: A última guerra, 217
14º: O autor, 233
15º: Problemas, 249
16º: Final, 265
Agradecimentos, 269
Livro 2, 271
Manual de Sobrevivência, 277

viajantes_do_tempo.indd 14 03/12/2013 16:36:49

Prólogo

Uma guerra no deserto! Foi a única explicação que achei para estar no meio de milhares de soldados vestidos com armaduras reluzentes. Mesmo sonhando, parecia que eu sentia o suor escorrendo em seus corpos e a tensão do início de uma batalha. E para meu imenso assombro, meu melhor amigo, Caio, estava ali como se fosse um deles.

Apesar de adorar História eu estava com medo, era a quinta vez que sonhava com isso. Devia ser um sinal... Mas qual? Quem sabe uma futura viagem ao passado...

viajantes_do_tempo.indd 16 03/12/2013 16:36:49

Um: Acordo

— Elisa, você quer chegar atrasada na escola? — ouvi a voz da minha mãe vinda da porta do meu quarto.

Eu estava com sono demais para ir à escola hoje, mas levantei, quase caindo, e fui ao guarda-roupa. Olhei-me no espelho mais próximo, meu cabelo preto estava preso num rabo de cavalo mal feito, minhas olheiras diziam que passei 100 anos sem dormir.

Peguei meu uniforme esquisito, peças íntimas, e fui para o banheiro. Nada melhor que um banho morno para começar bem o dia.

— Bom dia, mamãe. — afastei seus longos cabelos e dei um beijo no rosto dela. — Bom dia, papai. — andei até ele e lhe dei um beijo na bochecha também.

— Bom dia. — meu pai falou, sentando-se à mesa, na cozinha.

— Dormiu bem desta vez? — perguntou minha mãe.

— E tem como? Sonhei com guerra. Uma confusão que nem tem como explicar. — Peguei um pão e uma faca e comecei a fazer meu lanche. — O mais estranho é que o Caio tava no sonho.

Meus pais trocaram olhares e sorrisinhos. Perdi uma grande oportunidade de ter ficado calada.

— Não sei não... — disse minha mãe com uma pitada de malícia.

Eu queria enfiar minha cara em algum buraco, já estava sentindo meu rosto queimar. E por besteira.

— Avisa pra ele que daqui a 40 anos vocês podem namorar. —

viajantes_do_tempo.indd 17 03/12/2013 16:36:49

meu pai brincou, passando a mão nos cabelos castanhos.

— Douglas! — minha mãe deu um tapinha em seu ombro.

— Esqueçam! Eu não quero nada com aquele garoto. Ele é só meu amigo. E ponto. — falei e acabei engasgando com um pouco de leite. Comecei a tossir.

Era costume de meus pais falarem que eu e o Caio vamos acabar juntos um dia. Nem que seja daqui a 40 anos.

Nós conhecemos a família dele desde que eu tinha quatro anos de idade. Sempre estudamos nas mesmas escolas, e agora, no 2° ano do ensino médio, estamos na mesma classe, como no ano passado.

Ele é um cara legal. É um dos garotos mais inteligentes da sala, pratica esportes, é prestativo, educado... Ah, e também é meu melhor amigo. Bom, pelo menos foi até ano passado. Desde que começou o ano e a professora separou a gente, estamos um pouco distantes um do outro, pois arrumamos amigos diferentes, não frequentamos as mesmas festas... Mas nossos pais não sabem por que isso aconteceu, combinamos de não contar já que a culpa dessa separação foi nossa, melhor, minha, eu é que tive a ideia brilhante de colocar um telefone de lata na janela para falar com uma amiga na outra sala, aí ele me ajudou e teve que trocar de lugar. Agora senta no fundão e eu na frente da professora. "Vida cruel!", pensei.

Faltavam cinco minutos para a professora chegar e aplicar a prova, para a qual eu havia esquecido de estudar. Era sobre as Cruzadas. Eu tinha assistido a explicação, mas foi na semana passada e eu nem lembro o que comi ontem no almoço. Não,

viajantes_do_tempo.indd 18 03/12/2013 16:36:50

eu não sou uma péssima aluna, mas é que esses sonhos estão tomando mais espaço na minha mente que pizza de calabresa, Johnny Depp e os estudos. Estou, literalmente, sem saída.

A professora entrou na sala com diversas folhas nos braços, no mínimo tinha três provas diferentes, o que dificultava a consulta (cola) da galera.

— Pessoal, formem duplas rapidinho e não arrastem as carteiras. Não quero barulho. — disse a minha professora de História, Ana Beatriz.

Olhei para minhas duas amigas ao meu lado, Marisa e Magali, e acenei com a cabeça para elas. Eu tinha um plano.

Olhei para trás, Caio guardava o caderno dentro da mochila. A sala estava numa desordem, mas ele não parecia nem no nosso mundo. Corri até o fundão e parei perto da sua mesa.

— Oi, lembra de mim? — falei com simpatia.

Ele fechou o zíper e levantou o rosto.

— Claro. — respondeu confuso.

— Vai fazer a prova com alguém? — perguntei.

— Comigo, né? — Pedro Henrique, o **nerd**, cutucou meu ombro.

— Bom... — Os olhos esverdeados de Caio moveram-se do menino para mim, tentando escolher. P. H. também me olhou curioso, não era costume eu sair da frente da professora e vir para o fundão.

— Já entendi tudo! — P. H. ajeitou os óculos e deu um sorriso enorme.

— É que... a Elisa chegou primeiro, cara. — ele tentou se

viajantes_do_tempo.indd 19 03/12/2013 16:36:50

explicar, mas seu amigo abanou a cabeça deixando pra lá.

— Obrigada. Te devo uma. — falei ao meu "melhor" amigo. Ele sorriu um pouco. Peguei uma cadeira e sentei ao seu lado.

A professora trouxe a nossa prova. Passei os olhos por ela e reconheci algumas coisas que estavam quase apagadas em minha memória.

— Eu não estudei. — confessei para o Caio.

— Aconteceu alguma coisa? — perguntou levemente surpreso. Ele pegou a caneta do estojo e escreveu rapidamente nossos nomes na prova.

Pensei no que responder, melhor, numa forma menos esquisita de responder:

— Tenho andado muito confusa. Os sonhos que venho tendo estão acabando com minha concentração, não tenho dormido direito...

Ele pegou o lápis e respondeu a primeira pergunta, antes mesmo da professora terminar de distribuir as folhas aos outros alunos.

— Estudou bastante? — perguntei.

— Na verdade, não. Mas o assunto é fácil.

— Se fizermos alguma prova juntos da próxima vez, prometo que respondo tudo sozinha.

— Ok.

Ele abaixou os olhos para a prova e marcou um "x" na questão dois.

A sala estava cochichando baixinho, só nós dois estávamos em silêncio. Como cansei de ficar olhando para o relógio acima

viajantes_do_tempo.indd 20 03/12/2013 16:36:50

da lousa, tentei prestar atenção na folha da prova. Fiquei lendo as perguntas e respostas para ver se aprendia alguma coisa. Caio respondia a questão de número nove, mas a três estava sem fazer.

— Não sabe esta? — apontei para a questão em branco.

— Não estou lembrando agora. Pra não demorar muito passei para as seguintes. — respondeu apagando uma palavra.

"Qual é o nome da cidade considerada sagrada para cristãos e muçulmanos?", li a pergunta.

De repente senti o chão tremer, perguntei-me se alguém tinha notado isso. Comecei a ouvir barulhos de cavalos e homens, como se um grande exército estivesse marchando no corredor da escola. Então ouvi uma voz masculina dizendo: "Povo da tribo de Benjamim saia de Jerusalém e fuja para um lugar seguro! Toquem corneta em Tecoa e ponham um aviso em Bete-Haquerém, pois desgraça e grande destruição vão chegar do Norte.".

O barulho aumentava cada vez mais, se aproximava da minha sala. Ouvi um comandante gritar ordens aos seus subordinados. A porta estava fechada, mas a qualquer momento eles iriam entrar...

— Pronto. Só falta a três.

Pulei na cadeira quando Caio interrompeu meus pensamentos. Meu coração martelou em minha garganta, e meu amigo até perguntou se eu estava bem.

Esfreguei as mãos no rosto e balancei a cabeça dizendo que sim. "O que está acontecendo comigo?".

— É Jerusalém? — perguntei querendo ouvir um não.

— Sim. — falou devagar, visivelmente preocupado.

viajantes_do_tempo.indd 21 03/12/2013 16:36:50

Caio levantou da cadeira assim que respondeu a pergunta e levou a folha para a professora, enquanto fiquei ali parada olhando o nada. Quando vi que ele já havia entregado, eu guardei os seus materiais. Depois ele fez um sinal para mim, pedindo que eu também saísse da sala. Ainda faltavam vinte minutos para o fim da aula, então fiquei de pé e saí.

Nós dois caminhamos em silêncio para o pátio e sentamo-nos na escada do meio, que levava para a diretoria. Eu ainda estava um pouco fora de mim pelo que aconteceu na sala, talvez uma pequena demonstração do que meus sonhos podem fazer.

— Elisa? — Caio chamou.

— Oi. — falei virando o rosto para ele.

— Você não ouviu nada do que eu disse?

— Você... Desculpe, eu estava pensando numa coisa. — balancei a cabeça e passei a mão na testa.

— O que está acontecendo? — perguntou interessado. — Me diga. — insistiu quando demorei a falar.

— São sonhos. Toda noite eles aparecem...

— Quem aparece?

— Os soldados... Nã-não, já aconteceu de serem pessoas com mantos longos. Outro dia estava chovendo tanto que houve uma inundação, só que no dia seguinte eu estava num lugar tão quente quanto o Saara.

Ele riu, e eu o encarei séria.

— Que mente fértil. — debochou.

— Mas não sou eu quem decide isso, simplesmente acontece. — reclamei. — E estou preocupada com minhas notas, se eu

viajantes_do_tempo.indd 22 03/12/2013 16:36:50

continuar aérea assim vou perder minha bolsa e ter que mudar para outra escola.

— Entendo... Se precisar de ajuda nos estudos estou à disposição. — falou com seriedade.

— Obrigada. — falei. Ele acenou com a cabeça, bagunçando um pouco os cabelos.

Seus escuros cabelos repicados eram arrumados em estilo meio que nerd, mas Caio estava longe de ser um cara tímido e fissurado pelos estudos como o penteado sugeria.

Quando éramos pequenos aprontávamos muito na escola, e ele teve de assinar o livro preto da diretora duas vezes. Brigávamos tanto que os professores viviam nos mudando de lugar e mandando bilhetinhos para nossos pais. Mas eu adorava implicar com ele, e acho que ele gostava de fazer o mesmo.

Bons tempos aqueles...

— Pensei que nunca mais iria falar comigo. — ele disse baixinho instantes depois.

Tomei um pequeno susto e parei de viajar na maionese.

— Eu sempre falo com você. — falei olhando para ele.

— "Oi" e "Tchau". — apoiou os cotovelos no degrau acima do que estava sentado, e esticou uma das pernas.

— Nem vem! Você que não puxa assunto. — cruzei os braços.

— E por que é que eu sempre tenho que puxar conversa? — perguntou sorrindo.

— Porque... Porque... Porque você é homem, tem que tomar iniciativa. — tentei.

viajantes_do_tempo.indd 23 03/12/2013 16:36:50

Ele riu, deixando o rosto ainda mais bonito. Uni as sobrancelhas desaprovando. Eu estava falando sério.

— Iniciativa... — repetiu olhando para frente.

O sinal para a segunda aula tocou e levantamo-nos para ir pra sala. Era aula de Educação Física.

Esperamos o professor fazer a chamada e nos liberar para o pátio. Estavam chegando as férias de julho, e como a maioria da turma já havia sido avaliada, ele deixava que as meninas ficassem num canto jogando vôlei e os meninos futsal na quadra.

— Acha que vai tirar nota boa na prova? — Magali perguntou a mim.

— Quem sabe... Mas o Caio parecia conhecer bem o assunto. E você?

— Acho que sim. — ela disse com um sorriso. — Ah, estamos fazendo uma votação, quer participar?

— Votação de quê?

— Do garoto mais interessante da sala. — falou em tom confidente e depois sorriu.

Quando sorria, Magali ficava praticamente com os olhos fechados. Ela era descendente de japoneses, tinha os cabelos cortados chanel e sempre usava uma fitinha amarrada neles. Era minha melhor amiga desde a 8ª série.

— Hm... É de extrema necessidade? — perguntei querendo tirar o corpo de fora.

— Sim. Sua opinião é muito importante.

Ela puxou meu braço e levou-me a uma parte do pátio perto do bebedouro onde estavam as outras meninas. Elas formavam

viajantes_do_tempo.indd 24 03/12/2013 16:36:50

um círculo em volta de uma bancada. Quando cheguei perto, notei que em cima da bancada estava um caderno com algumas perguntas e uma caneta, onde uma delas respondia.

"Vai sobrar para mim depois, sei disso", pensei comigo.

— Aqui, ela chegou. — Magali avisou às garotas.

— Tome, responda todas sem hesitar, só funciona se responder o que vier primeiro à sua cabeça. — disse Paloma, aparentemente a que teve a magnífica ideia.

Peguei o caderninho e li uma das perguntas: "Se você pudesse mudar o passado, com qual garoto da sala você daria o seu primeiro beijo?".

— Me desculpe, mas eu me recuso a responder. — falei à Magali.

— Mas precisa, — disse a melhor amiga de Paloma, Cristina — é uma pesquisa de campo, assim a gente não vai investir em quem você está de olho.

— Fala sério! — tentei, revirando os olhos. — E se não tiver ninguém que me interesse?

— Impossível! — Magali disse. Eu a fuzilei com os olhos.

— Ande logo, eles não vão ficar sabendo, isso é só entre a gente. — Amanda falou. Era a "Maria vai com as outras" da turma.

— Você respondeu? — perguntei à minha amiga.

— Sim.

— Eu posso ver?

— Pode. Sou o número 8.

O caderno começava indicando o nome da menina e o

viajantes_do_tempo.indd 25 03/12/2013 16:36:50

número dela, depois ficavam as perguntas, em média eram 20.

Folheei o caderno e vi as respostas. Pelo que percebi, os garotos mais cobiçados da sala eram, em ordem, André, Caio e Felipe.

André era o mais popular, fazia sucesso entre as garotas da escola, e se desse mole, cantava até a diretora. Era alto, forte, e reprovou duas vezes a segunda série. Felipe era o metido da sala, só por que era **muito** bonito e tinha feito sua primeira tatuagem aos 14 anos, se achava o tal. O Caio... bom, meu amigo é muito gente boa. É alto, inteligente, de aparência legal, se veste bem... E é isso.

— Já sabe o que responder? — Magali estava impaciente.

— Sei, mas tenho medo de escrever aqui. Vão ficar fazendo hora com a minha cara.

— É só bobagem de menina, responde logo pra gente jogar vôlei.

— Ok, espere um segundo.

Apoiei o caderno na mesa de ping-pong no meio do pátio e comecei a escrever. Depois que terminei entreguei o caderno para Magali, que fez questão de ler as minhas respostas.

Que vergonha!

Ela de vez em quando levantava uma das sobrancelhas e sorria. Isso me deixava ainda mais sem graça. Quando ela entregou o caderno para as meninas, virei de costas e fui andando rápido para a quadra.

— Eu sabia. — ela sussurrou ao meu lado tempos depois.

Eu tomei um baita susto.

— Sabia do quê?

viajantes_do_tempo.indd 26 03/12/2013 16:36:50

— Que você gostava do... — ela começou a dizer, mas pulei sobre ela tapando sua boca para que ninguém ouvisse.

— Nem pense em continuar o que estava falando, entendeu?

Ela balançou a cabeça dizendo que sim, então tirei minhas mãos dela.

— Certo... não vou dizer nada. Mas tem um problema.

— O quê?

— A Paloma também gosta dele, e... ela quer que você a ajude com isso.

— Como é que é? — falei inconformada, as bochechas começando a arder.

— É isso mesmo que ouviu. — Curvou os lábios numa expressão triste. — Ela quer que você deixe o caminho livre e dê um toque nele. Paloma quer ficar com ele e acha que você é uma conco...

— Não vou fazer isso. — disse interrompendo-a.

Magali relaxou os ombros e suspirou.

— Ela sabia que você não ia querer, por isso vai fazer chantagem. Lembra do caderno? É para isso.

Arregalei os olhos. Não acredito que tinha caído como um patinho nesta armadilha. A última coisa que eu queria era que soubessem de quem eu "gosto". Sim, porque não sinto aqueeela coisa por ele, é só... uma pequena inclinação.

— Você me traiu!

— Não foi culpa minha.

— Não foi? — falei alto, até demais. Os alunos que estavam um pouco afastados de nós ouviram. — Se não tivesse feito eu

viajantes_do_tempo.indd 27 03/12/2013 16:36:50

escrever naquele caderno eu não estaria brigando com você.

— Ela também fez isso comigo. — Os olhinhos puxados de Magali começaram a se encher de água.

Lembrei-me de que eu sempre a protegia. Ela é pequenininha e delicada, uma espécie de boneca. Mas agora eu estava brava, e nem a aparência daquele pequeno ser me comoveria.

Sempre me irritei com esses assuntos de namorados, costumo guardar esse tipo de coisa para mim mesma. Não sei o que me deu para escrever naquele caderno. Que raiva!

Minhas bochechas estavam queimando por dois motivos: primeiro que eu estava furiosa, segundo porque talvez Paloma contasse para a sala inteira!

Detalhe: adolescente vê crise em tudo. E eu não fico de fora disso.

— O que houve, meninas? — Marisa perguntou a nós. Ela é a líder da sala, a garota mais responsável e prestativa que conheço.

— Nada, nada não. — Magali falou com a voz falhando, estava chorando mesmo.

— Você, por acaso, escreveu naquele caderno da Paloma? — perguntei.

— Caderno? Que caderno? — Marisa quis saber.

— Não, deixa para lá. Mas se pedirem para você escrever, recuse.

— Certo. Mas por que Magali está assim?

— Ela foi enganada. — Fiz cara de luto. — Olha, eu tenho que resolver uns impasses, cuide dela, ok?

viajantes_do_tempo.indd 28 03/12/2013 16:36:50

— Tá.

Magali se jogou para Marisa num abraço, e esta me olhou confusa. Saí correndo para o banheiro feminino — o covil das garotas.

— Desta vez tem que dar certo... — ouvi Paloma dizer animada.

Dei um pigarro antes de entrar. Havia cinco meninas ali, elas olharam para mim sem se importarem muito.

— Eu queria saber que história é essa de que eu tenho que ajudar você a ficar com um garoto.

— Já te contaram? As notícias correm. — Ela riu um pouco. — É um trato: você me ajuda, e eu não conto nada a ninguém.

— Mas eu não aceito. — balancei a cabeça.

— Ah, não?

— Não. — minha voz ficou um pouco rouca.

— Pois muito bem. Vou agora mesmo fazer um comunicado aos meninos. — ela sorriu satisfeita. Eu engoli a seco.

Paloma estuda comigo desde que me entendo por gente. Conhece-me o suficiente para saber que eu tenho pavor que descubram meus sentimentos. Fomos amigas no passado, e então ela estragou tudo.

Tentei manter minha posição até não dar mais. "Ela não manda em mim, eu só vou fazer o que eu quiser", pensei com meus botões.

Fui com elas até a quadra de futsal. Da arquibancada nós vimos os garotos entretidos no jogo, estavam suados (eca!) e se movimentando rápido atrás da bola. As outras alunas da sala

viajantes_do_tempo.indd 29 03/12/2013 16:36:50

pareciam saber o que aconteceria a seguir, por isso vieram e se colocaram em volta de nós.

— Me diga, Paloma, o que foi que você viu naquele menino? Ele é tão... sem sal. — tentei.

Ela virou para mim, os olhos castanhos estreitados numa expressão cética.

— Como diria Shakespeare, "os homens de poucas palavras são os melhores". — falou com um sorriso misterioso.

"Aula de terça-feira passada", pensei enjoada.

— Mas não é ele quem disse também "é mais fácil obter o que se deseja com um sorriso do que à ponta da espada"?

— Pode ser o mais fácil, mas não é o mais rápido. Sabe há quanto tempo gosto deste menino? Anos! Seja mais inteligente, Elisa, prefira me ajudar se não quer passar o resto do ano envergonhada.

— Já disse que não!

— Foi você quem pediu.

Ela deu um alto assobio fazendo todo mundo parar e prestar atenção em nós. Inclusive ele. Minha vontade nesta hora era de sair correndo.

— Eu quero comunicar a todos os colegas que a nossa querida Elisa está apaixonada. — Paloma falou quase gritando. Os meninos na quadra fizeram uma comemoração idiota, uma espécie de zoação.

— Bate sinal, bate sinal. — eu disse baixinho, mesmo sabendo que a aula mal havia começado.

— Bom, ficamos muito felizes em informar a vocês o sortudo.

viajantes_do_tempo.indd 30 03/12/2013 16:36:50

— ela frisou a última palavra.

— Bate sinal, bate sinal...

— E o nome dele é... — ela olhou para mim, desafiando-me.

— Chega! — falei brava e desistindo. — Eu vou ajudar você. — a frase pareceu sem vida, sem lógica. Eu ajudando a garota mais metida da sala...

— Obrigada, você não sabe o quanto me deixa feliz ao dizer isso. — deu um beijo de Judas na minha bochecha e saiu com suas seguidoras zumbis.

Sentei-me na arquibancada desconsolada. Magali e Marisa vieram até mim e sentaram-se ao meu lado. Alguns garotos ficaram gritando pela Paloma para saberem o nome, mas por ela ter se ausentado, eles voltaram ao futebol.

— O que eu poderia fazer? — perguntei a elas enquanto olhava o jogo.

— Nada. — Magali respondeu.

Suspirei triste.

— Poderia ter falado para ele primeiro. — Marisa disse passando um braço em volta de meus ombros. — Duvido que iria te condenar.

— Para você é fácil falar. Eu nunca disse a nenhum garoto que gostava dele.

— Poderia ser a primeira vez. Imagine só se ele sentisse o mesmo? — ela continuou.

— Não... acho que não...

Levantei-me e saí da quadra com o coração apertado.

viajantes_do_tempo.indd 31 03/12/2013 16:36:50

viajantes_do_tempo.indd 32 03/12/2013 16:36:50

Dois: Sonho

Ajudar ou não ajudar, eis a questão.

No recreio fiquei sentada com minhas amigas na escadaria. Estávamos bebendo suco e dividindo um pacote de biscoito quando vi alguns garotos da nossa sala aproximarem-se de nós.

— Cuidem das minhas coisas, por favor, eu vou à cantina. — Magali falou para Marisa e eu.

— Oi, meninas. — André disse. Estava com as mangas da blusa do uniforme arregaçadas deixando os ombros de fora. — A gente queria saber qual é a desse caderninho que está circulando na sala.

Eu e Marisa nos entreolhamos.

— É coisa de menina, vocês não entenderiam. — falei rindo sem graça.

— Ah... Mas será que podemos, pelo menos, dar uma lidinha? — Felipe disse jogando charme, ajeitava o cabelo escuro, arrepiado.

— Não! — eu e minha amiga falamos com veemência.

— E por quê? — Bernardo perguntou.

— Vocês não iriam achar interessante, temos certeza. — Marisa disse. Antes mesmo de acabar a frase, Paloma e suas amigas chegaram à escada.

Era fácil reconhecê-la, cabelos castanhos sempre presos num rabo de cavalo impecável e o rosto todo maquiado.

— O que estão conversando? — Paloma quis saber. Felipe passou o braço em volta dos ombros dela.

viajantes_do_tempo.indd 33 03/12/2013 16:36:50

— Aquele caderno de capa roxa é seu? — André disse.

— É sim.

— A gente pode ler? — Bernardo perguntou com o cotovelo apoiado no corrimão da escada.

Paloma olhou para mim e depois para os meninos, e disse num tom fresco:

— Ainda não, rapazes.

— Ah... deixa, vai?! Só a primeira página. — Felipe fez biquinho quando terminou a frase.

— Assim não resisto. — Paloma sorriu.

— Ela vai se dar mal! — falei para Marisa, que fez leitura labial.

Paloma nos empurrou para o lado, e os quatro se sentaram, só as três amigas dela ficaram em pé olhando-nos.

— Aqui está. A primeira página. — ela mostrou para os meninos.

— Não acredito! — Bernardo falou brincando. — Até você escreveu, Elisa?!

— Me obrigaram. — declarei. Paloma deu uma cotovelada no meu braço. — Ai!

Os garotos pegaram o caderno da mão dela e abriram na metade. André, que era o mais alto, desceu as escadas e começou a ler. As meninas ficaram aflitas tentando pegar, mas não conseguiram.

Eu e Marisa não ficamos para presenciar o resto da brincadeira sem graça, saímos de lá assim que André terminou a pergunta "O que você mais gosta no garoto que escolheu na pergunta três?". Ou seja, ele saberia nossas respostas, depois

viajantes_do_tempo.indd 34 03/12/2013 16:36:50

iria ler a pergunta três, então olharia os números e os nomes das meninas, e logo após daria um jeito de ler o caderno todo!

"Droga! Eles vão descobrir tudo."

Achamos Magali na cantina comprando pastel e depois fomos para a outra escadaria. Ao todo eram três, duas nas extremidades e uma no meio.

Conseguimos um lugarzinho e sentamo-nos. Estava cheia de gente. No alto, perto do portão de acesso para as salas ficavam os **nerds**. Mais no meio ficavam os fissurados por música e objetos eletrônicos, e, no final, qualquer pessoa disposta a ficar sentada e não falar muito alto.

— Eu estava procurando você, Elisa. — Caio disse vindo até nós, desviando dos livros e depois dos eletroeletrônicos.

— Estava?

— Sim. — ele sentou-se ao meu lado. — A professora de História disse que tiramos a maior nota da sala. — ele sorriu.

— Você tirou. — falei desanimada, olhando para o movimento na escada do meio.

— Acho que seu nome também estava na prova.

Nós quatro ficamos em silêncio. Paloma estava roxa, como seu caderno, gritando com André, até a coordenadora foi ver o que acontecia.

— Está mesmo apaixonada? — Caio perguntou a mim.

Apoiei os cotovelos nos joelhos dobrados e sustentei o rosto com as mãos.

— Não. — falei bem baixinho.

— Pois parece, você está vermelha.

viajantes_do_tempo.indd 35 03/12/2013 16:36:50

— Esquece isso, tá?

— ...

***

Quando cheguei em casa fui voando tomar banho e depois almoçar. Tive que fazer tudo rápido para evitar a frase "como foi o seu dia?", feita de forma ritualística pela minha mãe. Depois do almoço inventei de estudar, mesmo com sono.

Meu quarto era de tamanho médio. Tinha uma das paredes azul, algumas estrelas que brilham no escuro grudadas no teto, uma escrivaninha acoplada a minha cama — a cama fica em cima da escrivaninha, para subir usa-se uma escada —, tem um divã roxo, um guarda-roupa bacana, TV e estante onde guardo meus livros velhos.

Peguei o livro de matemática e tentei resolver as questões de trigonometria que o professor havia passado na última aula. Não é o que eu chamo de fácil, mas às vezes desafios são interessantes. É... mas talvez não hoje, nem agora.

Minha mente estava em outro lugar. Na escola. E se ele soubesse... O que faria? O que pensaria de mim? Que grande enrascada! Tudo isso por culpa da Paloma. Se ela não tivesse deixado os meninos lerem... Mas, pensando bem, se ele já sabe, eu não vou precisar ajudar a Paloma. Estou livre dessa penitência!

Fazer conta não estava dando certo, então peguei o livro de português e fui ler o conteúdo da próxima aula: Romantismo. Primeiro mostrava o contexto histórico, e depois, como exemplo, apresentava um trecho da obra "O Sofrimento do Jovem Werther", de Goethe.

viajantes_do_tempo.indd 36 03/12/2013 16:36:50

Não resisti a minha cama macia e caí no sono. Como já era de se esperar, tive um sonho esquisito.

Vi uma moça muito bonita de longos cabelos escuros, e estes estavam divididos em duas tranças, a pele era bem morena e usava um vestido lindíssimo. Verde, azul e dourado eram as cores predominantes. Também tinha colares de ouro enfeitados com prata. Ela caminhava por, aparentemente, um jardim real.

Eu estava em cima de uma macieira, e não pude deixar de ouvir o que a mulher falava em meio a suspiros.

— Ó rei, o meu amor desceu ao seu jardim, aos canteiros perfumosos. Eu sou do meu amado e o meu amado é meu. — ela sorriu. — Eu me sinto feliz em seus braços, os seus carinhos são doces para mim.

Do nada ela começou a dançar. Era a garota mais apaixonada que eu já vi em toda a minha vida.

— O meu amado é como as flores do campo nas plantações de uvas que ficam perto da fonte de Gedi. Levante-se, vento do norte! Venha, vento do sul! Sopre sobre o meu jardim e encha o ar de perfume.

Então ela parou e olhou fixamente em direção aos montes.

— O que é aquilo que vem subindo do deserto? — falou para si mesma. — Parece uma nuvem de fumaça de mirra... — Ela levou as mãos à boca e ficou imensamente feliz. — É a liteira do rei Salomão.

— Liteira? — perguntei confusa.

A mulher tomou um susto tão grande que caiu sentada na grama.

viajantes_do_tempo.indd 37 03/12/2013 16:36:50

— Er... Não tenha medo. Eu vim em paz. — Pulei do galho da macieira.

Ela levantou-se e foi andando de costas, bastante assustada.

— Pode me dizer que lugar é esse? — perguntei.

— Não conhece os jardins do rei? — disse olhando em volta, procurando um lugar para esconder-se de mim.

— De quem você está falando?

— Salomão. — A mulher parou e parecia derreter-se ao pronunciar o nome.

— Salomão? — falei surpresa. Ela deu uma risadinha.

— Entre dez mil homens, o meu amado é o mais bonito e o mais forte.

Percebi que faltava uma moeda de ouro em sua pulseira. Olhei para o chão e comecei a procurá-la. Ela também começou a procurar comigo, sem nem saber o que eu buscava.

— Aqui está. — falei um tempo depois. — Você deixou cair isto. — abaixei-me e tentei tocar na moeda mas ela parecia um holograma.

Levantei os olhos e vi que a mulher olhava para mim curiosa. Estiquei a mão e tentei tocar em seus cabelos. Também não consegui. Tudo parecia ter saído de um programa de computador muito bem feito. Ou talvez...

— Minha mão! — falei aflita.

Eu estava desaparecendo! O contorno de minha mão foi ficando cada vez mais claro e fino, era como areia escorrendo dos dedos, se esvaindo...

viajantes_do_tempo.indd 38 03/12/2013 16:36:50

Aos poucos meu corpo desfazia-se até o ponto de não sobrar mais nada. Então acordei.

— Foi só um sonho. — falei secando o suor de minha testa.

— Você está bem?

— Aaaaaaah!!! — gritei de susto.

— Calma, calma. — disse Bárbara, minha vizinha e melhor amiga.

Detalhe: tenho vários melhores amigos.

— Que bom que é você, Babí. Tava precisando desabafar. — pulei da cama.

— A Eva disse que você estava estudando. Viu o bolo que ela fez? Parece uma delícia.

Estreitei os olhos.

— Juro que não vim por isso. — Bárbara falou abanando as mãos.

— Vamos lá para baixo, talvez eu precise investigar certo bolo.

Nós duas saímos do quarto e descemos as escadas. Sr. Pepino, meu **cocker spaniel**, já de idade avançada, estava dormindo no primeiro degrau, então pulamos por sobre ele e fomos para a sala de estar.

— Já disse que adoro o cheiro de lavanda da sua casa? — Babí disse mexendo nos livros de arte da minha mãe.

Minha casa é 70% rústica. Meus pais adoram móveis de madeira, plantas, quadros... Aqui dentro tem um clima morno, aconchegante. Acho que me acostumei tanto com isso que se morasse no meio do mato numa casinha de madeira iria adorar.

viajantes_do_tempo.indd 39 03/12/2013 16:36:50

— Eva, é verdade que tem bolo? — falei à empregada, da porta da cozinha.

— Tem, mas tá quente ainda.

— Aaah... Isso é tão triste. — eu disse fazendo biquinho. Ela riu.

Eva é a empregada mais legal do mundo inteiro! Faz anos que trabalha aqui, desde que me entendia por gente. Ela brinca de tomar banho de mangueira comigo no quintal, de fazer barraca de lençol na sala, conta histórias para eu dormir — que ela mesma inventa —, e é cozinheira de mão cheia. O mais legal de tudo é que ela gosta de trabalhar aqui.

Eu e Bárbara nos sentamos no sofá e eu liguei a TV. Zapeei os canais e deixei em um que estava passando filme. Nem acreditei que tinha dormido tanto, eram quase quatro da tarde.

— E então, o que queria me contar? — minha amiga perguntou.

— As meninas da sala descobriram de quem eu gosto. Pior, uma delas está me chantageando para que eu a ajude a ficar com ele.

— Não entendi. Ela quer que você fique com ele?

— Nãão. Ela quer ficar com ele.

— Quê??!! Vira pra ela e diz com todas as letras: "Olhe aqui, queridinha, o Bernardinho é só meu!".

— Não tem graça, Bárbara. — falei olhando para a TV.

— Qual é o nome dessa garota?

— Paloma.

— Olha aí, — cruzou as pernas sobre o sofá. — nada a ver Paloma e Bernardo. Tem que ser Elisa e Bernardo. Fica mais perto no alfabeto: a, b, c, d, e! P é muito longe de b.

viajantes_do_tempo.indd 40 03/12/2013 16:36:50

— Lembra da regra: antes de **p** e **b** vem o **m**? Quer dizer que se eles se casarem vão ter um filho com a letra m. — eu disse acompanhando seu raciocínio ilógico, mas tudo bem. — Vamos mudar de assunto, vai?!

— Ainda não resolvemos isso. — jogou uma almofada em mim.

— Mas talvez ele até já saiba de tudo... — eu disse a ela, e lembrei-me de uma resposta que eu escrevi. — Droga! — arregalei os olhos, preocupada. — Eu escrevi uma besteira enorme no caderno!

— O quê?

Olhei para os lados antes de continuar. Como não havia ninguém, contei a ela:

— Na pergunta "Com qual garoto você daria seu primeiro beijo se pudesse mudar o passado?", eu escrevi que seria com o Caio. — escondi o rosto entre as mãos, envergonhada.

— Caio? Aquele seu amigo lindo que mora aqui perto?

— Sim. — falei num gemido.

Ela parecia pensar. Depois olhou para mim com um sorriso torto.

— Argh! Você não me leva a sério. — resmunguei e voltei a encostar as costas no sofá.

— Claro que levo. Mas por que escreveu o nome dele se você gosta do Bêzinho?

— Não sei. — olhei para o teto. — Foi a primeira pessoa que me veio à mente naquela hora, e era para escrever impulsivamente. Talvez tenha sido porque passei boa parte do dia com ele.

— Ou não... Ele é tão interessante quanto o Bernardo?

— O Bernardo fala muita besteira, já o Caio, não.

viajantes_do_tempo.indd 41 03/12/2013 16:36:50

— Por que não o apresenta à Paloma? Assim deixa o caminho livre.

— Falando assim até parece que eu quero algo com o Bê...

Ela revirou os olhos.

— Você é a garota mais estranha que eu conheço! Gosta de alguém só por gostar. Não quer nada além disso.

— Já disse que quero um romance igual ao da minha mãe. — voltei a zapear os canais.

— Não é possível que a tia Carol só teve o seu pai como namorado.

— Foi o que ela me contou. — respondi.

— A-Ha! Carolina e Douglas. C e d. Viu só?!

Joguei uma almofada nela.

***

Eu estava assistindo desenho animado quando meus pais chegaram em casa, depois de um dia de trabalho.

— Oi, filha. — meu pai disse tirando a gravata e jogando em cima do sofá. — Ajude sua mãe a trazer as compras, por favor? — deu alguns pulinhos tentando tirar o sapato do pé esquerdo.

— Tá bom. — eu disse com um risinho.

Abri a porta da sala e me deparei com Pepino rodeando a minha mãe, cheia de sacolas nas mãos. Saí correndo e fui ajudá-la.

— Obrigada. — ela agradeceu aliviada.

— Como foi o trabalho, mamãe?

— Foi ótimo, e a sua aula foi legal?

— Foi, foi sim... — eu disse. Ela me avaliou por um instante. Nós entramos na sala.

viajantes_do_tempo.indd 42 03/12/2013 16:36:50

— Mas que carinha é essa? — me perguntou.

— Amor, você viu onde coloquei o carregador do meu celular? — meu pai estava como um doido procurando. — Meu chefe vai me ligar e acabou a bateria!

— Depois você me conta isso direito, tá?! — ela disse a mim.

— Certo. — respondi.

— Já viu na gaveta do criado-mudo do seu lado da cama? — ela deixou as compras no chão e apoiou as mãos na cintura.

— Não tinha pensado nisso antes.

Meu pai deu um beijo na testa dela e subiu as escadas correndo. Eu e ela trocamos sorrisos. Minha mãe levou as compras para a cozinha e eu fui na garagem buscar o restante.

O telefone tocou.

— Elisa, atende aí? — minha mãe pediu.

Fechei a porta e fui atender.

— Alô? — falei.

— Lisa? É o Caleb, tudo bom?

— Oi tio, — ele é primo da minha mãe. — tudo ótimo, e com você?

— Também. Sua mãe tá por aí?

— Está sim, mas parece ocupada, quer deixar um recado ou é só com ela?

— Diga que o culto de oração não vai ser na minha casa hoje, será na casa do Rafael e da Mônica. É que nós temos visitas. Já está tudo combinado lá com eles. É só isso.

Desligamos e eu fui à cozinha dar o recado. Minha mãe estava ajeitando o café e arrumando a mesa para o lanche da tarde.

viajantes_do_tempo.indd 43 03/12/2013 16:36:51

— O tio ligou e disse que o culto de hoje vai ser na casa da tia Mônica, porque ele vai receber visita.

— Eles já avisaram para ela? — mamãe falou.

— Já.

Peguei um pedaço de bolo que estava em cima da mesa. Divino! Era de cenoura com cobertura de chocolate.

— Filha, você pode ir comigo? — minha mãe disse quando eu já estava saindo da cozinha.

— Eu? — falei manhosa.

— Você... — minha mãe falou da mesma forma. — É que seu pai tem que resolver assuntos da empresa.

— Aaah, mamããe...

— Você nunca vai comigo. — ela fez um biquinho com os lábios, como eu sempre fazia quando queria algo dela.

— Não vale usar esses métodos, Dona Carolina. — estreitei os olhos, brincando.

Ela deu um sorriso enorme.

— Vá com ela, filha. — meu pai pediu com jeitinho, entrando na cozinha.

— Ok, ok. Vocês venceram. Mas eu só vou participar do culto se o Caio também for. Da última vez ele nem estava em casa.

Mamãe fingiu repetir tudo o que eu disse em dialeto "blá-blá-nês".

— Tá certo. — falou por fim. — Vá se arrumar, em meia hora estaremos indo.

— Tá.

viajantes_do_tempo.indd 44 03/12/2013 16:36:51

Subi para o meu quarto, peguei uma calça jeans escura, uma camiseta branca com uma estampa de árvore e depois entrei no banheiro para tomar banho rapidinho.

Devo ter demorado bastante me arrumando, porque quando desci as escadas minha mãe estava bonitona, sentada no sofá folheando uma revista de política, coisa que ela não gosta. Isso era sinal de que estava entediada de tanto me esperar.

— Pronto. — avisei.

Ela jogou a revista na mesinha, levantou-se, pegou a chave do carro e acenou para que eu abrisse a porta.

A casa do Caio não era muito longe da nossa. Demorava no máximo cinco minutos indo de carro. Estava um silêncio chato. Não sei se pela minha demora ou se por algum outro motivo, minha mãe não parecia querer conversar.

— Fiz alguma coisa, mãe?

— Mais ou menos.

— Se for pelo banho, desculpa, não sabia o que fazer no cabelo. — tentei de tudo e acabei indo com ele solto mesmo.

— Não, filha, isso é o de menos. O fato é que te falta interesse... Interesse para com aquele que te criou.

— Hã?

Ela estacionou o carro na frente da casa da tia Mônica e do tio Rafael. Nós descemos e eu toquei a campainha. Pouco tempo depois, Mônica abriu o portão e nos convidou a entrar.

Mônica, mãe do meu amigo e colega de classe Caio, é estilista. Há algum tempo seu estilo de vestimenta é baseado em tendências bem femininas, o que quer dizer que quase

viajantes_do_tempo.indd 45 03/12/2013 16:36:51

sempre a vejo de vestido. Sempre aposto com meus botões qual cor ela estará usando. Apostei no vermelho, mas estava vestida de azul celeste.

— Estela e Vinícius disseram que vão demorar um pouco para chegar, o carro deu problema. Aceitam um café? — ela perguntou a nós.

— Não, não. Obrigada. — minha mãe disse.

Sentamo-nos no sofá da sala. Era um ambiente muito decorado e luminoso. Tudo arrumado de forma minuciosa. O que chama primeiro a atenção são os porta-retratos com fotografias da família em diversas partes do mundo.

— O Caio está no quarto, pode ir até lá se quiser, Elisa. — Mônica disse a mim.

Olhei para minha mãe, para ver se ela deixava. Ela acenou com a cabeça, então levantei-me e fui para o segundo andar.

Ao longo do corredor havia muitos cômodos. Bati numa das portas e ouvi um "entre". Girei a maçaneta e abri um pouquinho.

— Posso mesmo entrar?

— Elisa? — Caio disse surpreso. Ele, que estava deitado na cama lendo um gibi, levantou-se e pegou uma camisa no guarda-roupa e vestiu rapidamente. — Pode.

Era um quarto grande. Uma das paredes, a com a cama, criados-mudos e uma prateleira repleta de filmes, livros e gibis, era pintada de azul. Do outro lado do quarto ficava um móvel planejado com computador e outros eletrônicos. Havia uma varanda que dava para a parte de trás da casa.

viajantes_do_tempo.indd 46 03/12/2013 16:36:51

— Lendo o quê? — falei rindo.

— Homem-Aranha. — levantou o gibi e me mostrou uma capa bem ilustrada. — Não sabia que você viria.

— Minha mãe pediu. — sentei-me na cadeira do computador.

— Entendi... Vai poder ficar aqui para me fazer companhia ou vai ficar lá embaixo com eles?

— Com eles. — respondi. — Você não desce para os cultos?

— Às vezes. — depois de guardar o gibi na prateleira ele sentou-se na beirada da cama, de frente para mim, apoiando os cotovelos nos joelhos.

— Hm... — Eu não fazia ideia do que conversar, o assunto do caderno de Paloma ainda estava se desenrolando em minha mente, principalmente a pergunta que envolvia o Caio.

— Tá esperando eu dar o primeiro passo na conversa? — levantou uma das sobrancelhas.

— Desculpa. Estava pensando. — coloquei uma mexa de cabelo atrás da orelha.

— Como sempre. — riu um pouco.

Olhei no relógio em cima da mesinha do computador, marcava sete e nove. Peguei um CD de uma banda evangélica perto do relógio e virei-o para ler os títulos das faixas.

— Fez o trabalho de biologia? — perguntou.

— Que trabalho?

— Sobre protozoários.

Coloquei o CD em cima da mesa e virei para frente.

— Fiz no mesmo dia que o professor pediu.

— Eu me esqueci de fazer, vou ver se começo ainda hoje...

viajantes_do_tempo.indd 47 03/12/2013 16:36:51

— Ih! Então devo estar atrapalhando. — levantei-me. — Foi mal.

— Não, Lisa, você não atrapalha. — levantou-se. — Muito pelo contrário, — agora deu uma risada. — como já fez o trabalho, pode me ajudar no meu?

— Claro... — sorri. — que não.

— Tá falando sério? — se assustou.

— Não, seu bobo, tô brincando. — dei um empurrãozinho no ombro dele, que deu passos vacilantes para trás.

— É guerra? — perguntou sorrindo.

Ele quase me matou de rir com tanta cócega que fez em mim. Caio sabia dos meus pontos fracos; cutucar as costelas fazia com que eu desse gargalhadas até chorar. Coloquei a cadeira giratória entre nós, saindo correndo em seguida para o outro lado do quarto. Caio correu por cima da cama e pulou na minha frente dando um sorriso misterioso. Tentei fugir dele, mas segurou a minha mão, nós escorregamos feio no tapete. Até tentamos nos manter de pé, mas não deu.

Caio ria deitado no chão ao meu lado e eu estava atordoada.

— Você tá bem? — ele perguntou depois de parar de rir.

— Aham, e você?

— Também.

Parei de olhar o ventilador de teto e virei o rosto. Ele me olhava de um jeito estranho, meio bobo. Isso me assustou um pouco. Ergueu a mão e percebi que ia mexer em meu cabelo. Engoli a seco. Não aguentei o clima e me levantei.

— E os protozoários? — perguntei já de pé.

viajantes_do_tempo.indd 48 03/12/2013 16:36:51

Ele sentou-se e coçou a cabeça.

— Pois é...

Ouvimos alguém bater na porta.

— Entre. — Caio falou.

— Já vamos começar. Vocês vão descer? — Rafael, o pai do Caio, perguntou a nós.

Rafael era arqueólogo. Tinha voltado recentemente da África, onde havia feito uma pesquisa para a faculdade onde trabalha. Era loiro, alto, e a pele estava bronzeada pelo sol escaldante que deve ter pegado. Seu filho o puxou em quase tudo na aparência; os cabelos do meu amigo eram castanhos escuros iguais aos de Mônica, só que bem lisos.

— Sim. — falei indo em direção à porta. Depois olhei para Caio outra vez. Ele acenou com a mão e então eu fechei a porta.

viajantes_do_tempo.indd 49 03/12/2013 16:36:51

viajantes_do_tempo.indd 50 03/12/2013 16:36:51

Três: Gênesis

Nesta noite era Mônica quem iria falar sobre a Bíblia. Ela abriu o Livro em Eclesiastes, capítulo 12, e começou a ler versículos aleatórios.

— Lembre-se do Criador enquanto você ainda é jovem, antes que venham os dias maus e cheguem os anos em que você dirá "não tenho mais prazer na vida". A vida vai se acabar como uma lamparina de ouro que cai e quebra, quando a sua corrente de prata se arrebenta, ou como um pote de barro se despedaça quando a corda do poço se parte. Então nosso corpo voltará para o pó da terra, de onde veio, e o nosso espírito voltará para Deus, que o deu. — ela fez uma pequena pausa e continuou. — Nós teremos de prestar contas a Deus de tudo o que fizermos e até daquilo que fizermos em segredo, seja o bem ou o mal. De tudo o que foi dito, a conclusão é esta: tema a Deus e obedeça aos seus mandamentos porque foi para isso que fomos criados.

"Profundo", pensei comigo mesma.

— Fomos escolhidos por Deus para levar seu amor àqueles que não O conhecem. — Mônica falou olhando para nós, havia colocado a Bíblia sobre a poltrona atrás dela. — Devemos dar graças a Ele por nos chamar e nos tirar das trevas do pecado, e nos trazer para a maravilhosa luz da sua presença. Vamos orar agora. — ela deu um sorriso gentil.

Levantamo-nos e fizemos um círculo dando as mãos. Ela começou a orar e, depois, cada um que sentia o desejo orava também.

viajantes_do_tempo.indd 51 03/12/2013 16:36:51

Quando minha mãe estava orando, alguém soltou minha mão, que estava unida a Estela e depois a segurou. Abri um dos olhos e vi Caio ouvindo a oração de cabeça baixa.

Ali pude entender o que minha mãe quis dizer com "falta de interesse por aquele que me criou": eu não estava dando a devida atenção àquele que me via 24 horas por dia. Decidi que todos os dias eu iria ler a Bíblia para conhecê-Lo melhor, e começaria hoje à noite mesmo, assim que chegasse em casa.

***

— Só mais um pouco... Vamos, aguentem... — falei para meus olhos que ardiam querendo se fechar.

Eu estava tentando ler a Bíblia, mas o sono me vencia. Levantei da cama, andei em círculos no quarto com o livro na mão, só que não estava dando certo.

— O que está fazendo, filha? — minha mãe perguntou da porta do quarto quando passava pelo corredor.

— Estou lendo a Palavra.

— Hmm... Fico feliz por isso. — Ela sorriu e já ia saindo.

— Espere mãe. — falei, e ela voltou.

— O que é?

— Quando você tinha a minha idade gostava de ler a Bíblia?

— Eu não era cristã na sua idade, filha. — falou com doçura.

— Ah é... Mas e quando se converteu, você lia numa boa?

— Sim, por quê?

— Eu não consigo. A linguagem é difícil e toda vez que começo a ler eu sinto sono. Não que seja chato, mas... sei lá, não parece muito interessante.

viajantes_do_tempo.indd 52 03/12/2013 16:36:51

Ela ficou quieta.

— Olhe só. — abri a Bíblia no primeiro capítulo e comecei a ler. — "E a terra era sem forma e vazia; e havia trevas sobre a face do abismo; e o Espírito de Deus se movia sobre a face das águas".

Eu a olhei esperando uma resposta.

— E daí? — disse ela.

Quase caí para trás.

— E daí que eu não entendi nada, mamãe!

— Peça para Deus te dar o entendimento, a sabedoria da Palavra.

— Não tem algo mais fácil? — atrevi-me a dizer.

— Vou arranjar para você uma Bíblia de estudos, mas continue lendo esta aí enquanto isso. — disse saindo do quarto.

Olhei para o livro, aberto em Gênesis.

— Agora é questão de honra! Vou desvendar este livro aqui, nem que para isso eu fique acordada a noite inteira.

***

— Então não deu certo? — Marisa disse pouco antes de entrarmos na sala de aula.

— Não. Nem cheguei na parte que fala da criação da mulher. Caí em sono profundo, não tive sonhos, nem acordei no meio da noite.

— Isso costuma acontecer quando leio a matéria de Química. — Magali falou.

— Mas é que... — contive minha fala quando vi Paloma chegar. Ela passou por nós para sentar-se no meio da sala, levantei-me e fui atrás dela.

viajantes_do_tempo.indd 53 03/12/2013 16:36:51

— O que foi, Elisa? — disse a mim.

— Quero saber o que aconteceu ontem.

— Nada de mais. — colocou a bolsa de lado e o fichário sobre a mesa e sentou-se.

— O que eles leram? — fui direto ao ponto.

— Não sei exatamente, mas não foi tudo. — ela fez cara de coitadinha. Uni as sobrancelhas.

— Está satisfeita agora? Isso que dá querer chantagear as pessoas... Quebrou a cara.

— Você não sabe se ele leu...

— Quer saber?! Cansei, já não tô ligando mais para isso. Se quiser, conte, Paloma. — balancei os ombros — Eu desminto. — dei as costas e saí.

— E você mente? — ela perguntou alto. Touché!

— Não... — falei baixinho.

— Pensei que fosse de igreja. Que decepção...

Virei para ela.

— Você me paga! — fui me sentar. — Argh!!

Minhas amigas ficaram olhando para mim por um tempinho. Magali com os olhos puxados e semblante inofensivo, Marisa com os lábios rosados repuxados para o canto, as sobrancelhas castanhas arqueadas de preocupação pela minha cara zangada.

— O que ela fez? — Marisa pegou a carteira e juntou à minha.

— Ainda vai me fazer seguir aquele planinho. — sustentei o rosto com as mãos — Isso podia ser só um pesadelo.

— Já disse o que tem que fazer, conta pra ele logo de uma vez.

viajantes_do_tempo.indd 54 03/12/2013 16:36:51

— Está doida, Marisa?! Já falei que não tenho coragem.

— Quer que a gente conte por você? — ela se ofereceu.

— Eu também?! — Magali disse com os olhos arregalados.

— Claro. — Marisa falou a ela.

— Aaiinn... — a japonesa gemeu ao meu lado — Não quero nãão.

— Sério, Lisa, acabe de vez com essa bobeira. Já tô cheia de deixar que a Paloma faça o que quer. Alguém tem que dar um jeito nisso.

— Odeio ter que admitir, mas você está certa, — concordei — alguém tem de dar um jeito nela. Mas não precisa ser eu.

Marisa fechou a cara.

— Tá ok! — suspirei. — Mas assim, diz para ele que eu só... Deixe-me ver. — pensei um pouco.

O que eu sentia? Amor? Não, não. Profundo demais. Paixão? Cruzes, parece algo avassalador. Carinho? Não, muito tosco pro momento. Atração? Eu nunca diria isso!!! Já sei!

— Diz que eu tenho um "sentimento indefinido por ele". Pronto.

Elas olharam para mim desaprovando.

— Afeição. Vou dizer isso. — Marisa disse.

— Se ele entender, tudo bem. — Magali comentou.

A professora de Português entrou na sala e já foi encher a lousa de matéria. Mas tinha algo diferente. Olhei para trás e vi uma carteira vazia.

— Caio...

viajantes_do_tempo.indd 55 03/12/2013 16:36:51

Meu amigo não era de faltar à aula. Não sei por quê, mas senti algo diferente. Eu queria vê-lo. Talvez fosse para fugir de Bernardo, ou quem sabe dizer que me diverti ontem à noite.

— Perdeu alguma coisa aqui atrás, Elisa? — Diogo perguntou a mim, brincando.

— Não. Só estava dando uma olhada na galera.

Ele virou e olhou para trás também.

— Galerão! Tudo gente fina. — falou com um sorriso de orelha a orelha.

Baguncei o cabelo vermelho dele. Diogo era o otimismo em pessoa, sempre feliz e sorridente, era o queridinho das garotas da sala.

— Quem dera. — virei para frente.

A professora começou a explicar o que ela havia escrito. Era sobre modos verbais. Em alguns momentos ela fazia piadinhas, em outros fazia perguntas a nós. Assim a aula passou rápido e prazerosa.

O sinal para a segunda aula tocou e os alunos saíram para ficar conversando no corredor.

— A gente podia falar com ele logo agora, o que acha? — Marisa comentou.

— Quê? — surtei. — Agora? Ah não, tá cedo!

— Quanto mais cedo melhor.

— Mas eu não quero estar aqui quando você for falar. Já posso até ver a cara de "Hã?!" que ele vai fazer.

— Que nada, amiga. — tampou suas canetas coloridas que estavam sobre a mesa. — Faça o seguinte, vá beber água,

viajantes_do_tempo.indd 56 03/12/2013 16:36:51

enquanto isso a gente conta.

— Vou beber água, aí quando voltar vou ter que enfrentá-lo. Ótima ideia. — ironizei.

— Uma hora vai ter que dar de cara com ele, encare os fatos... — Marisa me disse.

Respirei fundo e levantei-me.

— Espero que dê certo. Não aguento mais ficar martelando isso na minha mente. — saí da sala.

O corredor estava lotado e barulhento. Tive que descer as escadas desviando da multidão.

— Aula vaga?

— Oi?

Virei para ver quem estava falando comigo.

— A professora de Física faltou? — Caio perguntou a mim.

— Amigo! — não contive o impulso e dei um abraço nele.

— Cuidado, ou nós vamos cair da escada. — ele disse segurando firme no corrimão.

— Foi mal. — soltei-o. — Você pode ir comigo ao bebedouro? Por favor... — fiz cara de cachorro pidão.

— Posso deixar a mochila na sala primeiro?

— Não! De forma alguma, se quiser até carrego pra você.

Ele ergueu uma das sobrancelhas.

— Certo... Vamos lá. — ele disse desconfiado.

Descemos as escadas, caminhamos pelo saguão até chegarmos perto dos orelhões, onde ficava o bebedouro, e esperamos na fila.

— Perdi algo importante? — perguntou.

viajantes_do_tempo.indd 57 03/12/2013 16:36:51

— Não, depois passo a matéria para você.

— E por que está fugindo da sala? — ele disse. — Seja sincera.

— As meninas vão contar uma coisa a certa pessoa.

Chegou a minha vez de beber água.

— É segredo?

— Mais ou menos. — falei arrumando o cabelo para o lado e torcendo-o para não molhar.

Caio ficou olhando para a quadra de futebol, parecia pensar em algo.

Meu celular tocou. Atrapalhei-me toda com a água que estava bebendo, molhei minha blusa e a bermuda do uniforme ao tentar secar rápido as mãos.

— Alô? — falei quando consegui pegar o aparelho no meu bolso.

— Contamos a ele. — Magali falou.

— Sério?! E o que ele disse?

— Hã... Ele quer conversar com você.

Fiquei sem fala. E agora? O que eu iria dizer?

— Algum problema? — Caio perguntou.

— Vamos dizer que sim.

Percebi que ia falar mais alguma coisa, mas comecei a andar rápido e ele foi atrás de mim.

— Por que não me conta, Elisa? — ele segurou meu braço quando estávamos na escada. — Não confia em mim?

— Não é questão de confiar, — fiquei de frente para ele, dois degraus acima — é que você não...

— Pensei que fossemos amigos. — interrompeu-me chateado.

viajantes_do_tempo.indd 58 03/12/2013 16:36:51

— **Tire seus olhos dos meus, eu não quero me apaixonar, ficou em mim um adeus...** — eu e Caio olhamos para o lado de onde a música vinha. Eram Diogo e Rodolfo cantando "Não Olhe Assim", de Leandro e Leonardo, para nós. — **Que deixou esse medo de amar...**

Fiz uma cara feia para os dois e continuei subindo.

— **Não olhe assim, não. Você é linda demais. Tem tudo aquilo que um homem procura em uma mulher...** — Rodolfo continuou.

— Menos, cara. Menos... — ouvi Caio dizer a ele.

Ao chegar à sala senti como se todos estivessem me olhando. Era uma sensação esquisita e constrangedora. A professora estava corrigindo as provas que fizemos na semana passada e não havia matéria na lousa.

Sentei no meu lugar e senti-me encolher quando Bernardo pegou uma cadeira e colocou perto de mim.

— Oi. — ele falou.

— O-o-oi. — gaguejei.

— Eu... — o Bêzinho riu um pouco olhando para o chão, depois virou-se para o meu lado. — nem acredito que você gosta de mim, Elisa. Fiquei muito surpreso.

Tive medo de estar parecendo um pimentão e percebi que todas as meninas prestavam atenção na nossa conversa.

— Acontece que... — comecei a me explicar.

Ele sorriu, depois deu um beijo na minha bochecha, o que me deixou paralisada.

— Gosto muito de você também. Te acho uma garota incrível, tão solta, alegre...

viajantes_do_tempo.indd 59 03/12/2013 16:36:51

André chamou o Bernardo no fundo da sala.

— Peraí, falo com você depois, flor. — levantou-se. — Tchau.

— Tchau...

Meu corpo escorregou na cadeira e eu fiquei sentada na pontinha. Minhas mãos estavam suadas, minhas orelhas queimando. A conversa não durou nem dois minutos, e eu já queria que a aula estivesse acabando para eu passar o dia todo pensando no beijo que ele deu em meu rosto.

— Não quero conversar. — falei às meninas que vieram saber da novidade.

— Só conte o essencial, Lisa. Nós queremos saber. — Amanda falou a mim.

— Queremos não, precisamos. — Camile corrigiu sorridente.

— Não é nada importante, gente. — eu quis acalmá-las.

— O garoto te deu um beijo, acha que não é importante? — Paloma ficou de frente para mim com os braços cruzados e a cara fechada.

Pensei por um instante. Ela estava certa. Carambolas! O garoto por quem eu tinha "um sentimento indefinido" me achava incrível! Isso devia ser o máximo. Mas Paloma não estava **totalmente** certa. Eu me sentia confusa. Nunca me passou pela cabeça que alguém, mais especificamente **ele**, corresponderia aos meus sentimentos. De repente, me peguei questionando se o que eu sentia era real, porque... Sabe quando tem aquelas brincadeiras "quem você levaria para uma ilha deserta?" ou "se houvesse um ataque zumbi à Terra, quem você levaria para seu esconderijo?"? Pois é, eu não me lembraria dele. Será que isso quer dizer alguma coisa?

viajantes_do_tempo.indd 60 03/12/2013 16:36:51

— Talvez. — respondi séria, todo o calor do meu rosto já tinha esfriado.

— Como assim "talvez"? — Paloma brigou. — Você sabe o que eu queria, eu sim daria mais valor. Agora você... nem dá a devida importância.

— Paloma, se quer alguma coisa, corra atrás. Vai ficar dependendo de mim?

— Diga a verdade, Elisa. Você gosta dele ou não? — Cristina perguntou.

— Não sei responder. Por favor, me deem licença. — Levantei-me e saí da sala inventando que queria ir ao banheiro — na verdade eu havia saído para pensar.

Respirei aliviada quando voltei e vi as garotas dispersas. Fui olhar pela janela, de lá dava para ver a parte de fora da escola, várias casas, as árvores em volta de uma creche, entre outras coisas. O sol a essa hora da manhã era bem morninho.

— Sua prova, Elisa. — Vanessa entregou a folha a mim.

"8,5. Nada mal.", pensei.

Voltei para minha carteira e sentei-me, guardando a prova dentro do fichário. Marisa veio até mim com o semblante triste e mostrou a sua nota.

— É a terceira vez que fico de recuperação em Física. Será que você poderia me ajudar a entender a matéria, Lisa?

— Claro. Se quiser pode ir à minha casa sábado pra gente estudar.

— Aham.

— Pessoal, anotem aí o trabalho que quero que seja

viajantes_do_tempo.indd 61 03/12/2013 16:36:51

entregue na próxima semana. — a professora falou fazendo alguns gestos com o giz na mão. — Vai ser numa quinta-feira.

— Aquilo é um 2 ou um 3? — perguntei baixinho para Magali.

— Professora, Elisa está perguntando se vai ser em dupla ou em trio. — ela falou. Eu abaixei a cabeça e fingi nem ter escutado.

— Minha letra é tão feia assim, Elisa?

— Hã?! Eu nem disse nada.

Olhou-me de cara amarrada e resmungou:

— É em dupla.

— Valeu, Magali. — falei de mau humor.

— Quem vai fazer o trabalho com quem? — Marisa perguntou a nós duas.

— Faça com a Magali, ela é melhor em Física que eu.

— Tá. — Magali disse.

— Mas e você? — Marisa falou.

— Não esquenta, eu dou um jeito.

Terminei de anotar e levantei-me, indo para o final da sala.

— Oi... — falei para o Caio quando cheguei a sua carteira.

— Oi. — Ele terminou de anotar o que a professora estava passando na lousa, cruzou os braços e empurrou o encosto da cadeira para trás, apoiando-a na parede.

— O que houve?

— Nada. — disse tão baixo que quase duvidei que tivesse respondido.

— Você está com uma carinha tão... — estreitei os olhos — brava. — coloquei a mão em seu ombro. — O que aconteceu, Caio?

viajantes_do_tempo.indd 62 03/12/2013 16:36:51

— Não é nada. O que queria falar comigo? — perguntou sério.

— É sobre este trabalho. Posso fazer junto com você?

— Pode.

— Aí, como prometido, eu faço sozinha.

— Tem certeza? — desta vez levantou o rosto e olhou para mim.

— Bom... Eu faço, e depois você vê se está certo. — sorri um pouco sem graça.

— Está bem.

— Elisa. — André chamou. Caio parou de olhar para mim.

Olhei para o canto esquerdo, perto da janela, onde ficavam os "donos" da sala. Os dois patetas, André e Felipe, junto com Bernardo, pareciam me esperar para uma audiência. Deixei meu amigo deprimido e fui até eles, um pouco hesitante.

— Me chamou?

— Sim, você vai fazer o trabalho com alguém? — André perguntou.

— Si...

Antes que eu pudesse terminar de responder Felipe acrescentou.

— É que o Bernardo queria fazer o trabalho contigo. — falou dando cotoveladas no Bê.

— Mas eu...

— Ele tá apaixonado. — André disse passando seu braço malhado em volta dos meus ombros, acho que era um gesto ensaiado que ele e Felipe estavam acostumados a fazer.

— Você tá maluco, André?! Não sabe ficar calado, cara? — Bernardo falou bravo, levantou-se da cadeira que estava

viajantes_do_tempo.indd 63 03/12/2013 16:36:51

sentado e saiu da sala.

— Não liga não. Ele não gosta de falar disso. — Felipe disse sorrindo. Eu senti meu rosto quente. — É um pouco tímido.

— Bom, fala pro Bernardo que eu já tinha combinado de fazer o trabalho com o Caio.

— Fale você mesma, não quero partir o coração do cara. — André disse a mim ajeitando os cabelos castanhos pelo reflexo da janela.

— Duvido que fique chateado com uma bobeirinha dessas. — retruquei.

— Você não conhece o Bernardo. — Felipe falou sério. — Na 3ª série ele ficou três semanas sem falar comigo porque eu comprei um pacote de bombinhas e não dei nenhuma a ele. Ele é muito temperamental.

Pelo vidro, percebi que o Caio olhava fixamente para a lousa, as sobrancelhas escuras unidas. Estava prestando atenção na nossa conversa.

— Vou ver o que posso fazer... — disse eu.

— Mas não esquece que isso é muito importante para ele. — André falou quando eu estava indo me sentar.

***

Para compensar minha demora de ontem, me arrumei mais cedo a fim de não atrasar meus pais para o culto de hoje à noite na igreja. Fiquei sentada no sofá da sala esperando-os. Como já estava ficando entediada, peguei uma revista para ler, foi então que lembrei-me da minha promessa: ler a Bíblia.

Levantei animada e peguei a que estava em cima da estante.

viajantes_do_tempo.indd 64 03/12/2013 16:36:51

Era a do meu pai. Gigante, pesada, cheia de papéis com anotações, e dentro tinha um marcador de texto. Eu sabia que ele fazia o plano de leitura bíblica, era para ler a Bíblia toda em um ano. Sentei-me na poltrona preferida dele.

Abri a parte que estava marcada e comecei a ler.

"Como a macieira entre as árvores da floresta, assim é meu amado entre os outros homens..." li em pensamento. Achei muito estranho a semelhança com um dos sonhos que tive, mas continuei a leitura. **"Eu me sinto feliz nos seus braços, e os seus carinhos são doces para mim.".**

Meus olhos se arregalaram, eu quase podia ouvir a voz da morena que havia pronunciado essas palavras tão claramente. O que estava acontecendo? Era a primeira vez que eu lia esses versículos, como poderia ter sonhado com eles?

Procurei o nome do livro que eu estava lendo.

— Cântico dos cânticos, a mais bela das canções de... Salomão. — li no primeiro versículo do primeiro livro de Cantares.

Senti uma mão forte no meu ombro. Gelei. Era a mão de um homem, pude perceber por minha visão periférica. Minha respiração ficou pesada. Será que eu havia trazido o rei Salomão para minha casa?

Virei devagar e tomei um susto tão grande que derrubei os papéis da Bíblia.

— Algo errado, filha? — ele deu a volta na poltrona.

— Que susto, pai. Pensei que fosse... — balancei a cabeça. — ah, esquece, não é nada. — juntei todas as folhas e entreguei para ele. — Desculpe, baguncei tudo.

viajantes_do_tempo.indd 65 03/12/2013 16:36:51

— Não faz mal, só tome mais cuidado da próxima vez.

— Vamos? — ouvi a voz da minha mãe vinda das escadas.

Chegamos 15 para as 20h na igreja. Não tinha muita gente, as pessoas costumavam chegar em cima da hora. Eu estava um pouco inquieta no banco, toda hora olhava para trás, mexia na Bíblia, batucava os dedos na perna...

— O que foi? Você parece perturbada com alguma coisa. — observou minha mãe.

— Quando eu conseguir achar uma boa explicação para um fato que está acontecendo comigo, eu conto a vocês.

— É referente a quê? — perguntou meu pai.

— Meus sonhos.

Olhei para trás mais uma vez e vi meu amigo entrando com seus pais. Levantei-me.

— Aonde vai? — mamãe falou.

— É rápido, vou falar uma coisinha com o Caio.

Fui passando por entre os membros da igreja, pedindo licença e esbarrando nos joelhos dos que estavam sentados.

Mônica, Rafael e Caio costumavam sentar nos primeiros bancos do lado esquerdo da igreja, já eu e meus pais sentávamos no lado direito, do meio para o fundão.

— Preciso falar com você. — falei ao Caio antes de sentar-se. — Oi tia, oi tio. — cumprimentei seus pais.

— Pode ir, meu bem. — Mônica disse ao seu filho.

Peguei na mão de Caio e o arrastei para a parte de baixo da igreja, onde ficavam os banheiros, algumas salinhas, o bebedouro e a cantina.

viajantes_do_tempo.indd 66 03/12/2013 16:36:51

— O que foi, Elisa? — ele quis saber.

— Lembra que te contei sobre os sonhos que ando tendo?

— Sim.

— Então, tive outro sonho esquisito. Aí hoje eu fui ler a Bíblia e lá estava escrita a história.

— Deve estar lendo bastante... — deu pouca importância.

— Pior que não, — interrompi — eu nunca tinha lido aquele livro, era Cantares.

Ouvi uma explosão vinda de uma das salas perto da cantina. Tive que me apoiar numa das paredes, porque o chão havia tremido e meus joelhos vacilaram, temerosos. "Não acredito que em todo lugar acontecem coisas estranhas. Não é possível!".

— Tenho que acabar com isso de uma vez por todas. — falei indo até a sala de onde veio o barulho.

— Não estou entendendo nada, Elisa. — ele disse vindo atrás de mim.

— Você ouviu o barulho?

— Não.

— Então isso é só comigo mesmo. — coloquei a orelha na porta, mas estava tudo silencioso lá dentro.

— Você está ouvindo coisas, não deve estar bem. — comentou — Ei, o que está fazendo? Não pode entrar aí.

A sala estava muito escura e fria. Devia ser um lugar onde guardavam os arquivos, panfletos, e outras coisas da igreja. Pela luz do pátio e com a lua que entrava pela pequena janela, dava para ver duas mesas e um armário.

— Feche a porta? — pedi.

viajantes_do_tempo.indd 67 03/12/2013 16:36:52

— Está brincando?! — ele riu de nervoso. — O que quer fazer?

Dei a volta nele e fechei a porta. Como eu pensava, tinha algo errado nessa sala. Fui andando até o armário que estava no canto esquerdo. Pelo barulho, parecia que havia vento dentro das gavetas.

— Eu não tô enxergando quase nada, não posso acender a luz? — ele falou.

— Não. — eu disse. — Está vendo isto?

— Isto o quê?

— Isto!

Saí da frente do armário e deixei que a luz azul que vinha de uma das gavetas, que abri um pouquinho, inundasse a sala. Só restava eu tomar coragem e abri-la toda.

— Agora consigo ver. — ele chegou mais perto. — O que é?

— É o que vamos descobrir.

Nós dois esticamos a mão e seguramos no puxador da gaveta. E então puxamos devagar até não conseguirmos ficar com os olhos abertos tamanha era a luz vinda de lá. Escutamos uma música numa língua muito diferente, para não dizer esquisita. Tinha uma melodia triste.

Nós dois fomos pressionados pela luz para irmos para longe do armário. E então a luz azulada foi ficando mais fraca, a ponto de abrirmos os olhos.

— Que teu rio flua. Que ele inunde... que teu rio flua. — dizia uma voz feminina doce, mas fraca.

Dos quatro cantos da sala começou a sair uma água escura. Parecia uma sombra que cobria o chão, mas ao chegar nos

viajantes_do_tempo.indd 68 03/12/2013 16:36:52

nossos pés tivemos certeza de que era um líquido, pois molhou nossos sapatos e quase congelou nossos dedos. Ela enchia a sala. A música se intensificava, eu e Caio subimos em cima das mesas com medo de ficarmos presos ali para sempre, pois constatamos que a porta havia sido trancada.

— A gente precisa fazer alguma coisa. — Caio disse preocupado. Ele olhou para cima. — Essa janela é pequena demais para passarmos.

— Precisamos fechar a gaveta.

Pulei na água. Meus ossos tremelicaram dentro de meu corpo, estava terrivelmente fria, e a roupa que eu usava era fina, um vestido bege de algodão. A água chegava aos meus quadris e parecia densa, pois tive um imenso trabalho para chegar perto do armário.

A mulher começou a cantar a música que estava sendo executada. Eu só entendia a parte do "a-le-lui-aa" que ela dizia. Quando consegui chegar perto da gaveta, ouvi um relâmpago e começou a ventar.

— Um livro. — falei.

Era grande e muito velho, empoeirado até a alma. Em volta dele corria uma espécie de eletricidade, raios azuis, da mesma cor da luz que vimos.

— **Pelo seu poder, o Senhor Deus fez a terra; com a sua sabedoria, ele criou o mundo e, com a sua inteligência, estendeu o céu como se fosse uma coberta.** — a mulher cantou na nossa língua.

— Caio, me ajude a pegar o livro. Rápido! — chamei. A

viajantes_do_tempo.indd 69 03/12/2013 16:36:52

água estava chegando a minha cintura.

— Quando Deus dá ordem, as águas rugem no céu. Ele manda as nuvens subirem dos fins da terra. — disse ela.

Uma tempestade parecia se formar dentro da sala. Dali a pouco ouvíamos trovões, o teto parecia um emaranhado de nuvens negras, chovia e a água começou a me empurrar para longe do armário.

Caio estava vindo até mim enquanto eu me segurava no armário para continuar respirando. Faltava pouco para a água cobrir meus 1,63 de altura. Ele, como devia ter mais de 1,75, conseguia lidar muito bem com a situação.

— Parece que está grudado. — Caio tentava pegar o livro.

— Vai molhar se deixarmos ele aqui. Ande logo, faça... — Não pude completar minha frase pois o líquido escuro me submergiu.

Não tive coragem de abrir os olhos. Se era possível uma sala de igreja inundar do nada, não devia ser impossível encontrar um bicho esquisito ali na água.

Instantes depois eu senti que meu ar estava acabando, comecei a fazer minhas preces e despedir-me do mundo quando senti a mão do meu amigo em volta da minha cintura levando-me para cima.

— Você está bem? — perguntou-me.

Tomei fôlego e balancei a cabeça dizendo que sim.

— Segure-se em mim. — pediu.

Passei os braços em volta de seu pescoço enquanto ele segurava o livro no alto com uma mão e no armário com outra.

viajantes_do_tempo.indd 70 03/12/2013 16:36:52

Tinha um semblante de quem não sabia mais o que fazer.

— Não vai ter jeito de chegarmos nas mesas. Estou muito cansado. — disse desculpando-se.

— Tudo bem, Caio. Você fez o que pode. — falei. — Me desculpe por ter te trazido aqui. — Ele deu um beijo no meu rosto.

Meu queixo tremeu de frio. Desgrudei meu cabelo molhado da bochecha dele e tentei colocá-lo de lado. A água já estava em seu peito, e eu sentia seu corpo tremer pelo líquido tão gelado.

— Ele faz o raio para a chuva e manda o vento sair de seus depósitos... — foi uma das últimas coisas que ouvimos antes de sermos totalmente submersos pela água fria e incrivelmente escura.

viajantes_do_tempo.indd 71 03/12/2013 16:36:52

viajantes_do_tempo.indd 72 03/12/2013 16:36:52

Quatro: Gênesis — Parte 2

— No começo Deus criou os céus e a terra. A terra era um vazio, sem nenhum ser vivente, e estava coberta por um mar profundo. A escuridão cobria o mar, e o Espírito de Deus se movia por cima da água.

Eu devia ter morrido. Caio também. Só não sabia que depois da morte a gente ia para um... Como posso chamar este lugar que estou? Hmm... Talvez Gênesis, porque é onde tudo começa.

Não sei explicar direito, mas é como se meus olhos estivessem fechados, não estou vendo nada, só sei que Caio está ao meu lado porque ele está segurando minha mão e pouco tempo atrás disse que sua barriga havia roncado de fome.

Há pouco, também, uma mulher, a mesma que ouvimos na salinha da igreja, começou a contar a história do mundo.

— Então Deus disse: **Que haja luz!** — fez-se um barulho, como se tivessem riscado um fósforo grandão. — E a luz começou a existir.

Parecia que estávamos num planetário. Uma luz intensa pôs-se a brilhar e a voz da mulher ficou mais animada.

— Deus viu que a luz era boa e a separou da escuridão. — o que era um lençol azul quase preto foi clareando. — Deus pôs na luz o nome de dia e na escuridão o nome de noite. A noite passou e veio a manhã. Esse foi o primeiro dia.

Tudo que ela narrava acontecia: a divisão das águas, a criação do céu, terra, mares, plantas, lua e estrelas, sol, animais marinhos, aves, animais domésticos e selvagens, e então ela parou.

viajantes_do_tempo.indd 73 03/12/2013 16:36:52

— Acabou? — perguntei ao Caio.

— Acho que não, porque na Bíblia tem mais coisa. Acho que só chegamos ao quinto dia.

Olhamos a Terra à nossa frente. O telão estava dividido em três partes, o primeiro mostrava o universo com a "bolinha" que era a Terra, o segundo mostrava uma floresta com vários animais, o terceiro era o fundo do mar. Tudo ali se mexia, devia ser uma sala de monitoramento onde se olha o que as câmeras filmam nos locais.

— Agora vamos fazer os seres humanos, que serão como nós, que se parecerão conosco. Eles terão poder sobre os peixes, sobre as aves, sobre os animais domésticos e selvagens e sobre os animais que se arrastam pelo chão, Deus disse. Do pó da terra Ele criou o homem e soprou o fôlego de vida em suas narinas, e a mulher Ele criou a partir de uma costela do homem.

— Adão e Eva! — falei, surpresa ao vê-los.

— Você ouviu quando ela estava narrando? Ela falou "vamos fazer", ou seja, havia mais de uma pessoa ali quando Deus estava criando o mundo.

— Sim, eu estava com Ele. — a voz da mulher ecoou. — Assim como o Filho e o Espírito Santo. Deus e eles, juntos, formam um só. A trindade.

Senti medo. Ela escutava a gente.

— Eu estava ao seu lado como arquiteta e era sua fonte diária de alegria, sempre feliz na sua presença, feliz com o mundo e contente com a raça humana. — ela voltou a falar,

viajantes_do_tempo.indd 74 03/12/2013 16:36:52

mas sua voz foi ficando infantil. — Eu venho do Espírito Santo, que é a minha fonte de existência.

— Mas quem é você? — perguntei curiosa.

— Eu sou a Sabedoria. — a mulher saiu de um canto escuro e mostrou-se para nós.

Na verdade, não era mais uma mulher adulta como eu pensava devido a sua voz, agora era uma menininha negra, de lindos olhos e trancinhas no cabelo. Vestia uma túnica branca e um manto brilhante azul celeste, sandálias com detalhes de ouro e uma pulseira infantil no seu pulso com um pingente de coração.

— O Senhor Deus me criou antes de tudo, antes das Suas obras mais antigas. Eu estava lá quando Ele colocou o céu no seu lugar e estendeu os horizontes sobre o oceano. Estava lá quando Ele pôs as nuvens no céu e abriu as fontes do mar, e quando ordenou às águas que não subissem além do que Ele havia permitido.

— Uau! — falei admirada. Aquela menininha era impressionante, dela emanava inteligência.

— Por que estamos aqui? — Caio perguntou.

— Para aprender.

— Aprender... o quê? — ele falou.

— Tudo.

— Tudo? — eu e ele perguntamos.

— É.

— Dá para você explicar melhor? — Caio estava impaciente agora, até soltou a minha mão para cruzar os braços.

— Para ser sábio, é preciso temer a Deus, o Senhor. Se você conhece o Deus Santo, então você tem compreensão

viajantes_do_tempo.indd 75 03/12/2013 16:36:52

das coisas. — ela disse. — Qualquer coisa que você ensina a uma pessoa sábia torna-a mais sábia ainda. E tudo o que você diz a uma pessoa direita aumenta a sabedoria dela. — olhou-nos, percebendo que não havíamos entendido nada. — Vocês aprenderão a respeito do mundo, do pecado, do amor, do sacrifício, da luta, da morte, da vida...

— Mas será que... — ela interrompeu o que eu ia dizer.

— Agora, moços, escutem! Façam o que eu digo e serão felizes. Aprendam o que é ensinado a vocês. Sejam sábios; não abandonem esses ensinamentos. — a sala voltou a escurecer e a voz da garota mudou, assim como sua silhueta infantil tornou-se numa mulher.

O lugar estava ficando quente agora, abafado. E ao longe escutamos a voz da mulher novamente:

— **Pois quem me encontra, encontra a vida, e o Senhor Deus ficará contente com ele**. Livro de Provérbios, capítulo 8, versículo 35.

***

Eu sentia meu corpo todo doído, como se eu tivesse dormido por mil anos. O solo no qual eu estava deitada era cheio de bolotinhas de terra, em todo canto havia árvores e dava para ouvir o barulho de um rio.

— Elisa, acorde logo. — Caio cutucou meu braço.

Abri mais os olhos, e rapidamente os fechei. Estava muito claro. Espreguicei-me um pouco e sentei-me, esfregando as costas das mãos nos olhos.

— Onde nós estamos? — perguntei.

viajantes_do_tempo.indd 76 03/12/2013 16:36:52

— E eu é que sei?!

Dali a pouco ouvimos um som de luta corporal, barulho de terra, folhas e gemidos. Eu e Caio corremos em direção ao barulho atrás de grandes árvores e vimos dois homens fortes, barbudos, com roupas grosseiras, brigando. Um deles parecia tentar defender-se mais do que bater, mas o outro era implacável e conseguia fazer proeza com os punhos cerrados. Uma visão lastimável.

— Precisamos mandá-los parar. — Caio falou dobrando a manga de sua blusa social.

— De forma alguma! Você não vai fazer nada, entendeu bem?! — falei brava com ele, entrando em sua frente, já que parecia disposto a brigar também.

— Você quer que esses caras se matem, Elisa?

— Você quer apanhar, Caio?

— Eu sei que são dois, mas posso dar um jeito. — ele segurou nos meus ombros tentando me afastar.

— Não estou falando deles. Se você for lá vai apanhar de mim! — fiz minha melhor cara de mandona.

Então os olhos de Caio se arregalaram. Não sabia que minha careta fazia efeito. Mas percebi logo que ele não olhava para mim. Virei e fiquei em choque como ele. O rapaz que parecia ser o mais velho dos dois havia matado o outro homem.

Nós recuamos e nos escondemos, ficando de longe a observar.

O rapaz tomava fôlego. Estava com a roupa rasgada e ensanguentada, seu semblante foi envelhecendo à medida que parecia tomar consciência do que havia feito.

Ele pareceu olhar em nossa direção. Como tive medo dei

viajantes_do_tempo.indd 77 03/12/2013 16:36:52

alguns passinhos para trás, foi aí que tropecei em algo, dando um grito e caindo no chão. Prontamente Caio apareceu ao meu lado perguntando se eu estava bem.

— Estou. — respondi de mau humor. Tirei o pé de cima do objeto que havia me derrubado e notei que era o mesmo livro que nós encontramos na sala da igreja.

Caio, que estava agachado ao meu lado, abriu o livro. Uma ventania saiu dali de dentro e o rapaz que havia matado o outro saiu correndo assustado.

— **Aí Caim disse a Abel, o seu irmão, "vamos até o campo". Quando os dois estavam no campo, Caim atacou Abel, e o matou.** — Caio leu a parte que estava grifada de vermelho.

— Então quer dizer que aquele ali era o Caim?! — falei estupefata. — Fala sério! Primeiro assistimos a criação do mundo, agora presenciamos a morte de Abel. — levantei-me rapidamente. — Vamos atrás dele, tem uma coisa que eu quero saber.

Fomos correndo seguindo o rastro de sangue deixado por Caim, ele estava muito ferido. O encontramos numa clareira, assustado, como se fosse um animal encurralado. Não chegamos muito perto porque sentimos uma doce presença...

— Onde está Abel, o seu irmão? — Deus perguntou ao homem.

— Não sei. — respondeu Caim. Depois pareceu um pouco raivoso. — Por acaso sou o guarda do meu irmão?

A voz de Deus e a sua presença eram como o vento, nós podíamos sentir, mas não sabíamos de onde vinha.

viajantes_do_tempo.indd 78 03/12/2013 16:36:52

— Por que você fez isso? — Deus pareceu mais severo, mas sentimos que Ele estava triste com o que havia se passado. — Da terra, o sangue do seu irmão está gritando, pedindo vingança. Por isso você será amaldiçoado! Quando preparar a terra para plantar, ela não produzirá nada. E você vai andar pelo mundo sempre fugindo.

— Eu não vou poder aguentar esse castigo tão pesado. — Caim falou, parecendo arrependido. — Hoje Tu estás me expulsando dessa terra. Terei de andar pelo mundo sempre fugindo e me escondendo da Tua presença. E qualquer pessoa que me encontrar vai querer me matar.

— Isso não vai acontecer. — Deus garantiu a ele. — Pois, se alguém matar você, serão mortas sete pessoas da família dele como vingança.

— **Em seguida o Senhor pôs um sinal em Caim para que, se alguém o encontrasse, não o matasse. Então Caim saiu da presença do Senhor e foi morar na região de Node, que fica à leste do Éden**. — Caio leu na Bíblia que ele carregou para a clareira.

Quando levantamos os olhos do livro não vimos Caim e nem sentimos Deus. Estávamos no mesmo lugar, mas havia um vazio estranho, como se o tempo tivesse passado.

— Era isso que eu queria saber, onde fica o Éden. — falei ao meu amigo.

— Aqui diz que do jardim nasciam quatro rios: Pisom, Giom, Tigre e Eufrates. — ele leu na Bíblia.

— Se eu bem me lembro das aulas de História... — pensei um pouco. — Seria na Mesopotâmia?

viajantes_do_tempo.indd 79 03/12/2013 16:36:52

— É... pode ser, mas não tenho certeza. — Caio falou a mim. Estávamos andando, sem saber muito bem para onde.

Mais tarde, depois de mais ou menos duas horas caminhando, encontramos uma espécie de vila. Tudo muito rude e estranho, era um lugar que lembrava o tempo dos homens nas cavernas misturado com as vilas do seriado "Xena, a Princesa Guerreira".

Ali algumas crianças brincavam com patos, cachorros e galinhas. Mulheres lavavam roupa no rio, homens construíam casas. Para o início do mundo... já tinha muita gente ali.

Enquanto caminhávamos procurando não sei o quê, as pessoas da vila nos olhavam curiosas. Claro, estávamos vestidos muito diferentes deles. Eu usando um vestido, e Caio, uma blusa social azul, de mangas compridas e uma calça jeans. Coitadinho, estava derretendo dentro daquelas roupas.

— Quem é você? — uma garota perguntou puxando a barra do meu vestido bege.

Era uma garota um pouco gordinha e bochechuda, tinha os cabelos amarrados para trás com uma corda. Estava sentada no chão fazendo algum tipo de trabalho manual.

— Meu nome é Elisa, qual é o seu nome?

Ela olhou sorrindo para mim e respondeu orgulhosa:

— Me chamo Afra. Significa uma jovem corça. Vocês não são daqui... não é mesmo?

— É, não somos daqui. Pode nos dizer onde estamos?

— Na aldeia de Adão. O meu bisavô.

— Bisavô?! — eu e Caio falamos juntos.

Ela riu.

viajantes_do_tempo.indd 80 03/12/2013 16:36:52

— Por que a surpresa? Nunca ouviram falar de Adão?

— Já... mas é que quando o conhecemos ele era mais jovem, vamos dizer assim. — eu expliquei.

— Pode nos levar até ele? — Caio perguntou.

— Claro. Sigam-me.

Passamos por muitas casas, ouvimos gente cantando, parecia tudo muito feliz. O sol estava quase se pondo, mas o dia pareceu incrivelmente longo. Chegamos, então, num casebre muito bonitinho, cheio de flores na frente, espécies que vi pela primeira vez em minha vida.

— Vôôô... — a garota chamou.

— Menina, já disse que não é pra você gritar assim! — um senhor, de aproximadamente 65 anos, apareceu na janela.

Era Adão! Seus cabelos estavam um pouco grisalhos, tinha a pele castigada pelo sol e vestia roupas de peles de animais, assim como todos os outros.

— Quem são vocês? — perguntou a nós, desconfiado.

— Eu sou o Caio e essa é minha amiga Elisa.

— Não conheço. — ele olhou nossas roupas. — Por acaso não são da parte de Cainã, são?

— Cai-quem? — perguntei.

— Deixa pra lá. Entrem. — ele abriu a porta. — Eva, temos visitas, faça comida para nós.

— Vô, eles disseram que conhecem você. — Afra entrou na casinha e sentou-se no tapete de pele no meio da sala.

— Conhecem?

— Sim. Do princípio do mundo. — eu falei. Adão ergueu

viajantes_do_tempo.indd 81 03/12/2013 16:36:52

uma das sobrancelhas cinza escuro.

— De qualquer forma... parece que se passou bastante tempo. — Caio completou. A expressão do patriarca suavizou-se.

— É... bastante tempo. — ele pareceu recordar-se do passado. — Eu era bem mais forte, agora já estou chegando nos últimos dias.

— Que é isso, senhor Adão, o senhor está chegando na melhor idade. — falei animada.

— Tem razão, 873 anos é a **melhor** idade. — ele falou com ironia.

— 874, vô. — Afra corrigiu.

— Isso, 74. Com os anos é difícil lembrar a idade certa. — ele passou a mão nos cabelos.

Eu e Caio estávamos sem fala, de queixo caído. Não era possível alguém viver tanto... era?

Na minha cabeça "trocentas" perguntas estavam sendo feitas. Mas todas fugiram quando o senhor Adão voltou a falar.

— Me lembro, como se fosse ontem, quando a gente estava no jardim das delícias... O Éden era lindo. O Senhor Deus caminhava conosco todos os fins de tarde, Ele conversava conosco. Era uma maravilha.

A expressão em seus olhos não deixava negar que ele estava com muita saudade daqueles tempos, parecia que as lágrimas chegariam à face a qualquer momento.

— E então eu e a minha querida Eva comemos do fruto proibido. Lembro-me muito bem da vergonha que senti quando notei que estava nu, então me escondi e procurei

viajantes_do_tempo.indd 82 03/12/2013 16:36:52

fazer uma vestimenta com folhas.

— E depois? Conta vovô, conta. — Afra pediu já que ele parecia não querer falar mais, só que ela estava ansiosa pelo resto da história, e nós também.

— Você já ouviu essa história várias vezes... — ele falou rabugento.

— Mas conte, porque eles não devem ter escutado. — Eva entrou na sala e apontou para nós com um sorriso gentil.

Para nosso imenso assombro, ela estava grávida. Seus cabelos eram enormes, castanhos e ondulados. Achei que ela tinha 45 anos, mesmo sabendo que devia ter mais idade, e assim como Adão era majestosamente linda. Os primeiros seres humanos criados por Deus...

— Está bem. Onde eu havia parado?

— Na roupa de folhas. — a bisneta de Adão falou.

— Naquele dia, quando soprava o vento suave da tarde, eu e Eva ouvimos a voz do Senhor Deus, que estava passeando pelo jardim. Então nos escondemos Dele no meio das árvores. Mas Deus me chamou e perguntou: **Onde é que você está?** — a voz de Adão ficou trêmula e triste. — E eu disse a Ele: **Eu ouvi a Tua voz quando passeava pelo jardim, e fiquei com medo porque estava nu. Por isso me escondi.**

Adão começou a chorar feito criança, e Eva correu até ele, abraçando-o. Foi tão triste ver o primeiro homem chorando! Não é pra menos, atribuímos a culpa do mundo ser do jeito que é por ele e Eva terem pecado.

— Vamos deixá-los sozinhos. — Caio disse a mim e Afra.

viajantes_do_tempo.indd 83 03/12/2013 16:36:52

Levantamo-nos e saímos. Já estava escuro, mas o lugar era cheio de tochas com fogo. Caminhamos um pouco pela aldeia e nos sentamos perto de um poço.

— Por que Deus os faria e os deixaria sem roupa pelo jardim? — perguntei.

— Pela inocência. — Afra disse-me. — A roupa não é tão importante quando você é só um bebê, é? Por isso eles não usavam, mas quando comeram do fruto dado pela serpente eles ficaram maus, cheios de malícia, e o nosso Deus não aceita o que é mau, por isso teve que expulsá-los.

— Antes de conhecê-los, eu pensava que Deus podia criar tudo de novo, sabe? Um novo Adão e uma nova Eva, sem que tivessem comido o fruto proibido. Porque... Bom... — falei, procurando as palavras — você não vai entender isso, mas é que não somos daqui, somos do futuro, eu diria, e vivemos numa época terrível. Só se fala em violência, maldade, ganância... E eu queria que tudo fosse diferente, entende?

— Mais ou menos. — ela disse com uma careta. — Só que Deus não os mataria, porque ama Adão e Eva. Os criou com muito carinho e cuidado, assim como eu, você, e o seu amigo aí.

— Mas e quanto a Caim? Ele matou o irmão. — Caio falou.

— Deus fez uma enorme prova de amor perdoando Caim. Ele, mesmo tendo ficado triste com o que Caim fez, continuou a oferecer seu cuidado e proteção. Aprendi com meu pai que Deus nos ama apesar do que somos, mas os nossos atos, bons ou maus, têm consequências. Por isso Caim sofreu muito.

— E seu pai quem é? — perguntei.

viajantes_do_tempo.indd 84 03/12/2013 16:36:52

— Enos, filho de Sete, filho de Adão. — Ela sorriu.

— Caio, deixe-me ver a Bíblia. — fiz um gesto com a mão para que ele passasse o livro para mim.

Caio o segurou na minha frente para que eu manuseasse. Folheei até Gênesis capítulo cinco, onde estavam os descendentes de Adão.

— Me ajude nas contas, Caio. Adão tinha 130 anos quando Sete nasceu.

— Hm...

— Sete tinha 105 anos quando Enos nasceu.

— 235 anos.

— Espere, eu quero saber quem nasceu por agora. — continuei lendo. — Enos tinha 90 anos quando nasceu Cainã. Cainã tinha 70 anos quando nasceu Maalalel. — eu comecei a rir. — O povo já está ficando precoce.

Eles riram comigo.

— Ei, não é esse tal de Cainã que o Seu Adão falou? — Caio disse.

— É, mas o que tem ele?

— A família de Cainã é esquisita, por isso meu bisavô deve ter ligado vocês a ele. — Afra disse dando de ombros.

— Hm... Continuando. — abaixei meus olhos para o livro. — Maalalel tinha 65 anos quando nasceu Jarede. Jarede tinha 62 anos quando Enoque nasceu. Enoque tinha 65 anos quando Matusalém nasceu. Matusalém tinha 187 anos quando Lameque nasceu...

— Pronto. Estamos exatamente aí, no nascimento de Lameque.

— Afra, vem comer. — ouvimos alguém chamar.

viajantes_do_tempo.indd 85 03/12/2013 16:36:52

— Gente, meu tio está chamando para jantar. Querem ir comigo ou vão comer na casa do vô e da vó?

— Vamos comer com Adão e Eva. — respondi.

"Contanto que não tenha maçã", pensei.

— Certo. Até amanhã.

— Até. — eu e Caio dissemos.

Ela saiu correndo para um beco e entrou numa das casas. Eu e meu amigo permanecemos ali conversando.

— Pelos meus cálculos o senhor Adão vai morrer daqui a 56 anos. — falei mais para mim do que para Caio. — E depois de um tempão acontecerá o dilúvio.

— Que estranho, a gente vai jantar com alguém que vai morrer exatamente daqui uns anos... Dá dó. — ele falou colocando o livro na beirada do poço, para desdobrar as mangas da camisa.

Ficamos pensando por um bom tempo. Até que uma ideia apavorante me veio.

— Espere aí! O dilúvio vai acontecer e nós estamos aqui. Ou seja, a gente vai morrer afogado! — falei assustada.

— Não acho que este seja o problema maior. — Caio disse tranquilamente. — Estamos presos aqui neste livro, não sabemos como sair nem como entrar em contato com a Sabedoria. É bem provável que nós já tenhamos morrido quando o dilúvio acontecer. Olhe a data.

Ele apontou para a Bíblia.

— Verdade. Matusalém foi o cara que viveu por mais tempo. — virei para pegar o livro, mas sem querer meu braço esbarrou nele derrubando-o no poço.

Só algum tempo depois ouvimos o som do objeto batendo na água. Estávamos fritos! Levei as mãos à boca em estado de

viajantes_do_tempo.indd 86 03/12/2013 16:36:52

choque e desespero. Quem sabe aquele fosse o único modo de voltar para casa.

— Essa não. — Caio falou cruzando os braços. — O que faremos?

— Eu não sei, foi sem querer, eu juro que não queria derrubar.

— Tudo bem, tudo bem, — ele levantou as mãos — não foi culpa sua, quer dizer... foi, mas agora já era, não adianta se lamentar. Vamos voltar para a casa de Adão e resolver o que fazer depois, eu estou faminto.

Pegou-me pelo braço e me arrastou para a casinha.

Comemos uma espécie de sopa com pão e fomos hospedados na casa de Adão e Eva. Tivemos que nos explicar durante um bom tempo para que acreditassem que nós dois não éramos casados, o que eles achavam até então. Eva nos arranjou roupas de pele, já que à noite fazia bastante frio e nos colocou em quartos separados. Bom, na verdade Caio dormiu na sala e eu num pequenino cômodo.

Eu estava achando que teria que passar o resto de minha existência ali mesmo. Achava que teria uma longa vida assim como eles, quem sabe duzentos, trezentos anos. Casaria com Caio, e teria um punhado de filhos. Aprenderia a cuidar de ovelhas, cabritos e bodes, e também a lavar roupa na mão e quem sabe carregar água na cabeça. É... essa era a vida nos tempos primitivos...

Então eu tive um sonho. Foi esquisitíssimo! Eu vi gigantes. Vários deles. Havia mulheres muito bonitas também, elas eram as mães dos gigantes. Eles adoravam o sol, a lua, eram perversos e violentos. Então um jovem senhor, que acabara de ter uma criança, profetiza sobre ela dizendo: "O Senhor Deus

viajantes_do_tempo.indd 87 03/12/2013 16:36:52

amaldiçoou a terra, e por isso o nosso trabalho é pesado; mas este menino vai trazer descanso para nós".

Fui acordada com pingos de chuva caindo sobre minha pele. Machucavam de tão pesados que eram. Levantei-me rápido e fui para debaixo de um abrigo. Passei os braços em volta de meu corpo, a fim de aquecê-lo, e foi quando notei que não estava mais com Adão e Eva.

— Que lugar é esse? — olhei para dentro, pela janela. Várias pessoas pareciam se divertir, beber muito, falar alto e de forma grosseira.

— Onde estava, Elisa? — Caio disse chegando perto de mim, ensopado.

— Sei lá. No meio da rua, eu acho.

Olhei para cima. Raios riscavam o céu e o mundo parecia estar acabando tamanho eram os estrondos. A chuva aumentou tanto que não parecia real.

De uma coisa eu tinha certeza: amanhã estaria gripada. Mas por um momento imaginei que talvez o amanhã não chegasse.

— Sabe o que está acontecendo? — perguntei gritando para ser ouvida.

— Seeei. — Caio disse na mesma altura.

— Sabe?

— É o dilúvio!

Gelei. Onde estava Noé quando eu mais precisava?

viajantes_do_tempo.indd 88 03/12/2013 16:36:52

Cinco: O príncipe do Egito

O mundo estava acabando. Nós, assim como as outras pessoas, procurávamos lugares altos para escaparmos da água que queria nos cobrir. Ouvíamos gritos amedrontados, pessoas chorando, isso sem falar no pé d'água e na correnteza que já chegava na cintura.

— Me dê a mão! — falei ao Caio, pois ele não conseguia subir no telhado da casa onde eu estava, mesmo esticando-me ao máximo para ajudá-lo.

Em um dado momento ouvimos uma explosão, parecia que algum raio tinha caído ali perto.

— Vamos, tente subir maaais. — gritei.

— Não dá, não tem lugar para eu apoiar o pé. — falou com esforço.

Tentei mais uma vez, agora segurando-me com as mãos na madeira do telhado e oferecendo meu tornozelo para que Caio conseguisse pelo menos apoiar-se. E deu certo. Ele conseguiu dar um impulso e subir no telhado, mas eu ralei o joelho.

— Ouviu isso? — perguntei assustada.

— Não. O que foi?

A casa parecia ter se movido. Dali a pouco parecia que as pilastras de madeira que serviam de sustentação para a casa estavam cedendo.

— Vamos sair daqui. Rápido! — Ele já tinha percebido que tudo ia desmoronar.

Ajudou-me a levantar, mas qual foi nossa surpresa ao ver

viajantes_do_tempo.indd 89 03/12/2013 16:36:52

uma imensa onda feita de água escura vindo em nossa direção.

— Como é possível...? — falei quase sem ar.

Fiquei como estátua, de olhos arregalados sem nada poder fazer a não ser esperar pela morte. Caio segurou firme a minha mão.

— Eu tô apaixonado por você. — ele disse ao meu ouvido.

Então fechei os olhos e a onda avançou sobre nós, arrastando-nos com violência para algum lugar.

***

— Morri?

Meu corpo estava estirado no chão duro e eu sentia cheiro de areia, mas não de praia... era de deserto!

— Caio? — sentei-me e olhei em volta. — Como vim parar aqui?

Eu tinha sido deixada dentro de uma fenda numa rocha, não havia ninguém ali, nenhum sinal do meu amigo.

Levantei-me e percebi um machucado em minha perna esquerda, isso me fez andar com dificuldade até a saída. O local era rodeado por montanhas vermelhas, dunas e areia, havia pouca vegetação. Lá fora Caio estava sentado perto de algumas pedras, num lugar mais abaixo, suas roupas estavam bastante sujas e rasgadas. Olhei para as minhas. Tinha manchas de sangue e também estava rasgada, mas não tanto como as dele.

Pensei em ir até lá, mas isso fez meu rosto ficar quente e o coração acelerado, afinal de contas, eu havia escutado o que ele disse a mim. E, por mais estranho que pareça, acho que gostei **muito** do que ouvi.

viajantes_do_tempo.indd 90 03/12/2013 16:36:52

Dei meia volta, mas do jeito que sou desajeitada, e ainda mancando, acabei escorregando na terra e pisando em algumas pequenas pedras que rolaram, tendo como destino final as costas do meu amigo.

— Ai! — ouvi reclamar.

Apressei-me em sair do lugar para refugiar-me na caverna, mas...

— Elisa? — sua voz estava um pouco mais grave do que já era. Virei para ver o que havia de errado e tomei um pequeno susto.

— Caio?

— Elisa? — agora ele falou espantado. — O que aconteceu com você?

— Comigo? — Olhei para minha roupa, não estava indecente, estava? Esta olhada foi o tempo que ele teve para escalar a pedra e chegar mais perto.

— Não... não me lembro de você ser assim... — Olhou-me de alto a baixo com um sorriso de contemplação.

— Assim como? — eu quis saber.

— Está velha.

Quase peguei aquelas pedras e o afugentei com elas.

— E você?! — falei rabugenta, cruzando os braços. — Acha que também não está mudado?

— Estou? Mudei para melhor? — disse com certo brilho nos olhos.

— Eu gostava do Caio de antes. — falei como forma de vingar o "velha", virei de costas e entrei na caverna.

Ele foi atrás de mim e sentou encostado na parede da rocha. Ficamos nos encarando bravos, até que resolveu quebrar o silêncio.

viajantes_do_tempo.indd 91 03/12/2013 16:36:53

— Por que é que envelhecemos?

— E eu é que sei?

— Não precisa ser grossa, foi só uma pergunta.

Ignorei virando o rosto para fora.

— Devemos ter uns 23 anos agora... — comentou.

— Grande coisa... — falei emburrada, mas depois me arrependi de ter sido estúpida.

— Sabe de uma, sei que não me quer aqui, vou embora! — Caio levantou-se e limpou a terra da calça jeans e saiu da caverna.

— Não, espere, eu vou também. — escorei na parede para me levantar. Fui para fora mancando e, quando vi, ele já estava lá embaixo caminhando.

Eu não sabia como descer dali, rolando é que eu não iria.

— Caioooo!!!! — gritei com toda força.

Ele parou, mas não virou para trás.

— Me esperaaaa!!!! — gritei. Sentei nas pedras e fui descendo devagarzinho. Minhas mãos ficaram arranhadas e arderam bastante por causa desta "arte" que estava fazendo.

Meu amigo cansou de esperar e virou para ver o que eu fazia. Depois cruzou os braços e virou o rosto de novo, ficou observando o deserto.

Tentei ir o mais rápido possível até ele, mas como o machucado de minha perna era bem perto do joelho, dobrá-la fazia doer um pouco.

— Me desculpe pelo que eu disse, Caio. — falei ainda a alguns metros dele.

viajantes_do_tempo.indd 92 03/12/2013 16:36:53

Caio olhou-me por cima do ombro, abaixou a cabeça e balançou de forma negativa ao mesmo tempo em que soltava o ar dos pulmões.

— Não vai ficar sem falar comigo... vai? — perguntei quando, finalmente, consegui alcançá-lo.

— Não. — respondeu sério. — O que fez na perna?

— Machuquei em algum lugar.

Abaixou-se e segurou minha panturrilha.

— Aaaaiii!!! Mais delicadeza da próxima vez. — briguei.

Arrancou um pedaço de pano de sua camisa, amarrou em volta do machucado e levantou-se.

— Pra quê isso? — falei olhando o pano azul de listras.

— Para não sujar mais.

Ele virou o braço e ficou olhando para a cor clara de sua pele e depois levantou o rosto para o céu fazendo uma careta. Era a primeira vez que eu o observava por muito tempo. Caio era um menino esquisito.

— Opa... **striptease** aqui não, hein!? — falei quando ele tirou a blusa. Eu coloquei as mãos em frente aos olhos, mas só de fachada.

— Suba. — abaixou um pouco, de costas para mim. E que costas...

— Estou mais velha agora, e mais pesada também.

— Ande logo, Elisa.

Limpei minhas mãos em meu trapinho, entenda-se vestido, e acomodei-me em suas costas. Ele passou os antebraços em volta de minhas pernas e levantou-se.

viajantes_do_tempo.indd 93 03/12/2013 16:36:53

— Segure minha camisa para fazer sombra.

Peguei o pano que estava em sua mão e fiz uma espécie de tenda em cima de nossas cabeças, enquanto ele andava.

Fui carregada durante uns 40 minutos, até que achamos uma única palmeira no meio do nada.

Caio desceu-me de suas costas com cuidado e sentou-se encostado na arvorezinha. Entreguei a camisa para que se cobrisse.

— Obrigada por me carregar. — falei a ele. — Acho que já posso seguir andando agora.

— Vamos demorar muito assim. — disse, ainda tomando fôlego.

— Mas... — interrompi a frase. — Vem vindo alguém. — eu disse acenando.

— Você nem sabe se são pessoas boas. — ele falou puxando a barra do meu vestido para que eu parasse. — Não faça isso, Elisa.

Três homens em cima de fortes cavalos vieram até nós. Eles usavam roupas esquisitas, vermelhas e azuis, panos na cabeça criando um turbante, e tinham muitos equipamentos amarrados nos animais.

Um deles tinha o cabelo preto, ondulado, comprido, a pele era morena avermelhada muito bonita, sobrancelha grossa, olhos castanhos e o nariz bem talhado. Tinha um cavanhaque e... agora estava sorrindo para mim.

Percebi que meu amigo estava de pé ao meu lado, mas eu não conseguia deixar de olhar para o belo rapaz que dirigiu-se a nós.

— Será que podemos ajudá-los? — ele disse.

viajantes_do_tempo.indd 94 03/12/2013 16:36:53

— Sabe onde encontramos água? — Caio perguntou.

— Temos um pouco aqui. — ele estalou os dedos e um dos homens tirou de uma caixinha um odre, uma espécie de saquinho de couro onde põe água, e entregou-nos.

Eu bebi um pouco e dei a Caio, que entregou ao rapaz depois de beber.

— Aposto que estão perdidos... Acertei?

Acenei com a cabeça e ele sorriu.

— Meu nome é Hassan, sou filho do rei do Egito. Estes são meus servos — ele apontou para o da direita — Faruk — agora apontou para o da esquerda — e Hartmut. E vocês, quem são?

— Me chamo Elisa, e ele é o Caio. É um prazer conhecê-lo, alteza. — falei fazendo reverência.

— Vamos, vou levar vocês ao meu palácio. — ele estendeu a mão para mim, ajudando-me a subir no cavalo.

Caio, mesmo não querendo, teve de ir com Hartmut, que parecia rogar pragas em outra língua o tempo todo.

— De onde são? — o príncipe perguntou a mim.

— É um pouco difícil de explicar, mas posso dizer que viemos de uma terra muito longe daqui.

— E o que são um do outro? Irmãos? — ele disse puxando um pouco as rédeas do cavalo, pois estávamos muito a frente dos outros.

— Não... — ele me interrompeu.

— Primos?

— Por que acha isso?

— Vocês são parecidos. — Ele segurou minha mão que estava

viajantes_do_tempo.indd 95 03/12/2013 16:36:53

em volta de sua cintura e esticou meu braço. — Viu?!

Ele se referia à cor da minha pele. Em comparação ao príncipe eu tinha a pele bem clara, mas minha cor era diferente da brancura fantasmagórica de Caio. Algo em que parecemos é o cabelo, o meu é escuro e liso como o dele. Mas meus olhos são amendoados e a cor é cinza, já os de Caio são verdes misturados com castanho.

— Somos só amigos. — afirmei.

— Hmm...

Dali a um tempão chegamos numa colina de onde dava para ver uma grande cidade. Fiquei impressionada com tantas coisas construídas, praças, monumentos, e tinha um palácio gigantesco bem ao centro.

— É ali que eu moro. — ele disse apontando para o meio da cidade.

— Muito bonito. — falei admirada.

— Você também pode morar lá se quiser...

— Tá falando sério?!

Ele riu um pouco, e olhou para mim.

— Claro, minha doce Elisa. Mas para isso tem de se casar comigo. — sua voz ficou bastante máscula e envolvente. Eu quase ia perguntá-lo por que tinha insinuado casamento tendo eu tão pouca idade, mas aí lembrei-me de que alguns anos já haviam se passado.

— Eu... não posso.

— E por quê?

— Porque... não sou daqui, e...

viajantes_do_tempo.indd 96 03/12/2013 16:36:53

— Senhor, podemos dar água para os cavalos agora? Eles estão com muita sede. — Faruk falou.

— Achou algum poço?

— Hartmut achou.

— Certo, vamos então. — ele deu meia volta e cavalgamos até chegar lá.

O príncipe Hassan ajudou-me a descer e entregou a rédea a seu servo. Enquanto ele fazia isso e dava algumas recomendações, eu escapei de sua vista indo até Caio.

— Precisamos sair daqui. — falei baixinho a ele.

— Por quê?

— É... — Fiquei com vergonha de contar a ele, era um assunto complicado. — Não acho segu...

— Estão gostando do passeio? — Hassan disse com um sorriso enorme, chegando até nós. Era ainda mais alto e esbelto do que eu imaginava.

— Sim. — respondi com um sorriso forçado.

— Quando chegarem à minha cidade, então... Irão adorar! — comentou. Caio olhou para mim tentando pescar o que se passava. — Mas antes. — Hassan tirou uma espécie de túnica que usava para proteger-se do sol e deu a mim, ficando com uma blusa branca de gola em V profunda, e um tipo de saia branca com alguns detalhes em ouro, percebi que estava descalço. — Vista isto.

Coloquei, mas ficou enorme em mim. Os dois riam da minha cara.

— Chegando lá dou a vocês roupas melhores. Vamos. — o

viajantes_do_tempo.indd 97 03/12/2013 16:36:53

rapaz pegou minha mão e levou-me para junto de seu cavalo, e ajudou-me a subir.

Fomos rápido para a cidade. Quando entramos notei que a maioria das pessoas usava muitos adereços, colares, pulseiras, anéis, e todos andavam descalços. Alguns carregavam as sandálias nas mãos, outros carregavam penduradas num cajado.

— Por que não usam os calçados? — perguntei ao príncipe.

— É só para momentos convenientes.

Depois de passarmos por altos muros e um caminho de pedras, levou-nos para uma parte do palácio, ainda no térreo. Havia muitas servas trabalhando ali, e trajando vestidos bem finos, quase que transparentes, perguntei-me se ele teria piedade de mim e deixaria que eu usasse o que estava vestida mesmo.

— Mulher, providencie roupas para os meus convidados. Depois leve-os à sala de refeições. — Hassan disse a uma jovem moça de cabelos trançados.

Ela fez uma reverência, falou algo com outra serva e conduziu-nos a um cômodo da casa. Lá parecia funcionar uma espécie de fábrica de tecidos. Ela escolheu alguns vestidos e uma **chanti**, como disse que era chamada a saia masculina, e entregou-nos.

Fomos levados para o segundo andar onde tinha uma sala de banho luxuosa. As paredes eram de pedras e o clima ali era incrivelmente relaxante. Havia uma espécie de "banheira-piscina" com as bordas de ouro e prata e com água quase transbordando. Eu não via a hora de tomar logo um banho.

— Me deem suas roupas. — ela disse a nós dois.

— Será que não tem banheiro separado? — Caio falou

viajantes_do_tempo.indd 98 03/12/2013 16:36:53

depois de trocar um olhar surpreso comigo.

— Pra quê? — disse ainda com os braços estendidos em nossa direção.

— É que eu tenho vergonha de tomar banho perto dele. — confessei apontando o dedo.

A moça riu.

— Vergonha de quê? — ela insistiu.

— Caio, você já viu um duelo? — falei a ele.

— Não de perto, mas sei o que é.

— Pois bem, ficaremos de costas, eu conto até três e a gente pula na água. Sem olhar um para o outro. — propus.

— Mas não vale olhar mesmo, viu?! — ele disse.

— Tá bom. — dei risada.

Pedimos que os outros servos saíssem do cômodo, colocamo-nos de costas e nos despimos. Depois de entregar nossas roupas à serva eu comecei a contar.

— Um... Dois... Três! — Corremos e espirramos água para todo lado. A serva riu de nós.

A água estava uma delícia, juntei água nas mãos e molhei logo o rosto.

— Como se chama? — perguntei a ela.

— Karim. — ela pegou um banco e colocou nossas roupas ali, as que vestiríamos depois estavam em cima de uma mesa de granito.

Deu a cada um de nós uma esponja e despejou um líquido azul na água, tinha um cheiro muito bom, mas não consegui distinguir do que era. Uma serva entrou na sala e entregou a

viajantes_do_tempo.indd 99 03/12/2013 16:36:53

Karim uma jarra muito bonita, e esta nos molhava com o objeto.

— Trabalha há muito tempo aqui? — Caio perguntou.

— Desde pequena. — respondeu. Percebemos que não gostava muito de conversar.

Karim pegou em cima da mesa outro vidrinho e despejou em nossos ombros, ela fez isso umas cinco vezes, e depois lavou nosso cabelo. Saí dali tão perfumada que quase pedi os vidrinhos para mim. Em determinada hora, tivemos que nos sentar enrolados em uma toalha num tamborete de madeira nobre para que ela nos fizesse massagem nos ombros.

Fui vestida com um **haik**, que é uma túnica longa e branca, em cima dele Karim vestiu-me com um **kalasíris**, que é um vestido transparente, depois me deu um colar de ouro e pulseiras. Também fez um curativo em meu machucado e me deu um saquinho com ervas para colocar sobre o ferimento de vez em quando.

Em Caio ela colocou a **chanti** e o **kalasíris**. Nem eu e muito menos ele deixamos que ela nos maquiasse.

Chegamos, enfim, à sala de refeições, minha barriga já estava roncando. Tinha uma mesinha baixa, mas muito comprida, que ocupava quase a sala toda, no chão havia esteiras, só em dois lugares tinha almofadas. A mesa estava farta de alimentos, vários tipos de frutas, algumas carnes, grãos, bebidas, tinha até alface. Um milagre do deserto, eu diria.

Em volta, os empregados estavam de pé, então vi entrando na sala o príncipe Hassan. Sua roupa era basicamente a mesma que Caio usava, mas estava coberto de joias, com ombreiras

viajantes_do_tempo.indd 100 03/12/2013 16:36:53

bem enfeitadas também. Usava maquiagem no contorno dos olhos com um traço nas extremidades, e no cabelo havia algumas trancinhas.

— Gosta do que vê? — perguntou abrindo os braços e indicando suas roupas.

Caio cutucou meu braço para que eu respondesse.

— Sim. — falei, então ele sorriu convidando-nos a sentar.

Os criados nos serviram, e depois de uns minutos eu e Caio já estávamos nos sentindo em casa.

— Seus pais não moram aqui? — perguntei.

— Moram. — Ele pegou uma taça e bebeu um pouco de vinho. — O rei já almoçou, agora está na sala dele esperando pela chegada de uma mulher. Dizem que ela é muito bonita, então ele vai desposá-la.

— Mas e sua mãe? — falei.

— O que tem ela?

— Não fica chateada por ele querer casar com outra mulher?

— Aqui no Egito os homens da família real tem o direito de casar com várias mulheres. — ele falou cortando um pedaço de carne com uma faca e um garfo de metal. Pareceu pensar, depois suspirou.

— O que foi? — Caio disse.

— Acho que essa coisa toda de realeza não serve para mim.

— E por quê?

— Eu preferiria viver conhecendo o mundo, as pessoas, me casando com uma moça que eu ame de verdade... Mas não posso.

— Você é o próximo depois de seu pai? — perguntei.

viajantes_do_tempo.indd 101 03/12/2013 16:36:53

— Sou.

— Quantas mulheres têm? — Caio falou.

— Nenhuma.

— Por que não quer, certo?

— É. — ele falou empurrando o prato para o lado, não parecia ter muita fome. — Era para eu ter me casado aos 17 anos, agora com 25 preciso garantir um sucessor ao trono, depois de mim.

Fingi não escutar, coloquei mais comida no garfo e o enfiei na boca, olhando para a varanda.

— Ah... tem a Elisa aqui, quanto me pagaria por ela? — Caio falou brincando.

Fechei a cara e dei um soco no braço dele de raiva, os dois começaram a rir.

— Não adianta, ela já disse que não quer se casar. Não posso forçá-la.

— Disse? Quando isso? — ele virou para mim. — Você não me contou.

Corei. Não era para tocarem no assunto.

— Não disse a ele que te achei uma dama muito atraente e gentil, e que queria que fosse minha esposa? — Hassan falou de forma simpática.

— Não... — eu disse baixinho.

O clima ficou bastante chato, eu e Caio não nos falamos mais durante o almoço, pois havíamos combinado de não esconder nada um do outro até sairmos dessa... "viagem pelos tempos antigos?".

Durante a tarde conhecemos o rei, que era um jovem senhor, e a rainha, uma mulher bastante vaidosa.

viajantes_do_tempo.indd 102 03/12/2013 16:36:53

Fomos hospedados em quartos privilegiados, ao lado do quarto do príncipe. Da varanda tínhamos uma vista magnífica da cidade. A varanda rodeava a casa, de modo que era comum a todos os quartos, sendo delimitada a cada um por uma mureta. E como Thomas Edson não nasceu ainda, desfrutei de uma noite à luz de estrelas.

Peguei um tecido da cama, coloquei sobre meus ombros para cobrir o meu "pijama", que era basicamente um vestido branco, como a maioria dos vestidos do Egito, só que abaixo dos joelhos, e fui para a varanda.

— Incrível! — falei assombrada e maravilhada.

Inúmeras bolinhas luminosas enchiam o céu, algo totalmente surreal! A lua cheia estava magnífica. E também havia o silêncio surpreendente da cidade, nada de carros, vizinhos barulhentos, nada...

— Sem sono?

Pulei de susto. Vi o príncipe na sua varanda olhando para o céu.

— Você também? — falei.

— É.

Hassan virou-se para mim. Era bem melhor vê-lo sem maquiagem e trancinhas no cabelo. Bem melhor...

— Gosta de estrelas? — perguntou com sua bela voz.

— Gosto.

— Interessante como todas podem caber no mesmo céu...

Voltei os olhos para as constelações, que infelizmente eu não sabia identificar, mas achava incrível.

— Verdade, são tantas... — concordei.

viajantes_do_tempo.indd 103 03/12/2013 16:36:53

— Até onde será que elas vão? — falou com a curiosidade de uma criança.

— Não faço a mínima ideia. — ri um pouco, ele sorriu para mim.

— Você é muito bonita. — elogiou de repente.

— Obrigada. — sorri sem graça. — Você também é muito bonito.

Ele veio para perto de minha varanda e sentou-se na mureta.

— Deixe-me ver sua mão? — pediu.

Segurei as pontas do tecido da cama com uma das mãos e mostrei a outra a ele. Hassan tirou um de seus anéis mais bonitos e depois acariciou minha pele.

— É macia. — sorriu. — Se um de meus anéis couber em seus dedos, ele será seu.

— Mas...

— É presente.

Depois de testar vários, só o do dedo mindinho coube. Rimos com isso, pois eu não tinha noção de como meus dedos eram fininhos.

Conversamos durante a noite toda. Hassan era um rapaz muito legal e bastante inteligente, contou-me sobre os costumes do Egito, sobre os deuses deles, sobre seu povo, e sua família.

— E quando eles vão se casar? — perguntei sobre a moça que o rei havia encontrado hoje.

— Amanhã mesmo.

— Não vai ter nenhuma cerimônia antes? E os preparativos?

— Para isso só as palavras bastam. E o marido tem o dever de amar sua esposa e fazê-la feliz. Afagando-a, vestindo-a bem,

viajantes_do_tempo.indd 104 03/12/2013 16:36:53

dando provas de seu amor.

— Que fofo! — falei contente. — Mas como assim as **palavras bastam**? Não tem nenhum... hm... — não devia existir pastor ou padre aqui, né? — alguém que oficialize isso?

— Não. Mas posso te mostrar como é.

Ele desceu da mureta, tirou o tecido dos meus ombros e colocou de lado, depois segurou minhas duas mãos com cuidado.

— É feito desta forma: **Elisa, hoje te faço minha mulher.** — disse solenemente olhando profundo em meus olhos, na pouca claridade vinda de nossos quartos. — E você diz: **Hoje me fizeste tua mulher**. Assim você vem morar em minha casa, e nós seremos vistos como casados a partir daqui.

— Hmm... legal. — soltei minhas mãos das dele, acanhada, e tornei a me cobrir com o tecido. — E qual é o nome da mulher com quem seu pai vai se casar?

— Sarai.

— Sarai?

— Sim, ela e seu irmão Abraão vieram para o Egito porque... — o interrompi.

— Abraão? Você tá mesmo dizendo que seu pai vai se casar com Sarai?

Levei as mãos à boca, surpresa. Sarai era a mulher de Abraão... o homem a quem Deus chamava de amigo!

viajantes_do_tempo.indd 105 03/12/2013 16:36:53

viajantes_do_tempo.indd 106 03/12/2013 16:36:53

Seis: Vidas

Apesar de preocupada, dormi como uma pedra. Fazia tempo que meu corpo não sentia o macio de uma cama, e a preguiça de levantar fez-me ficar ali durante um bom tempo.

— Aaah não! — falei cobrindo-me com o tecido. Alguém estava batendo na porta.

— Elisa? — Caio chamou.

— Eeenntra. — eu disse preguiçosa.

— Você também está passando mal? — Ele veio até a cama e sentou-se na beirada.

— Não, alguém está?

— Praticamente todo mundo.

Sentei-me e espreguicei os braços.

— O que eles têm? — perguntei coçando os olhos.

— Estão com doenças estranhas; o rei está cheio de bolhas, a rainha não para de se coçar e os filhos do rei estão com muita febre.

— Mas isso do nada?

— Começou hoje de manhã. Estou achando que é por causa da comida, por isso não tomei café.

— Não acho que seja isso... — falei pensativa.

Joguei o tecido de lado para levantar-me da cama, mas assim que coloquei os pés no chão para dar o primeiro passo escorreguei e caí de joelhos.

— Aaaii!!! — reclamei. — Esse negócio no assoalho... — sentei-me para ver o que tinha me derrubado. Era o Livro.

viajantes_do_tempo.indd 107 03/12/2013 16:36:53

— Sabia que tinha alguma coisa a ver com isso! — Caio me disse animado.

Ele também sentou-se no solo e nós abrimos a Bíblia. Em vermelho, o capítulo 12 de Gênesis estava grifado.

— **Por causa dela o rei tratou bem Abraão e lhe deu ovelhas, bois, jumentos, escravos e escravas, jumentas e camelos. Mas por causa de Sarai, o Senhor Deus castigou o rei e a sua família com doenças horríveis.** — Caio leu. — Podíamos contar a eles.

— Claro que não, devem descobrir por si mesmos. Lembra que estamos aqui apenas como espectadores?

Ficamos em silêncio por uns instantes até que ele perguntou:

— Vamos ficar de história em história até quando?

— Não sei. — falei triste. — Já estou com saudade de casa e preocupada com a escola, faz um tempo que estamos aqui.

— Mas a gente vai dar um jeito de voltar, não se preocupe. — garantiu.

Coloquei o livro em cima da cama e abracei meu amigo. Ele passou uma das mãos em volta de minhas costas e com a outra alisava meu cabelo.

— Me desculpe por ter te colocado nessa. Mas é um alívio ter você aqui comigo. — confessei.

— Não entendi.

Eu ri um pouco e me afastei.

— Se fosse a Magali, já estaria desabando em lágrimas. — expliquei.

— Ah tá... — torceu os lábios sem graça, talvez pensando em algo.

viajantes_do_tempo.indd 108 03/12/2013 16:36:53

Levantei-me.

— Vamos, temos que achar Abraão. — falei indo até a porta. — Mas antes — parei, girando sobre os calcanhares — me deixa lavar o rosto, vai?

Caio riu e acenou com a cabeça. Andei até a bacia em cima de uma mesa no quarto e mergulhei as mãos na água e lavei bem o rosto. Fiz gargarejo com a outra água que tinha dentro de uma jarra de metal.

Nós saímos do quarto e fomos andando sem fazer barulho pelo corredor até chegarmos à escadaria que levava para o salão principal. Só ouvíamos alguns cochichos e barulho de passos na cozinha.

— Por aqui. — Caio indicou falando baixinho.

Entramos num quartinho que tinha uma escada que nos levaria para a parte dos fundos. Foi aí que me lembrei de algo importante.

— Caio, — eu disse no momento que estávamos descendo — será que eu posso me despedir do príncipe?

— Você fala isso agora que estamos saindo? — ele bateu a mão na testa.

— É rápido. — levantei as abas do **kalasíris** que vesti por cima do pijama e saí correndo.

Passei por alguns servos que iam levando bandejas para os quartos reais, entrei no quarto em que havia passado a noite e corri para a varanda.

"Será que ele não vai brigar comigo por isso?", pensei enquanto pulava a mureta que separava a minha varanda da dele.

viajantes_do_tempo.indd 109 03/12/2013 16:36:53

— Hassan? — Espiei o quarto. Era tudo muito arrumadinho e perfumado. Em um canto tinha uma bacia de metal cheia de água, presumi que fosse para deixar o ambiente mais úmido.

O príncipe estava deitado em sua cama coberto por um pano, acho que de linho, branco com algumas listras verdes. Quando cheguei mais perto e ajoelhei-me ao lado da cama, notei que sua testa estava suada. Coloquei a mão e senti-o febril.

— Elisa? — falou baixinho esforçando-se para manter os olhos abertos. — Há quanto tempo está aqui?

— Acabei de chegar, mas vim me despedir.

— Aonde vai? — ele segurou minha mão, o príncipe estava bastante fraco.

— Eu... — procurei as palavras — tenho que seguir a minha "missão", vamos dizer assim.

— Me diz aonde vai para que eu possa segui-la.

Levantei-me. Hassan olhou-me com angústia.

— Infelizmente você não pode ir. Me desculpe.

— Ande Elisaaa. — Caio gritou da rua, impaciente.

Olhei para a varanda e depois para o príncipe com um sorriso triste de adeus. Ele apoiou uma das mãos na cama a fim de se levantar.

— Não, não tente se levantar. — corri até ele ajudando-o a, pelo menos, sentar-se.

— Não é justo você me deixar num momento de enfermidade. — ele disse. Sentei-me na beirada de sua cama de frente para o príncipe.

— Mas a culpa não é minha, preciso descobrir um jeito de

viajantes_do_tempo.indd 110 03/12/2013 16:36:53

voltar para casa. E você vai ficar bem, Hassan, não se preocupe. — passei a mão em seus cabelos desgrudando-os de seu belo rosto.

— Você não vai voltar... não é?! — disse, triste.

— Não. — respondi. Então ele virou o rosto chateado. — Mas não vou me esquecer de você. — mostrei-lhe o anel, o que não pareceu animá-lo muito.

— Gostei muito de você, Elisa. — ele disse de cabeça baixa.

— Também gostei de você, mas não fica assim, não. — ergui seu rosto e sorri.

Olhou-me nos olhos de forma profunda e magoada. Pude sentir sua pele úmida pela mão que estava ainda em seu rosto e vi uma gotícula de suor descer pela raiz de seus longos cabelos ondulados. Ele estava muito mal e eu não sabia muito bem como sair dessa situação, era uma pena vê-lo assim, até ontem à noite Hassan era tão alegre e divertido, mas agora... parecia que ia morrer. Mas eu devia separar-me dele antes que me apegasse mais.

— Adeus. — abracei-o forte, repousando meu rosto em seu ombro, depois dei-lhe um beijo de afeto em sua bochecha, ele retribuiu de leve. Então levantei-me e saí do quarto com o coração apertado.

— Você demorou. — Caio disse com a cara fechada.

— Não é fácil se despedir. — falei calçando uma sandália feita de palha trançada. Olhei em volta procurando um caminho que tivesse sombra.

— Por onde procuramos Abraão?

— Desta vez não faço a mínima ideia. O Egito é tão grande, e nunca vimos uma foto sequer deste homem. — respondi.

viajantes_do_tempo.indd 111 03/12/2013 16:36:53

De repente ouvimos barulho de cavalos na entrada principal do palácio, corremos até lá e vimos uma porção de soldados e o rei cheio de bolhas descendo a escadaria.

— Por que você fez uma coisa dessas? Por que não me disse que ela é sua mulher? — o rei falou a um homem, que pelo assunto, devia ser Abraão.

— Mas é que... — ele falou.

— É que **nada**! Você disse que ela era sua irmã, e por isso eu casei com ela. Portanto, aqui está a sua mulher; saia daqui com ela! — o rei mandou que trouxessem Sarai e entregassem ao seu marido verdadeiro.

— **Então o rei deu ordem, e os seus guardas levaram Abraão para fora do Egito, junto com sua mulher e com todas as coisas que eram dele**. — Caio leu baixinho.

E como já era de se esperar, ao levantarmos os olhos do livro a cena já havia mudado, o pessoal do patriarca tava indo embora.

— Vamos, não podemos perdê-los de vista. — falei puxando-o pelo braço.

Corremos atrás da caravana de Abraão, o que não era tão fácil. Eles tinham animais que os carregavam e eram muitos, e várias vezes tínhamos que parar para descansar, pois não nos acostumamos com o clima do deserto ainda.

No meio da caminhada já tínhamos conseguido camelos, mas são bichos lentos. Não é por nada, não, mas até minha avó consegue ir mais rápido que eles usando uma bicicleta. Eu e Caio derretíamos, mesmo nossas roupas sendo leves. E não tinha nada para abanar.

viajantes_do_tempo.indd 112 03/12/2013 16:36:53

— Não é possível que nos perdemos de novo. — falei desabando em cima de uma corcova do camelo.

— Desculpa, mas eu jurava que tinha visto um boi. — ele disse. Abraão possuía vários animais, mas parece que outro grupo o acompanhava, assim nós ficamos um pouco desorientados.

— Vamos parar naquela cidade ali. — falei apontando um monte de terra que parecia um castelinho longe, no meio da linha do horizonte.

Nossa caminhada foi longa. Pensei em água. Eu devia estar tendo insolação. E cadê meu bloqueador solar fator 80, chapéu tipo mexicano e um suco de laranja no capricho?

— Elisaaa!!! — Caio berrou ao meu lado quando eu estava distraída, pulando do seu camelo e correndo.

Fiquei parada com uma cara de "hã?" sem saber o que se passava. Meus pensamentos voavam tão longe, que só notei que estávamos no meio de uma guerra quando o camelo do meu amigo foi quase atingido por uma flecha com a ponta em chamas.

— Ai, "minha nossa"! — falei tentando desenroscar meu **kalasíris** imprestável das rédeas do bicho.

O camelo fez um barulho esquisito de reclamação e começou a andar, me levando para a esquerda, onde tinha um monte de gente apanhando de uns soldados.

— Caio! Ajude aqui! — gritei ao meu herói escondido atrás de uma ruína.

Ali era um vale todo cheio de buracos, e de um lado víamos uma cadeia de montanhas enquanto do outro uma faixa de mar. Encontramos soldados guerreando, cavalos,

viajantes_do_tempo.indd 113 03/12/2013 16:36:53

arqueiros: uma selvageria total.

Pulei do meu camelo e saí correndo em direção à ruína onde meu amigo estava, mas então esbarrei feio num homem de armadura e caí sentada.

— Essa doeu. — reclamei passando a mão na testa.

Olhei para cima temendo ver uma arma afiada apontada para mim, mas só achei um homem barbudo de cabelo desgrenhado e olhos cor de mel. Era baixinho e forte, estava com a mão estendida para mim.

Apoiei-me nela para levantar e depois corremos juntos para detrás de um monte de pedra.

— Obrigada. — agradeci a ele.

— De que lado estão, crianças? — perguntou-nos, de olho na briga longe da gente.

— Quais as opções? — Caio perguntou confuso.

Ele sorriu um pouco.

— Vocês agora fazem parte do grupo de Sodoma. — disse-nos.

— Mas Sodoma não vai... — eu ia falando, mas Caio tapou minha boca com as mãos.

— O que tem? — o soldado falou.

— Não é nada. — Caio respondeu.

— Sigam por aquele caminho de pedras até a montanha, lá estarão seguros. — ele nos informou, depois abanou as mãos. — Vão crianças, vão!

Caio pegou na minha mão e nós fomos correndo enquanto ouvíamos o barulho de espada, gritos e alguns gemidos. Subimos por um caminho cheio de pedregulhos e fomos correndo em

viajantes_do_tempo.indd 114 03/12/2013 16:36:53

direção à montanha, onde já havia vegetação.

— "Peraí, peraí". Tem uma pedrinha no meu sapato. — falei soltando a mão do meu amigo e sentando-me no chão.

— Meninas só sabem enrolar. — ele disse cruzando os bracinhos magrinhos.

Mexi um pouco os ombros, não ligando para o que ele disse, e voltei a cutucar minha sandália.

— Ei... Quando foi que cortou o cabelo? — perguntou.

— Quê? — fiz uma careta olhando pra ele.

Caio começou a rir. Riu tanto que chegou a ficar roxo, mas eu não sabia o porquê até me dar conta de uma coisa que não tinha notado enquanto estávamos em perigo.

— Somos pequenos agora! — falei desesperada.

— E você tem uma janelinha no dente da frente. — falou rindo mais. — Aaaiii!! Isso dói. — resmungou quando dei um beliscão em seu bracinho magrelo.

— Vamos sair logo daqui, seu bobão! — limpei a poeira do meu vestido e saí correndo na direção da montanha, sendo seguida pelo miniCaio.

Naquela parte só havia um caminho por entre o mato e as árvores.

— Tá chegaaando? — ele perguntou.

— Só mais um pouco.

— Um pouco é quanto?

— Aaah, dá um tempo, né?! — resmunguei.

— Ei! Vocês aí. Quem são? — ouvimos uma voz masculina muito grave atrás de nós.

viajantes_do_tempo.indd 115 03/12/2013 16:36:54

Segurei com medo a mão do meu amigo, e o barulho de alguém descendo do cavalo e vindo até a gente ficou mais alto.

— Não vão responder a minha pergunta?

Tivemos que olhar bem para cima, o rapaz era gigante. Usava uma armadura brilhante, uma saia vermelha e um tipo de sandália trançada.

— Err... Eu sou o Caio e essa é a Elisa. — disse sem jeito.

O rapaz riu junto com os outros soldados à nossa volta. Suas roupas estavam sujas de sangue e terra, alguns bastante machucados, mas como deviam ter vencido a batalha, isso era o que menos importava naquela hora.

— Vocês irão conosco. — o mesmo rapaz disse a nós e fez um sinal para os companheiros.

Dois deles apareceram por trás da gente e nos pegaram pelos braços, erguendo-nos no ar e levando-nos para seus cavalos.

"Que ótimo. Agora somos prisioneiros.", lamentei nossa má sorte. Estávamos entrando numa fria.

Já estava escuro quando chegamos ao acampamento. Havia várias barracas espalhadas pelo local e uma enorme fogueira bem no meio. Num dos cantos, para onde levaram a gente, havia muitas pessoas sentadas com cordas amarradas nas mãos.

O soldado que nos conduziu amarrou-nos num tronco de árvore caído no chão e foi se juntar aos outros que estavam bebendo em volta da fogueira.

— Me diga, por que a gente sempre se dá mal? — Caio falou de maneira engraçada, mas ao mesmo tempo sério.

— Eu sei lá.

viajantes_do_tempo.indd 116 03/12/2013 16:36:54

— E eu estou com fome, não comi nada desde cedo.

— Eu também.

— Ei, crianças, me ajudem aqui. — uma jovem chamou baixinho no nosso lado esquerdo. Parecia maltratada, com as roupas em farrapos e cabelos sujos. Ela tentava alcançar as botas feitas de peles de animais que usava.

— O que quer? — perguntei.

— Preciso da minha faca, está dentro da bota, conseguiria pegar para mim?

— Posso tentar.

A corda amarrava minhas duas mãos unidas, e esta ligava ao tronco, me permitindo fazer mínimos movimentos. A jovem estava com uma corda em volta do corpo, então esticou a perna na minha direção, eu me inclinei o máximo que pude e tentei enfiar meus dedos magrinhos dentro da bota. Instantes depois senti uma lâmina afiada espetar meu dedo e dei um jeito de fazer ela subir e sair do calçado.

Ouvi Caio limpando a garganta ao meu lado, entendi que aquilo era um sinal de alerta e tratei logo de disfarçar. Ao nosso encontro dois soldados estavam vindo, um deles tinha o cabo da espada ao alcance da mão, o que eu achei um tanto desnecessário por todos nós estarmos muito bem amarrados.

Os dois caminharam em meio aos prisioneiros durante um tempo, aproveitei para tentar cortar a corda que prendia meus pulsos para depois ajudar a dona da faca a se libertar.

— Vamos ver o que temos aqui... — o rapaz que estava desarmado falou passando por cima do tronco e agachando a

viajantes_do_tempo.indd 117 03/12/2013 16:36:54

minha frente. — Não pensava em aprontar, pensava, menininha?

— Não, mas é que tava apertado demais. — choraminguei, tentando parecer verdade.

— Posso dar um jeito nisso. — disse, gentil. Ele pegou a faca da minha mão e guardou no bolso da saia. Ouvi uma espécie de rosnado vindo da moça. E então o soldado deixou um pouco mais frouxa a minha corda. — A sua também está te machucando? — ele falou para Caio.

Meu amigo balançou a cabeça dizendo que não, parecia admirado com a atitude daquele rapaz. Era um bom rapaz.

— O que está fazendo, Rafiq? — perguntou o outro soldado colérico.

— Nada demais. São apenas crianças. — o jovem levantou-se.

Ouvimos o soar de uma trombeta e um rebuliço entre os homens no acampamento. Estavam sendo atacados. "Mais uma vez", pensei deprimida. Os dois soldados perto de nós foram correndo para o meio do acampamento para saber das reais informações, então vi o moço que nos ajudou pegar uma espada. Eu não queria que ele se machucasse, mas pensei que seria inevitável.

Logo depois, muitas pessoas apareceram. Pelos uniformes de cores diferentes, pudemos notar que eram do grupo inimigo. Escutamos um estrondo no céu, um trovão. Em seguida assistimos, mesmo não querendo, uma luta terrível entre os grupos rivais. Jovens garotos, de seus 20 e poucos anos pareciam dispostos a dar suas vidas naquela batalha.

À luz da grande fogueira vimos o bailar dos corpos em combate. A arte da guerra? O que arte tem a ver com pessoas

viajantes_do_tempo.indd 118 03/12/2013 16:36:54

que podem se ferir, e pior, morrer?

Senti que meus pensamentos não eram de uma garotinha de 8, 9 anos como mostrava meu corpo. Eu ainda permanecia em mim. Minha mente ainda tinha seus 16 anos.

Mas para quê precisávamos envelhecer ou retroceder no tempo? Questão de conveniência? É... Quem sabe?!

— Vamos?! — ouvi uma pessoa falando comigo.

Levantei o rosto para saber quem se dirigiu a mim. Era a garota que eu (quase) ajudei. Estava à minha frente com a mão estendida. Com seu apoio coloquei-me de pé, ela tinha três vezes a minha altura.

Todos os prisioneiros estavam sendo libertos. Não pensei que tivesse passado tanto tempo pensando, não havia ninguém lutando mais. Estava tudo quieto, exceto pelos nossos passos pesados na terra e outros barulhinhos que não reconheci.

Fomos instruídos para sair do acampamento. Tratei de achar meu amigo e nós dois seguimos as demais pessoas. Ao passar pelo meio do lugar, custei a acreditar que as sombras espalhadas no chão em volta da fogueira, com as chamas quase se extinguindo, fossem... pessoas sem vida. Lembrei-me de Rafiq, o moço que afrouxou a corda. Seria justo? Para mim, por motivo que fosse, a guerra não era justa.

Algo me dizia que essa não seria a última vez que uma coisa dessas aconteceria...

Não sei, mas achei que depois do ocorrido eu tivesse amadurecido um pouco. É meio estranho eu pensar nisso, mas por mais irritante que seja uma pessoa, isso não tira dela a

viajantes_do_tempo.indd 119 03/12/2013 16:36:54

condição de pessoa, ser vivente, algo criado com tanto carinho para depois... morrer de forma triste assim.

— Aonde vamos? — Caio perguntou a mim enquanto descíamos uma colina. Era noite, andávamos todos juntos para não nos perdermos.

— Não sei. — murmurei.

— Vocês... não têm mais pais? — a garota nos perguntou hesitante.

— Temos, mas eles não estão aqui. — meu amigo respondeu.

— E onde estão?

— É uma looonga história.

— De qualquer forma, meu nome é Noa. E o de vocês?

— Eu sou o Caio, e a distraída aqui é a Elisa.

Eu já tinha perdido as contas de quantas vezes nos apresentamos e de quantas pessoas conhecemos em tão pouco tempo.

— Tem lugar para passarem a noite? — disse ela.

— Não. — falei. — Você é de algum grupo?

— Sou a criada de Ló, sobrinho de Abraão. O senhor Abraão nos salvou daqueles soldados estúpidos.

Durante todo o trajeto, Noa foi nos contando o que tinha ocorrido. Diz ela que Abrão e Ló viviam num mesmo lugar, mas os empregados dos dois brigavam muito porque o pasto era pequeno para alimentar os animais deles. Então decidiram separar-se e Abrão deixou que seu sobrinho escolhesse onde queria morar, e Ló escolheu o vale do rio Jordão. Foi acampando por lá até ir morar em Sodoma. Só que os reis de Sinar, Elasar, Elão e Goim fizeram guerra contra os reis de Sodoma, Gomorra,

viajantes_do_tempo.indd 120 03/12/2013 16:36:54

Admá, Zeboim e Zoar. E esses cinco exércitos se juntaram no vale de Sidim, que é cheio de buracos onde tem piche. Depois dos reis tentarem fugir, pegaram tudo o que tinha em Sodoma, inclusive as pessoas (ou seja, nós também) e levaram para o acampamento.

— Mas aí, Abraão chegou com seus homens e derrotou a todos, nos libertando.

Atravessamos o vale e subimos outra colina. Paramos junto com uma multidão de pessoas para descansarmos, de manhã eles resolveriam para onde iriam, eu e Caio também.

Demorei a pegar no sono. O céu estava muito bonito naquela noite, me lembrou o Egito.

Tínhamos passado por tanta coisa, mas nada fazia muito sentido. Do nada entrávamos numa história, e quando nos apegávamos a algo, logo tínhamos que partir.

Lembrei-me de minha infância. Isso me entristeceu. Tantos anos tinham se passado, tanta gente que conheci já não fazia mais parte da minha vida. Pessoas vêm e vão. Como os dias, como os anos.

Senti uma lágrima quente escorregar de meus olhos. Olhando por esse lado, a vida parece tão triste...

— Caio. — sussurrei para o menino que estava deitado na grama ao meu lado. — Você tá acordado?

— ... tô...

— Você sabe se as pessoas no Céu vão se reconhecer?

— Não sei, mas eu acho que não, Elisa.

— Mas por quê?

viajantes_do_tempo.indd 121 03/12/2013 16:36:54

— Porque nem todos vão para o mesmo lugar. Se lembrassem de alguém, e não vissem a pessoa, todo mundo ficaria triste, né?

Enxuguei o rosto com as costas da mão, mas não consegui conter as lágrimas. Então chorei baixinho.

Caio passou o bracinho em volta de mim e encostou a testa na minha cabeça. Tempos depois ele dormiu, e eu continuei pensando até pegar no sono.

viajantes_do_tempo.indd 122 03/12/2013 16:36:54

Sete: 300 de Gideão

O sol brilhava através das folhas da árvore. Esquentava a parte do meu corpo que não estava debaixo de sua sombra. Inspirei o ar puro do local, uma colina com pouquíssimas árvores foi o que pude notar espiando com os olhos semiabertos.

Tive vontade de passar muito tempo ali, pois havia dormido muito bem, um sono sem sonhos, sem interrupções.

Ouvi um murmúrio e notei que meu amigo estava ao meu lado fazendo-me de travesseiro. Continuava com o braço em volta de mim, só que agora o queixo encostava em meu ombro. Segurei sua mão e ergui o braço, agora pesado e forte como antes. Tinha 17 anos novamente e usava as mesmas roupas de quando estava na igreja, antes de parar aqui. Coloquei o braço em cima de seu próprio corpo e virei o rosto para olhá-lo.

Ele coçou a pontinha do nariz, ainda de olhos fechados, e continuou dormindo. Caio tinha uma coleção de sardas bem claras no rosto, quase imperceptíveis. Arrumei seu cabelo e passei a ponta do dedo em sua sobrancelha. Ele mexeu no rosto com a mão e encolheu o corpo. Ri baixinho. Estava me dando uma vontade incontrolável de perturbar aquele menino. Era tentador.

Peguei uma mecha de meu cabelo e rocei em seu ouvido. Ele mexeu os ombros, incomodado, e tampou a orelha com uma das mãos. Depois peguei um matinho do chão e passei no contorno de seu rosto, que depois ele começou a coçar.

Enchi tanto sua paciência que ele acabou acordando. Ficamos nos olhando, eu com um sorriso no rosto e ele sem nenhuma

viajantes_do_tempo.indd 123 03/12/2013 16:36:54

expressão, só olhando. Perguntei-me o que significaria, uma repreensão por dor na consciência ou só que ele ficava com essa cara quando acordava.

— Bom dia... — sussurrei.

Ele não respondeu, virou-se de barriga para cima e passou os braços por detrás da cabeça.

— Chateado comigo? — deitei-me de lado pensando se ele não gostava de ser acordado.

— Por que estaria?

— Acordei você da pior forma; te perturbando. Desculpe.

— Não foi nada, Elisa.

Ri um pouco.

— Faria o mesmo, né?! — falei brincando.

— Talvez. — Ele me olhou com o canto dos olhos. — Não, acho que não faria.

— Já disse que você é esquisito?

Nós dois rimos. Ele continuou sorrindo enquanto olhava para os galhos da árvore, e eu continuei sorrindo enquanto o olhava, me deliciando com aquela visão.

"Hã?", pensei confusa. Acho que tanto tempo sem fazer uma refeição descente estava afetando minha mente. Eu não podia... Não, eu não estava...

Balancei a cabeça afastando a ideia sem pé nem cabeça da minha mente. Era um absurdo total!

— Estou com fome, é melhor procurarmos algo para comer. — o som da voz do meu amigo deixou-me atordoada.

Levantei-me rápido e fui descendo a colina trocando as pernas.

viajantes_do_tempo.indd 124 03/12/2013 16:36:54

— Isso mesmo! Vamos procurar comida. — falei tentando parecer normal.

Ele deu uma gargalhada que fez meus ombros endurecerem. Torci as mãos no vestido de nervoso. Ouvi uma espécie de galope e olhei para trás, vendo-o descer correndo. Dali para um tombo era um minuto.

Caio segurou minha mão quando passou por mim, fazendo-me correr na mesma velocidade. O que não foi calculado era o lago ao pé da colina, e que um corpo em movimento tende a continuar em movimento.

"By Newton", pensei.

Foi água para todos os lados. Sorte que a lagoa tinha uma profundidade razoável, sendo assim, não nos machucamos. Enquanto eu praguejava por meu vestido estar encharcado, Caio agia como se estivesse no Éden.

— O que foi? — ele perguntou vindo até mim tempos depois, tinha um sorriso brincalhão no rosto e as roupas ensopadas.

— Nada, só não estava a fim de tomar banho gelado logo cedo. — Abracei meu próprio corpo. Ele apenas riu me acompanhando para fora da água.

— É bom para despertar de vez. — sacudiu o cabelo usando uma das mãos, respingando água em mim.

Depois de tirarmos um pouco da água de nossas roupas, sentamos na grama onde batia bastante sol.

Eu estava incomodada com a minha forma de pensar. Eu tinha que lembrar o tempo todo que não estava aqui para um passeio feliz no parque, nem participando de um reality show

viajantes_do_tempo.indd 125 03/12/2013 16:36:54

sinistro, e por fim, mas não menos importante, tinha que me lembrar de que o meu amigo é só isso: meu **amigo**.

Acenei com a cabeça concordando comigo mesma e dei uma leve espreguiçada com os braços.

— Já disse que você é esquisita? — disse-me rindo um pouco.

Virei para ele e sorri.

— Nem precisa dizer, eu já sei.

— É. — falou baixinho me olhando com uma expressão que não soube definir.

Dali a pouco, ele estendeu a mão e me tocou, fazia carinho em minha bochecha enquanto meu rosto ardia de vergonha e espanto. Ouvi alguém lendo o caderno de perguntas, era a questão "Se você pudesse mudar o passado, com qual garoto da sala você daria o seu primeiro beijo?". Meu coração batia acelerado, mas pareceu parar quando Caio inclinou o corpo encontrando meus lábios e depositando neles um beijo carinhoso. "Caio.".

Coloquei as mãos em meu rosto afogueado e balancei a cabeça tentando afastar as ideias mirabolantes da minha cabeça. Foi a gota d'água! Vê se pode, Caio me beij...?! Que abuso da minha imaginação!

Levantei-me chamando a atenção do meu amigo sentado ao lado, ele parou de jogar pedrinhas na água e me olhou.

— Estou morrendo de fome, você não está? — falei ficando de costas para ele.

— Estou. — levantou-se. — Por onde começamos a procurar?

— Podemos ir em direções diferentes. Eu vou por ali — apontei para a esquerda. — E você vai para lá. — apontei para a direita.

viajantes_do_tempo.indd 126 03/12/2013 16:36:54

Comecei a caminhar, mas ele me parou.

— Não vamos nos separar, pode ser perigoso.

— Bobagem!

— Ei, meninos!

Senti um frio na barriga. Eu reconhecia aquela voz. Era uma voz aveludada, vinha do topo da colina onde havíamos dormido.

Eu e Caio fizemos o trajeto até lá e encontramos quem tanto procurávamos: a Sabedoria.

Nós dois começamos a bombardeá-la de perguntas mas aí ela fez um sinal e nós paramos. Percebi que na árvore tinha um quadro negro pendurado e na grama duas carteiras escolares. A Sabedoria, agora ruiva dos cabelos cacheados, usava uma beca de formatura e um chapeuzinho.

Ela nos pediu que sentássemos nas carteiras, e em cima dela tinha uma caneta e uma prova.

— O que significa isso? — perguntei.

— É um teste. Preciso saber se estão aptos para... — ela deu uma risadinha. — Preciso saber se estão aptos. — repetiu.

— Mas como assim? Pra quê? — Caio falou.

— Vocês têm 10 minutos.

— Mas são 30 perguntas discursivas! — reclamei, as sobrancelhas arqueadas de espanto.

— 9 minutos.

Pegamos a caneta e começamos a ler as questões. Eu estava tensa. Não gostava de fazer as coisas sobre pressão, ainda mais prova escrita.

As primeiras perguntas eram fáceis. Em quantos dias Deus

viajantes_do_tempo.indd 127 03/12/2013 16:36:54

criou o mundo, o que ele criou, onde se encontravam os versículos etc.. Depois sobre o pecado de Adão e Eva, Caim e Abel. Por mais que eu não tivesse vivenciado algumas coisas, eu sabia, porque tinha lido a Bíblia algumas vezes, e Gênesis é a parte mais popular. Claro, começamos lendo os livros pelo início.

A partir da 10ª pergunta as coisas começaram a ficar complicadas. Era sobre a Torre de Babel, Abraão e Sara, Agar e Ismael...

— Ei! Essa parte aqui a gente não chegou ainda. — falei, já que, de acordo com a Bíblia, ainda estávamos onde Abrão liberta Ló.

Ela sorriu. Entendi que não era a obrigação dela nos direcionar para cada história, ficaríamos uma eternidade para conseguir vivenciar tudo.

Respirei fundo e tentei responder de acordo com aquilo que minha mãe me ensinou quando eu era pequena. Ela e meu pai costumavam ler as histórias para mim, até hoje na minha casa tem a Bíblia que é toda desenhada, assim eu conseguia aprender. Mas aí quando eu cresci eles pararam de ler para mim.

Quando eu estava terminando a 30ª questão, que era sobre Abraão quando o Senhor o manda sacrificar seu filho Isaque, um despertador tocou.

A Sabedoria tirou as provas de nossas mesas e sentou-se numa cadeira de balanço que apareceu ali.

— Hm... — ela falou lendo.

— Caio, — sussurrei — o que você escreveu na 23?

— O que dizia a pergunta?

— "Quem foi Agar?".

viajantes_do_tempo.indd 128 03/12/2013 16:36:54

— Coloquei que era a escrava de Sara. E você?

— Ufa... Também coloquei isso. E na 12?

— Do fruto que Adão e Eva comeram, né? — ele disse.

— Aham. Coloquei maçã.

— Hm? Escrevi que na Bíblia não diz que fruto era.

Senti a presença da Sabedoria atrás de nós, ouvindo tudo.

— Ele está certo, Elisa. Não diz qual é o fruto. — ela falou e depois nos entregou as provas.

— Devo ter misturado com a história da Branca de Neve... — eu disse mais para mim mesma.

Olhei as questões, de 30, acertei 18. Caio acertou 26.

— E agora, o que acontece? — perguntei.

— Você volta para casa. — ela disse.

— Sério? — falei animada.

— Uhum. Infelizmente você não está apta a continuar o aprendizado.

— Como é que é?

Olhei para Caio, ele parecia confuso. Eu voltaria para casa porque não tenho condições de aprender? O que há? Não pode ser.

— Não devia ser o contrário? Ele que sabe mais pode ir, mas eu preciso aprender. — falei indignada.

— Não, querida. Aqui é diferente. Você precisa ter conhecimentos prévios para saber como lidar em cada situação. A partir de agora as histórias não seguirão uma linha cronológica.

— Mas... — eu não tinha mais argumentos e, como uma vez aconteceu, meu corpo começou a se esvair, como areia que cai por entre os dedos.

viajantes_do_tempo.indd 129 03/12/2013 16:36:54

— Poderá voltar quando tiver conhecimento dos fatos... — ela disse observando-me sumir.

— Elisa! — Caio chamou, depois virou para a Sabedoria. — Não pode fazer isso! Não quero ficar sozinho aqui...

— Sinto muito. Regras são regras. Não sabe, volta para casa. — deu uma risadinha fraca.

***

Estava chovendo. Isso me deixou tão encantada, fazia tempo que não via a chuva fininha batendo no vidro da janela do meu quarto.

Eu não sabia o que fazer. Como poderia voltar e ajudar meu amigo a sair daquele lugar?

Aprender? Mas e depois, aonde eu devia ir para conseguir estar lá de volta?

Esfreguei as mãos no rosto, nunca fui muito boa para descobrir as coisas. Sentei no divã do meu quarto e desfrutei um pouco do conforto do meu lar. Mas notei que estava tudo muito silencioso. Lá fora estava escuro, devia ser nove da noite. A essa hora meus pais estariam vendo TV.

Levantei-me e saí do quarto, andando pelo corredor com passos discretos. Eu não fazia ideia de quanto tempo eu tinha ficado fora, pensei serem anos, mas eu continuava com a mesma aparência.

Sentei no último degrau da escada e abaixei o rosto para ver se tinha alguém na sala. Eles estavam no sofá. Meu pai sentado e minha mãe deitada com a cabeça em seu colo, ele fazia carinho nos cabelos dela. Pareciam tristes. Creio que na casa de Caio o mesmo se passava.

viajantes_do_tempo.indd 130 03/12/2013 16:36:54

Mas como eu poderia explicar? Seria difícil entrar na sala gritando animada "Chegueei". Pensariam que eu sou um fantasma ou coisa do tipo, se não morreram de saudade até aquele momento, morreriam de susto por minha aparição repentina.

Voltei para o meu quarto e decidi escrever uma carta. Sentei na cadeira junto à escrivaninha acoplada à cama e comecei a me explicar. Escrevi que estava bem, que sentia saudade, que eles não precisavam se preocupar, que voltaríamos em breve, dentre outras coisas. Também pedi que dessem o mesmo recado a Rafael e Mônica.

Deixei o bilhete em cima da minha cama enquanto ia ao guarda-roupa. Peguei um short jeans escuro e uma regata branca e vesti, seria um tanto difícil tomar banho sem ser descoberta, então daria um jeito nisso quando chegasse à "Bíblia". Esperei que meus pais fossem dormir para eu poder investigar a geladeira. Armei-me de uma lanterna, uma mochila com algumas mudas de roupas, escovas de dente, creme dental, pente de cabelo e outros materiais de extrema necessidade e desci as escadas para procurar comida.

Ataquei o armário, enfiando na minha mochila biscoitos, algumas frutas resistentes e garrafinhas de água. Não preciso nem dizer sobre o peso da minha bolsa. Quando ia saindo da cozinha quase esqueci o Livro em cima da bancada, é como minha professora de matemática sempre diz: só não esqueço a cabeça porque está grudada.

Peguei-o e saí pela porta dos fundos. Aonde eu iria? Só Deus sabe. Dei um jeito de sair sem acordar Pepino, que estava na área de serviço, e fui para o quintal. Guerreei para subir numa das

viajantes_do_tempo.indd 131 03/12/2013 16:36:54

árvores, a que tinha mais folhas e galhos, e sentei para ler a Bíblia.

Já estava virando questão pessoal. Ser apta... Eu serei apta. Abri o livro. Eu não sabia por onde começar, se os fatos seriam aleatórios. Decidi que iria continuar a partir do que tinha vivido.

Folheei o livro até chegar na parte em que Deus faz uma aliança com Abraão, e coloquei-me a ler. Virei a noite assim, lendo à luz da lanterna, mas teve uma hora que não aguentei e ajeitei-me para dormir.

Nesta noite tive um sonho. Havia um acampamento perto de uma gruta. Numa das tendas um homem parecia estar concentrado, ouvindo algo. Então levantou-se e chamou seus soldados. Das tendas, inúmeros rapazes saíram e se reuniram.

— Deus, o Senhor, falou comigo. Não poderemos lutar com tanta gente, porque assim acharíamos que pela nossa própria força derrotamos os midianitas. — disse o comandante do exército que há pouco estava em sua barraca concentrado. — Sendo assim, quem estiver com medo, que saia do monte Gilboa e volte para casa.

Os homens se entreolharam impressionados e pouco a pouco foram pegando suas espadas e saindo correndo. Vinte e dois mil homens voltaram para casa, apenas dez mil ficaram.

— Gideão, acha que assim poderemos atacá-los? — perguntou um dos soldados.

O comandante olhou em volta, analisando. Vestia uma túnica azul, uma armadura e uma faixa verde na cintura que sustentava a enorme espada. Tinha sobrancelhas escuras e muito grossas, e em seus braços fortes de trabalhador uma

viajantes_do_tempo.indd 132 03/12/2013 16:36:54

camada espessa de pelos encaracolados.

— Não. — ele balançou a cabeça. — Vamos até o lago beber um pouco d'água. — falou fazendo um gesto com as mãos e com um semblante pensativo.

Enquanto os homens se movimentavam fazendo barulho para junto do lago, Gideão ficou de cima de uma pedra, olhando-os. Depois de beberem, os soldados foram divididos em dois grupos, os que se ajoelharam para beber e os que, com o rosto perto do lago, ajuntavam água nas mãos e lambiam.

— Os que se ajoelharam voltem para casa. — ordenou descendo da pedra e voltando para o acampamento.

Entre os guerreiros ouve um rebuliço que logo foi contido. Os soldados voltaram para suas casas enquanto o grupo dos que lamberam a água foram para o acampamento.

— Gideão, o que está fazendo? Somos apenas 300 contra milhares! — exclamou um dos soldados, chamando em particular o comandante.

— Pois assim ordenou Deus, o Senhor, a mim: **Com estes trezentos homens que lamberam as águas vos livrarei e darei os midianitas na tua mão; pelo que toda a outra gente se vá cada um ao seu lugar.** — ele disse. — E assim fiz, mandei embora todo o resto.

Durante a noite, Deus falou com Gideão mais uma vez. Disse que se sentisse medo de atacar o acampamento do inimigo, era para ele e o seu ajudante, Purá, irem até lá. Assim, o comandante e seu ajudante desceram até o vale e viram a imensidão de soldados e camelos no local, como se fossem uma nuvem de

viajantes_do_tempo.indd 133 03/12/2013 16:36:54

gafanhotos. Chegando mais perto, em uma das barracas, um homem estava contando ao outro um sonho.

— Eu sonhei que um pão de cevada rolou para dentro do nosso acampamento. Veio e bateu numa barraca. Ela caiu, virou do avesso e ficou estendida no chão. — disse o homem.

Os olhos do outro se arregalaram e ele falou engasgando:

— É a espada de Gideão! Deus entregou a ele nosso povo e nosso exército!

***

— Aaaahhh!!! — gritei abanando os braços. Tinha uma lagarta amarela na minha perna. Era nojenta! Peludinha. Dos olhos vermelhos e gosmenta. Eca!

Empurrei ela com um graveto que tirei da árvore, fazendo a pobre coitada cair no chão. Espreguicei os braços e minhas pernas, estas fizeram um "clec-clec" por causa da noite mal dormida. Tirei uma folha agarrada no meu cabelo e cocei os olhos. Que sono que eu tava! Mas eu não conseguia voltar a dormir, árvores não são confortáveis.

Ainda era cedo, mas eu não tinha tempo a perder, Caio poderia estar em perigo. Abri minha mochila e tirei de lá uma pera. Comi tudo num só tempo, estava morrendo de fome também. Limpei minha mão e os cantinhos da boca com uma toalhinha e pendurei a bolsa num galho, depois peguei a Bíblia e voltei a ler.

Em um bloquinho eu anotava alguns fatos que considerava importantes. Eu ia lendo algumas coisas, pulando outras, afinal de contas, eu tinha pressa.

Senti que era hora do almoço quando estava lendo a parte de uma história falando sobre os espiões que Moisés mandou

viajantes_do_tempo.indd 134 03/12/2013 16:36:54

para olhar a terra de Canaã. Não sei se na minha casa ou no vizinho, mas o ar foi tomado pelo aroma de feijão e batata cozida. Foi aí que lembrei: eu precisava de combustível.

Desci da árvore e fui correndo para casa. Limpei rapidinho o solado do tênis que eu calçava no capacho e entrei toda feliz na cozinha. Eva estava de avental lavando a louça. Dei uma espiada na salada em cima da bancada da pia e depois fui pegar um copo no escorredor de pratos.

— Minha Santa Rita de Cássia! — falou assustada com a mão pressionando o peito.

Eu havia esquecido do meu **desaparecimento**.

— Calma, Eva, não sou nenhuma assombração. — expliquei com as mãos para cima.

— Aonde é que "cê" tava todo esse tempo, menina? Tava todo mundo preocupado! — ela puxou meu pulso e deu um forte abraço em mim.

— Não tem como eu explicar isso agora, — falei com a voz abafada — Caio deve estar em perigo.

Ela me soltou, deixando-me respirar.

— Diz onde ele tá, porque a polícia está procurando por "cês" dois faz duas semanas.

"Opa", pensei.

— Ninguém acreditaria em nós.

— E por que não? — ela pegou uma colher e foi experimentar o caldo do feijão, minha boca já estava cheia de água.

— Fomos levados para dentro da Bíblia. — falei, séria.

Eva virou-se para me olhar, certamente desconfiada. Uma ruguinha apareceu entre suas sobrancelhas quando viu que eu

viajantes_do_tempo.indd 135 03/12/2013 16:36:54

não ia dizer mais nada.

— Deve estar com fome... Senta aí, eu já vou pôr a mesa.

Peguei a salada, meu prato e garfo e fui para a mesa. Enchi meu prato de alface, tomate e pepino e joguei orégano em cima, devorando tudo em seguida.

Minha barriga fez um barulhinho satisfeito, como era bom ter o que comer. Eva trouxe suco de laranja e uma travessa com arroz. Depois uma tigelinha com feijão, batatas cozidas e carne.

Comi tudo me deliciando com cada coisinha, e ainda comi mais batata e carne. Fiquei sentada à mesa vendo-a almoçar enquanto terminava meu suco. Era bom estar em casa.

Decidi deitar um pouco antes de continuar lendo, eu poderia pesquisar algumas coisas na internet. Mas depois. Só depois.

Levantei-me da cadeira e fui para o meu quarto. Tomei banho, escovei os dentes e desabei no divã macio. Estiquei-me um pouco e me acomodei melhor. Sorri ao ver o anel de Hassan em meu dedo. Então comecei a fazer carinho em meus próprios cabelos e acabei pegando no sono.

Não sei por quanto tempo fiquei assim, mas quando minha mente estava voltando à realidade ouvi soluços e um choro baixinho. Abri os olhos, demorando para me acostumar com a luz, então olhei para o lado.

— Mamãe?

viajantes_do_tempo.indd 136 03/12/2013 16:36:54

Oito: O sacrifício sou eu

O choro dela ficou mais alto e me deu vontade de chorar também. Eu a abracei forte e minha mãe escondeu o rosto em meu pescoço, deixando-o molhado com suas lágrimas. Fiquei muito triste. Enquanto nos "divertíamos", nossos pais sofriam com nosso sumiço.

Ela voltou a soluçar e chorar muito e me apertar num abraço, mas depois murmurou alguma coisa contra minha pele, mais ou menos um: Amo você, senti saudades. Dali a pouco ela levantou o rosto e o secou. Estava sentada sobre as próprias pernas no chão, enquanto eu me sentei melhor no divã.

Minha mãe tentou controlar a respiração e olhou para mim. Suas íris de cor cinza pareciam duas pedrinhas de brilhantes.

— Onde estava?

— Na Bíblia. — respondi de imediato.

O seu queixo tremeu e ela mordeu os lábios para não chorar de novo. Só vi uma lágrima descer de seus olhos antes dela abaixar o rosto.

— Por que não me diz a verdade? — disse baixinho.

— Mas eu tô falando a verdade.

— Mentira!!! — ela gritou descontrolada, mas depois como pedido de desculpa colocou uma mão em meu joelho e balançou a cabeça.

— Tô falando sério, mamãe. Nunca menti para você.

— Como quer que eu acredite nisso?! — levantou o rosto. — Não tem lógica, Elisa.

viajantes_do_tempo.indd 137 03/12/2013 16:36:54

— Eu sei, mãe, mas simplesmente aconteceu. Não tem como eu explicar direito.

— Onde está o Caio? — falou bem séria.

— Está preso lá.

Seu olhar me deixou com medo. Eu nunca tinha visto minha mãe assim, tão furiosa, na verdade, parecia que uma série de emoções transbordava dela.

Nem percebi quando se levantou, só notei que andava de um lado para o outro do quarto, parecia estar tentando pensar em alguma coisa. Eu também tentava, achei que a verdade não era um bom pretexto para o nosso desaparecimento.

— Como isso aconteceu?

— O quê?

— Como assim "o quê?", Elisa. Como, por que, onde foi que... — ela fez alguns gestos com os braços buscando as palavras corretas. — Quem raptou vocês?

— Ninguém.

— Então vocês dois ficaram fora de casa esse tempo todo pra quê? Queriam matar a gente do coração? — disse brava.

— Na verdade... — comecei, mas decidi mudar o rumo da conversa. — Olha, você não vai entender nada, porque nem eu entendi, mas o negócio é que eu tenho que dar um jeito de tirar o Caio de lá e... — ela me interrompeu.

— Estou perdendo a paciência com você, Elisa! Me diga de uma vez por todas onde é que está o Caio! Você tem noção da confusão em que vocês se meteram? Quando souberem que está aqui... — foi minha vez de não deixar ela continuar.

viajantes_do_tempo.indd 138 03/12/2013 16:36:54

— Você não pode falar nada, mãe. — a repreendi. — Porque eu não tenho nem certeza de que vou conseguir voltar para lá, quanto mais conseguir trazer o Caio de volta. Não posso dar esperanças a ninguém. Além do mais, eu o meti nessa, tenho que tentar tirá-lo de lá sozinha.

Levantei-me, cheia dessa conversa. Não estava adiantando nada, estava me atrasando, isso sim.

— Na verdade, você nem poderia ter me visto. — falei mais para mim mesma saindo do quarto.

— Aonde pensa que vai?

— Preciso pesquisar e estudar mais algumas coisas.

Nós duas descemos as escadas correndo. Era como se brincássemos de pega-pega, pois ela me seguiu para tudo quanto é lugar em casa, e depois, enquanto almoçava, ficou de olho em mim. Eu estava escolhendo a melhor hora para ir ao quintal pegar minhas coisas e sair de casa, ir a algum lugar onde ninguém me atrapalhasse a ler.

Quando deu meio-dia e quarenta, ouvi minha mãe dando ordens a Eva para não me deixar sair de casa, pelo menos até meu pai chegar para almoçar. Ela pegou suas coisas de trabalho e me deu um abraço tão apertado que quase senti meus ossos quebrarem.

— Pelo amor de Deus, tenha juízo! E cuidado com o que está planejando fazer.

Balancei a cabeça concordando.

— Me prometa uma coisa.

— O quê? — falei.

— Prometa que vai estar em casa quando eu voltar.

viajantes_do_tempo.indd 139 03/12/2013 16:36:54

Nós duas ficamos nos olhando. Eu não poderia falar isso porque seria sorte eu não estar mais em casa, melhor, não estar no presente, e sim no passado.

Vi que ela mordeu o lábio inferior afastando-se. Saiu de casa e bateu a porta.

Fiquei com o coração na mão, mas o que eu poderia fazer?

Consegui dar uma despistada em Eva e ir para o quintal. Subi na árvore, arrumei minhas coisas dentro da mochila e voltei para dentro de casa. Na estante da sala costumávamos guardar algumas moedinhas dentro de um potinho, aproveitei que ninguém estava olhando e despejei todas elas dentro do bolsinho da mochila.

Dei uma última olhada nos porta-retratos em cima da mesinha da sala e abri a porta para sair. Quando fiz isso vi a empregada terminando de pegar os prendedores de varal que Pepino tinha espalhado na frente da casa, e ir colocando num balde. Fechei a porta imediatamente e decidi que o melhor a fazer era pular o muro do vizinho, ou então esperar. Não, não tenho paciência para esperar.

Estava passando pela cozinha quando levei um baita susto. Alguém pulou nas minhas costas, quase nos levando ao chão. Tirou a mochila das minhas costas e começou a me fazer cócegas. Não aguentei de tanto rir e acabei caindo.

Meu pai sentou-se perto de mim rindo também. Quando consegui respirar normalmente pulei no colo dele, abraçando-o. Ele encostou as costas na geladeira e me acolheu como se eu fosse um bebê.

viajantes_do_tempo.indd 140 03/12/2013 16:36:55

— Senti saudade. — falou para mim, depois beijou minha testa.

— Também senti.

— Já falou com sua mãe?

— Já.

— Ela disse alguma coisa? O que ela fez?

— Quase teve um treco.

Ele riu baixinho.

— Não precisam se preocupar muito, vai ficar tudo bem. — falei desencostando meu rosto de seu peito, sentando do seu lado.

— É? E como sabe disso?

— ... não sei.

Ele ficou me olhando, voltei a abraçá-lo, estava realmente precisando do abraço dele.

— Onde estava, minha filha? — disse sério, mas com gentileza.

— Não adianta que você não vai acreditar, papai...

— Não vai nem tentar me contar? — percebi sua voz chateada.

— Talvez mais tarde, quando eu conseguir raciocinar melhor sobre isso.

— E este anel, comprou lá? — Ele segurou minha mão.

— Não, eu ganhei.

Ele ergueu uma das sobrancelhas.

— Ganhou é?! Não foi o Caio quem te deu... foi?

— Não, foi outro amigo.

— Elisa, Elisa... — falou com ciúmes.

— Relaxa, pai. — levantei-me. — Olha, tenho muito trabalho para fazer, preciso ir.

viajantes_do_tempo.indd 141 03/12/2013 16:36:55

— Ir aonde, mocinha?

Desanimei. Tinha pensado que ele ia me deixar ir numa boa. "Puxa, vida", pensei.

— Preciso estudar.

— Falando nisso, suas amigas têm mandado emails para você com todos os trabalhos da escola.

— Certo, um dia eu olho. — falei colocando a mochila nas costas novamente.

Ele levantou, cruzou os braços e uniu as sobrancelhas para mim. "Lá vem bomba".

— Elisa, você some durante duas semanas, não se explica e ainda acha que eu vou deixar você sair?

— Mas pai...

— Mas nada.

— É que...

— Você está de castigo. — falou bastante calmo. Meu pai era ótimo nisso.

Bati a mão na testa e sacudi a cabeça. O que há? O Caio tá em perigo, carambola! Alguém tem que ajudá-lo!

— Castigo de quanto tempo? — Sentei na cadeira, apoiando o cotovelo na mesa e a mão amassando minha bochecha.

— Até você se casar. — disse beliscando a carne de panela que estava em cima da mesa numa tigela. — Ande! Vá para seu quarto e só saia de lá quando tiver pensado em tudo o que fez.

Levantei me arrastando e fui para o quarto. Se pelo menos eu pudesse desabafar com alguém... Uma ideia apareceu em minha mente, mas a descartei na hora. Seria um tanto estranho

viajantes_do_tempo.indd 142 03/12/2013 16:36:55

desabafar com Deus sendo que foi Ele quem, aparentemente, nos mandou fazer essa viagem pelos tempos antigos.

Tirei a mochila e joguei em cima do divã. Tranquei a porta do quarto e liguei o computador. Era hora de fazer algumas pesquisas.

Trouxe para a escrivaninha meu bloquinho de anotações e fui procurando no site de busca os pontos que eu tinha anotado: As doze tribos de Israel, Abraão, Isaque, Jacó, as dez pragas do Egito, a aliança que Deus fez com os israelitas, sacerdotes, sacrifícios, revoltas do povo de Israel, entre outros assuntos.

Eu, sinceramente, não sei como o Senhor aguentava aquele povo. Era sempre assim: Deus os ajudava, mas depois de um tempo voltavam a pecar, aí então vinham as consequências dos atos deles e acabavam chorando pedindo socorro ao Senhor. Vê se pode?!

Abri a Bíblia para ler o versículo indicado num site.

— **Agora, se me obedecerem e cumprirem a minha aliança vocês serão o meu povo. O mundo inteiro é meu, mas vocês serão o meu povo, escolhido por mim. Vocês serão um povo separado somente para mim e me servirão como sacerdotes.** Êxodo 19: 5 e 6.

Fiquei pensando um tempinho sobre o assunto. Essa parte contava o porquê de Deus não os abandonar, mesmo depois de muitas vezes ter ficado furioso com eles.

— Verdade... É isso! Além de ter feito uma promessa, Deus os amava a ponto de perdoá-los por terem pecado.

Folheei a Bíblia procurando algo que comprovasse minha "tese". Fui achar em João 3: 16 um versículo que dizia:

viajantes_do_tempo.indd 143 03/12/2013 16:36:55

— **Porque Deus amou tanto o mundo, que deu o seu único Filho, para que todo aquele que nele crer não morra, mas tenha a vida eterna.** — li em voz alta e pensei um pouco. — Ele ama a cada um de maneira especial, de modo que ofereceu ao mundo uma fórmula de tê-Lo em seus corações.

Tive uma ideia e busquei rapidamente na internet sobre o plano de salvação de Deus. Encontrei vários sites, mas um deles me chamou mais a atenção porque ligava praticamente todos os assuntos que eu havia anotado. Dizia que quando o mal entrou no mundo separou o homem de Deus, porque ele começou a pecar, e pecado gera morte, conforme Romanos 6: 23. Então o Senhor criou uma forma de purificar os homens do mal por meio de sacrifícios, um exemplo se encontra em Êxodo 29. Sacrificar era entregar a vida da pessoa a Deus, mas eles usavam sangue de animal como forma de substituição, pois sangue é vida.

Então o tempo foi passando e o povo foi se acostumando ao pecado, se separando cada vez mais do seu Criador. Assim, o destruidor, o diabo, conseguia fechar os olhos espirituais das pessoas de forma que elas passaram a não reverenciar o Senhor, mas a adorar a ídolos, a buscar respostas e ajudas em adivinhos e até em pessoas que falavam com "espíritos".

Minimizei a página da internet e fui correndo para a cozinha, eu tinha passado a tarde toda sentada lendo, estava com muita sede. Fiz alguns exercícios de alongamento e depois voltei para o quarto e continuei lendo:

— **Mas Deus, com seu infinito amor, decide tomar uma atitude que modifica a condição do mundo. Antes, para**

viajantes_do_tempo.indd 144 03/12/2013 16:36:55

encontrar o Senhor, os povos antigos iam até um sacerdote ou profeta e recebiam por meio deles uma resposta de Deus, também faziam sacrifícios para se aproximarem Dele, purificando-se de seus pecados; mas Ele muda isso quando envia seu único Filho ao mundo. Aqui Jesus toma para si os pecados de todo o povo e morre na cruz, a pior e mais humilhante morte que existia na época.

Comecei a sentir uma coisa estranha que tentei ignorar e tornei a ler:

— Ao morrer crucificado, Jesus estava fazendo um sacrifício a Deus, mas no lugar do cordeiro Ele entregou Seu sangue... — minhas sobrancelhas se uniram — por nós?

Li esta parte um pouco intrigada. Por um momento não fez sentido.

Parei um pouco para analisar o mundo, criado com tanto amor e carinho, tudo tão inexplicável e fantástico: estrelas espalhadas pelo universo, a quantidade de ar na bolinha chamada Terra, a inteligência das pessoas, as bactérias no mundo que não vemos, os elementos químicos, as medidas físicas, as línguas diversas, os nossos órgãos funcionando a todo vapor, os animais e seus instintos, a neve que vira água, o bolo de banana que eu tanto gosto, os sons, o amor... Tudo isso inventado por Ele!

Fiquei pasma e confusa com tantas informações sendo conectadas aos meus neurônios. Olhei para a Bíblia a poucos centímetros de mim, devia estar havendo uma espécie de conexão via **bluetooth** para eu estar pensando em tantas coisas que nunca parei para analisar.

viajantes_do_tempo.indd 145 03/12/2013 16:36:55

Mas voltando ao meu momento de intriga...

— Isso tudo por nós! Dá para acreditar? Não, pelo menos eu não. Assim, não que eu não acredite que isso aconteceu, é lógico que acredito, mas... Cara, foi por nós!

"Sabe o que é morrer? Melhor, **deixar de viver**? Deixar de ver seus pais, seus filhos, deixar de ir para a escola e ver seus amigos, deixar de assistir TV, ir ao cinema, ler um livro... E deixar de fazer um monte de coisas, ou experimentar tantas outras, para morrer! E Ele fez isso para que eu pudesse continuar **vivendo**!". Conclui espantada, e com minha cabeça girando de tantas ideias.

Esfreguei uma mão na outra nervosamente. Pior que isso era o que eu estava evitando pensar, algo que doía mais do que saber que Ele morreu por mim...

Tentei afastar a ideia o máximo que pude, mas é como não conseguir afastar da cabeça uma cena ruim da qual você tanto foge.

"... Ele **morreu** por mim e... e eu não **vivo** por Ele."

Senti um nó na minha garganta e meu queixo tremer. Meu coração ficou pequenininho, apertado.

Por isso eu não achava certo, era injusto fazer um sacrifício tão grande por quem não merecia. Eu realmente não merecia nada! Eu vivia como se não houvesse o amanhã, vivia indiferente, esquecendo de que tudo o que fazemos tem peso de...

e t e r n i d a d e .

Pessoas morrem todos os dias. Morrem sem perspectiva, sem saberem para onde irão depois. Não sabem que algo tão ruim quanto a guerra, a fome, o desamor, existem. Que há

viajantes_do_tempo.indd 146 03/12/2013 16:36:55

dois caminhos que não se cruzam, retas paralelas, distintas. Desconhecem os **dois Senhores**. Não sabem o que há além da vida. Aliás, não sabem o que é Vida. E que para tê-la é preciso algo que não tem nada a ver com boas ações, tem a ver com fé e ser diferente.

E eu? Eu continuo não merecendo nada.

Vou à igreja, oro umas três vezes ao dia e de vez em quando leio a Bíblia. Tem gente que faz mais que eu, e tem gente que não faz nem isso. Mesmo assim não vale nem um "fiapinho" comparado ao que Ele fez por mim, pois guardo tudo aquilo que sei sobre Ele na minha mente, enquanto milhões de pessoas não chegam nem a saber Seu Nome...

Nesse meio tempo meu rosto estava molhado pelas lágrimas. Eu estava me considerando o pior ser criado em toda a face da Terra. O mais frágil e imprestável do mundo.

Então meu coração começou a acelerar tanto que tive até um sobressalto.

"Quer dizer que o sacrifício de Jesus por mim não valeu NADA?", pensei de súbito, estremecendo. "O amor que Ele sente por mim não é o bastante? A vida que eu levo é tão correta que...".

Levantei-me da cadeira e dei alguns passos para trás.

"Eu não posso!", falei a mim mesma em pensamento. "Não tenho tanta capacidade para isso. Olhe só para mim, sou covarde e nem sou tão expressiva assim.".

Balancei a cabeça para não pensar na possível resposta que Ele me daria. Tentei concentrar-me na viagem que eu deveria

viajantes_do_tempo.indd 147 03/12/2013 16:36:55

fazer, sequei o rosto rapidamente, estalei os dedos e voltei a me sentar na cadeira do computador como se nada estivesse acontecendo.

— Hm, deixe-me ver onde parei. Ah, aqui. — falei passando os olhos na página da web. — Foi feita uma aliança de sangue que nos purificaria de nossos pecados e passamos a ter livre acesso ao Santo dos Santos, ou seja, podemos tocar no coração de Deus através de nossas orações e louvores. — pulei alguns parágrafos e depois continuei lendo. — Então, como estamos no período da graça, Deus não quer de nós um sacrifício como o dos tempos antigos, Ele quer que nasçamos de novo, ou seja, que morramos para o pecado para que possamos viver para Cristo. Precisamos aceitá-lo como nosso único e suficiente Senhor, e termos mudança de vida.

Aquele assunto não iria acabar tão cedo. Talvez porque não devesse.

— Ok! O Senhor venceu. Vamos conversar. — falei me rendendo. Levantei-me da cadeira e me ajoelhei em frente ao divã, apoiando os cotovelos nele.

Fiquei assim com os olhos fechados por um tempo até eu me concentrar e me sentir pequenininha, afinal de contas, olha com quem eu iria conversar. Ele, o Dono do Universo.

Senti-me tão arrependida por parecer faltar com o respeito. Era meu jeito levar tudo na brincadeira, tratá-Lo como amigão mesmo, mas não é bem por aí. Ele é nosso amigo mas tem de haver reverência, e eu sabia que nessa partezinha estava errando.

viajantes_do_tempo.indd 148 03/12/2013 16:36:55

— Me desculpe, Senhor. Eu... — limpei minha garganta, minha voz estava falhando um pouco — peço que me perdoe por... é... por, às vezes, tratá-Lo como se fosse uma pessoa qualquer que tem a obrigação de me ouvir reclamar da vida, me desculpe por isso. Também peço que me desculpe por orar tão rápido, por passar tão pouco tempo Contigo, por não escutar quando fala comigo. Ai Deus, como é difícil Te ouvir. Como é difícil deixar de fazer as coisas que eu gosto para conseguir passar mais tempo com o Senhor. — suspirei. — Me ensine, Deus, a Te amar, respeitar, ouvir e fazer o que desejas, o que planejou para mim antes mesmo de eu nascer.

Era chegada a hora. Eu O sentia. Ele estava me escutando, eu não estava só naquele quarto. Ao longe uma voz falava em minha mente, a ordem era clara: Ide. Vá. Faça a minha vontade.

— Eu irei, Senhor. Faça com que Sua vontade seja a minha vontade, Seus planos também sejam meus planos. Oh Senhor, que eu possa empenhar minha vida no Teu serviço, que tudo o que eu faça, fale e pense seja em adoração. Obrigada porque o Senhor me amou primeiro, porque entregou Jesus como o sacrifício perfeito para morrer em meu lugar. Agora Deus, entrego a Ti meu sacrifício de amor: Eu mesma. Usa-me conforme o Teu querer, faz de mim uma serva fiel a Ti, ensina-me a Te adorar, ensina-me a ter santidade para chegar a Ti. Entrego meu coração ao Senhor, muda-me Deus. Em nome de Jesus, amém.

***

Como "prometido", eu estava em casa quando minha mãe chegou do trabalho. Ela ficou muito feliz por isso, mas seria por pouco tempo, eu sabia.

viajantes_do_tempo.indd 149 03/12/2013 16:36:55

— O que fez neste dia, filha? — meu pai perguntou enquanto jantávamos.

— Estudei.

— Isso é muito bom. — bebeu suco. — Acha que amanhã dá pra voltar à escola?

— Não, papai. — eu disse com um meio sorriso. Os olhos castanhos escuros dele encontraram os cinzas da minha mãe, isso significava problemas.

— Por que, filha? — minha mãe perguntou.

— Eu já disse o porquê, mas vocês não acreditam. — admiti. Coloquei mais alface no meu prato e despejei orégano em cima.

— Nos perdoe, Elisa. — minha mãe falou segurando minha mão e fazendo carinho nela com o polegar. — Conte desde o começo como foi que você... hm... sumiu.

Olhei para os dois um pouco pensativa, respirei fundo e comecei a falar dos sonhos que andei tendo, da salinha da igreja, da Sabedoria, dos lugares onde fomos e de hoje a tarde, quando decidi viver para Ele.

— Acho que fomos levados lá para aprender do Senhor. Sinto que tenho que contar a todos as maravilhas que Ele fez no passado e das coisas que pode e está a fazer agora. E principalmente, contar sobre quem Ele é.

Meus pais não disseram nada enquanto eu relatava minha experiência sinistra. Mas eu sabia que a qualquer momento minha mãe poderia explodir em prantos e meu pai iria ficar muito triste.

— Estou com sono... — comentei.

— Pode ir, eu ajudo a Carol a tirar a mesa. — meu pai disse

viajantes_do_tempo.indd 150 03/12/2013 16:36:55

afagando o ombro dela.

— Tudo bem pra você, mamãe? — eu quis ter certeza. Ela colocou os cabelos pretos atrás das orelhas, olhando para as tigelas sobre a mesa. Se olhasse para mim não conseguiria reprimir as lágrimas. Levantei-me, saindo.

— Aham. — disse, depois de respirar fundo.

Subi as escadas rápido, então parei no último degrau para tentar ouvir o que eles estavam conversando.

— O que aconteceu com ela? Eu não entendo! — minha mãe disse.

— Calma, meu amor, amanhã resolvemos isso...

— De que jeito? Tudo parece tão sem pé nem cabeça. O que vou dizer à Mônica?

— Não sei ainda...

Entrei em meu quarto e arrumei minha mochila acrescentando alguns remédios para o caso de me machucar, coloquei também um canivete, band-aid, protetor solar.

— Acho que tá bom. — concluí quando notei o peso e o tamanho daquela bolsa nada discreta.

Empurrei-a para dentro do meu guarda-roupa e fui ao banheiro me aprontar para dormir. Antes de deitar separei uma bermuda vermelha e uma regata branca, assim como um tênis preto bem confortável. Bom, vestindo aquilo eu pareceria uma joaninha. Mas tudo pelo bem da ciência.

Subi a escada da escrivaninha e deitei em minha cama. Meu travesseiro era tão gostoso e eu estava tão cansada que acabei dormindo rápido.

viajantes_do_tempo.indd 151 03/12/2013 16:36:55

Devia ser umas 04h30 da madrugada quando despertei. O quarto estava geladinho. Tive que encolher o corpo para me aquecer melhor.

— Pronta?

— Oi? — falei com a voz rouca.

— Está pronta, Elisa?

Levantei o rosto e vi uma índia sentada no tapete do meu quarto. Pensei que fosse parente da minha mãe, mas reconheci aquela voz com um fundo infantil.

— Sabedoria?

— Sim?

— Ai, minha nossa! — desci ligeiro a escadinha, peguei as roupas que eu havia separado e comecei a me trocar. Ela riu.

— Não estou com pressa, Elisa. — falou ainda de costas, sentada no chão.

— Ah, mas eu estou. O Caio tá bem?

— Hm... deve estar.

— Como assim "deve"? — terminei de abotoar a bermuda e dei a volta nela parando em sua frente. — É sua obrigação cuidar dele!

Ela mexeu os ombros fazendo pouco caso.

— Não é minha culpa se ele decidiu lutar com o povo...

— Ele o quê?! — falei pasma.

— Seu amiguinho tornou-se um guerreiro. Faz um tempo que não o mando para outras histórias, pois ele decidiu que vai lutar ao lado dos israelitas.

— Isso desde quando?

viajantes_do_tempo.indd 152 03/12/2013 16:36:55

— Bom... se arrume enquanto conto, está bem? — disse levantando-se. Abanei a cabeça concordando e ela continuou. — Mandei-o para lutar no exército de Baraque, depois de Gideão, depois de Jefté, agora ele está na guerra contra a tribo de Benjamim.

— Mas essa é uma das Doze Tribos de Israel, como podem lutar contra ela? — falei colocando a mochila nas costas.

— Pra você ver como são as coisas...

Saí do quarto e escovei os dentes correndo, depois voltei. Sabedoria parecia não ter se movido um centímetro.

— Estou pronta, vamos.

— Você não tomou o café da manhã. — disse ela.

— Não faz mal, vamos logo.

Ela balançou a cabeça desaprovando e colocou um odre na minha mão.

— É leite. Só sairemos quando tomar tudo.

Abri o odre e um cheiro esquisito, que embrulhou meu estômago, saiu dali. Fiz uma careta e estiquei o braço com o "treco", devolvendo para Sabedoria.

— Não faça hora, Elisa. Leite de cabra é bom para saúde.

— Mas eu nem to com fome.

Ela fechou a cara e eu tive que fechar o nariz para jogar o líquido goela abaixo.

— Ótimo. Vamos lá!

viajantes_do_tempo.indd 153 03/12/2013 16:36:55

viajantes_do_tempo.indd 154 03/12/2013 16:36:55

Nove: Lemos & Monteiro

Estávamos perto de uma estrada. Eu e Sabedoria nos escondemos atrás de uma árvore quando vimos vários soldados lutando.

— O que está acontecendo? — perguntei.

— Os de roxo são da tribo de Benjamim, — ela apontou para a esquerda — e aquela cidade é Gibeá, eles a estão protegendo.

Vimos que uma quantidade pequena de soldados das outras tribos estava no chão, mortos, e que agora os benjamitas perseguiam os demais, eles avançavam pela estrada se distanciando da cidade.

— Vou deixar você aqui, se cuide, Elisa.

Levantei-me rápido junto com ela.

— E onde encontro o Caio?

Ficou paradinha me olhando e depois fez uma careta. Vi que ela não estava muito disposta a me ajudar com isso, mas mantive minha postura esperando uma resposta.

— Ele entrou na cidade. — falou por fim.

Eu já ia virar-me de costas para ir até lá quando a ouvi dizer:

— Afaste-se das pessoas sem juízo porque gente assim não tem nada para ensinar.

— Certo.

— Ah, peça para seu amigo arranjar um arco e flecha para você, talvez vá precisar.

— Ok!

Arrumei a mochila nas costas e corri em direção à cidade

viajantes_do_tempo.indd 155 03/12/2013 16:36:55

pelo caminho de terra. No meio da estrada fui encontrando alguns corpos sem vida de soldados, tive medo de encontrar Caio por ali.

Pouco antes de chegar a Gibeá, notei que alguns dos guerreiros das 11 tribos colocaram fogo no local. Houve um grande reboliço no meio dos moradores da cidade e os soldados começaram a atacá-los.

Escondi-me atrás de um galpão com medo de que achassem que eu era um dos habitantes. Eu conseguia ouvir barulho de espadas e uma gritaria horrorosa não muito longe de mim. Não haveria jeito de me explicar antes que eles cortassem minha cabeça, então tentei subir no telhado do galpão, a fim de ter melhor visão e escapar dos soldados, mesmo que por pouco tempo.

— Carambolas, que peso! — reclamei baixinho da mochila. Se 80% daquilo que eu coloquei ali não me ajudasse em nada, eu iria ficar com muita raiva.

Tirei a mochila das costas, deite-me no telhado e passei os olhos por entre os soldados que ali estavam. Eu devia achar meu amigo depressa, o fogo estava se espalhando numa velocidade incrível.

— É inútil se esconder.

Prendi minha respiração por um instante.

— Caio?

Virei ligeiro meu rosto para olhá-lo então senti a fria lâmina de sua espada cortando minha bochecha. Meus olhos arregalaram-se, não pensei que ele seria capaz disso.

— Elisa...?! O quê... Meu Deus, me desculpe! — falou jogando de lado a arma.

viajantes_do_tempo.indd 156 03/12/2013 16:36:55

Coloquei a mão em meu rosto sentindo o sangue quente, não foi um corte fundo, mas o suficiente para fazer meu corpo ficar mole e desejar nunca ter subido ali. Ardia, e eu fiz de tudo para não começar a chorar.

— Me desculpe, Elisa. Eu não queria ter feito isso, devia ter percebido que era você. Mas fazia tanto tempo que... pensei que não a veria mais.

Caio sentou-se ao meu lado e tentou segurar a mão que estava cobrindo o ferimento, mas não deixei, afastando-o de mim bruscamente.

— O que pensa que está fazendo? — gritei. — Acha certo machucar as pessoas?

— Eu não sabia que era você. — explicou.

— Não estou falando de mim, falo de todo mundo aqui. — disse brava.

— É o meu dever, se não fizermos isso, eles farão conosco.

— Você não devia ter se metido nisso!

— Você não devia ter me metido nisso. — retrucou sério.

Encarei-o furiosa e ele retribuiu com um olhar sombrio, muito diferente do meu amigo de antigamente. Na verdade, ele estava bem diferente. Os cabelos haviam crescido quase até os ombros, o corpo estava mais bem definido, e uma barba rala despontava em sua pele.

— Está bem, Caio Lemos, — ele detestava quando eu o chamava assim — faça o que bem quiser, a partir de agora vamos seguir rumos diferentes.

Limpei minha mão suja de sangue em seu uniforme de

viajantes_do_tempo.indd 157 03/12/2013 16:36:55

soldado, peguei minha mochila e pulei do galpão, quase me "esborrachando" no solo.

Enquanto isso a cidade ardia em chamas. As paredes de fogo chamaram a atenção dos benjamitas que lutavam na estrada, e estes deviam ter ficado apavorados por estarem encurralados.

Corri até o pasto seco, subindo um monte ao norte da cidade. Lá do alto pude ver que as 11 tribos, que antes estavam se afastando e sendo perseguidas, agora corriam atrás dos benjamitas, que iam sendo mortos nas estradas, e alguns recuavam para o deserto.

— Não vai conseguir ir muito longe.

— E por que não? — falei de mau humor. — Pretende acabar comigo no meio do caminho?

— De forma alguma, eu seria incapaz de cometer tal ato. — ele disse a mim com uma pitada de divertimento, mas eu não achei a mínima graça.

— Pelo visto tem memória curta, pois acabou de fazer um corte em meu rosto. — ajeitei a mochila nas costas, o peso já estava incomodando.

— Já disse que foi sem querer.

— Pois eu me recuso a acreditar nisto.

— Deixe de ser chata, Elisa. — reclamou.

— Não quero que fale mais comigo, Caio Lemos. E não me siga!

— Vou aonde eu quiser.

Parei de andar e deixei que ele fosse caminhando na minha frente, mas daí a cinco passos ele parou e se virou para mim.

viajantes_do_tempo.indd 158 03/12/2013 16:36:55

— Cansou? — ele disse.

— Sim.

— Falei... — debochou.

— Cansei da tua companhia. Pode me deixar em paz?

— Não.

— E por que, criatura? — eu já estava perdendo a paciência.

— Porque conheço essas terras melhor do que você.

— Falou o príncipe do deserto... — resmunguei. Coloquei a mochila no gramado queimado pelo sol e me abaixei para pegar um antisséptico e outros materiais de primeiros socorros. — Você não tinha que proteger seu povo, suas terras e sei lá mais o quê?

— Vencemos a guerra.

— Vá lá comemorar com seus amiguinhos então, eu sei me cuidar sozinha.

Peguei um espelhinho e vi um corte que ia do meu maxilar a quatro dedos acima. Graças a Deus não era fundo, acho que dá para comparar com um corte de barbeador no dedo, arde pra burro, mas não arranca pedaço.

— Quer ajuda?

— Qual é a sua, Caio? — falei muito irritada. — Não vê que eu não estou contente com você? Dá um tempo!

— O que foi que eu fiz? — ele pareceu tão irritado quanto eu. — Corro risco de vida todos os dias, tô dando duro para aprender a usar a droga dessa espada, tenho que ajudar pessoas, machucar pessoas, fugir, lutar... Acha que é fácil?! Por mim eu já teria ido embora desse lugar há muito tempo! Ainda me vem você e começa a fazer drama, já não basta tudo o que passo, minha cabeça está explodindo de

viajantes_do_tempo.indd 159 03/12/2013 16:36:55

tanta responsabilidade... — Parou para respirar um pouco, e falou mais calmo. — Eu já deveria ter morrido há muito tempo...

— Não fale assim.

— Falo como eu quiser.

— Para de me responder desse jeito! — eu disse séria, molhando um pouco de remédio no algodão. — Segure isto para mim.

Ergui a mão com o espelho enquanto olhava o que tinha em minha mochila. Ele demorou, mas depois tirou o objeto da minha mão e ajoelhou-se a minha frente.

— Ai, droga! — reclamei ao passar o algodão no ferimento. Abaixei o rosto sentindo a ardência. Maldita hora que fui inventar de subir naquele telhado... — Pare com isso. — falei ao Caio porque ele soprou o machucado.

— Pare com isso você, estou querendo ajudar.

— Não precisa. E eu disse pra parar!

Levantei a mão para dar um tapa nele, mas Caio foi mais rápido, segurando-a firme. A outra já estava tentando soltar meu rosto de sua mão esquerda. O machucado já não incomodava tanto, mas eu estava com tanta raiva que em vez de arder ele começou a coçar, por causa do vento que Caio fazia.

— Tá me fazendo cócegas, Caio Lemos.

— Grande coisa, Elisa Monteiro. — falou tentando imitar minha voz.

Não teve jeito, comecei a rir. Por que é que eu nunca conseguia me manter brava com ele por um bom tempo?

Caio olhava pra minha cara com uma das sobrancelhas erguidas, sem entender a graça.

viajantes_do_tempo.indd 160 03/12/2013 16:36:55

— O que deu em você? — perguntou.

— Nada não. Pode me soltar agora? — falei com educação.

— Se prometer que não vai tentar me bater...

— Tá bom.

Ele soltou meus braços. Levei a mão no rosto para esfregar de fraquinho o machucado.

— Tire a mão daí, vai ferir mais. — alertou.

— Só mais um pouco. Peraí!

Ele tirou minha mão do rosto e começou a fazer cócegas em minhas costelas e braços. Não me aguentava! Acho que estava azul de tanto rir.

— É castigo por você ter esfregado o machucado. — ele se justificou empurrando-me para a grama e fazendo mais cócegas.

Ri tanto que me deu até falta de ar e eu comecei a tossir. Ele parou.

— Você está bem? — Caio falou fazendo carinho nos meus cabelos.

Sequei uma lágrima no canto do meu olho e deitei-me direito olhando para o céu. Parecia ser quatro da tarde.

— Claro. — eu disse tempos depois, quando inclinou-se sobre mim.

— Senti sua falta. — confessou.

— Seus pais também estão sentindo tua falta. — falei. Ele torceu os lábios e tirou a mão de meus cabelos.

— Falou com eles? — agora tinha um semblante preocupado.

— Não, mas minha mãe me disse isso. E é um tanto óbvio até.

— Hm...

— O que aconteceu depois que voltei para casa?

viajantes_do_tempo.indd 161 03/12/2013 16:36:55

— Você não vai acreditar. — disse, rindo um pouco.

Sentei-me para prestar melhor atenção.

— Comecei a reclamar com a Sabedoria, disse até que se ela não te trouxesse de volta eu não ia a lugar nenhum. Aí, como ela tem muito senso de humor, colocou um leão enorme pra correr atrás de mim.

— Sério? — falei me divertindo com a história.

— Ô! Você tinha que ver o tamanho dele. Nunca corri tanto! Acho que por horas, sei lá. Aí cheguei numa estrada por onde estava passando um grupo de pessoas, e eu, como sou um cara muito corajoso, — deu um sorriso brilhante — subi numa árvore pra me esconder. Então vi um homem bem forte, alto e de cabelão, matar o leão, como se estivesse rasgando uma folha de papel.

— E você se apresentou a ele?

— Eu? Tá doida?! Vai que o cara achava que eu era inimigo? — rasgou um pedaço da barra da saia do uniforme que usava, e com a tira de tecido amarrou os cabelos compridos até os ombros. Bem melhor.

— Não sabe nem quem era, Caio?

— Pelo visto era Sansão, mas não tenho certeza.

— Conheceu mais alguém depois disso? — cruzei as pernas, sentando-me de forma mais confortável na grama.

— Débora e Baraque.

— Eles são casados?

— Não, Débora era profetiza e juíza, Baraque era comandante do exército do Senhor. Servi na guerra com eles.

— Eles?

viajantes_do_tempo.indd 162 03/12/2013 16:36:55

— É. Baraque pediu que Débora fosse junto senão ele não lutava, era um trato.

— Estranho.

— Está no livro de Juízes, depois te mostro se quiser. — viu que eu estava levando a mão ao rosto e uniu as sobrancelhas para mim.

— Certo. E depois, conheceu quem? — abaixei a mão.

— Gideão.

— Eu o conheço de um dos sonhos.

— Depois Jefté. Conhece?

— Não.

— Naquela época os israelitas não tinham rei e ninguém que os governasse, eles também não estavam servindo a Deus, por isso eram escravizados pelos amonitas. Então o Senhor chamou Jefté para ser líder do povo de Gileade e lutar.

— Nome engraçado o dele... Sabe, eu estava pesquisando em casa e percebi que temos um serviço a fazer.

— Qual?

— Aprender para ensinar.

— Como é que é? Não entendi.

— Sabe o **Ide por todo mundo e pregai o evangelho**? Então, precisamos fazer isso. Aprender de Deus aqui e ensinar às outras pessoas.

— O que mais vemos aqui são guerras, o que vamos ensinar aos outros? — perguntou.

— Com certeza tem algo por trás disso tudo, uma guerra não acontece do nada. Pode ser por desobediência, por falta de confiança, por pecado...

viajantes_do_tempo.indd 163 03/12/2013 16:36:55

— Entendi.

— Posso contar com você para isso? — dei uma piscadinha com o olho direito.

— Lógico! Não precisava nem perguntar. — sorriu para mim.

— Nossa, ficou prestativo tão de repente... — debochei.

— Semprfui assim, sua chata. — resmungou.

— É, talvez. — brinquei.

Arrumei minhas coisas dentro da mochila, coloquei nas costas e me levantei. Caio também se levantou e tirou minha bolsa de mim, colocando em suas costas.

— Não preci...

— Faço questão. — disse interrompendo-me.

Continuamos a caminhada no pasto, pretendíamos chegar ao outro lado do monte antes de anoitecer.

— O que tem aqui dentro? — perguntou.

— Comida, água, roupa, remédios e objetos de primeiros socorros, materiais de higiene pessoal, lanterna, canivete, Bíblia...

— Canivete?

— Nunca se sabe quando precisará de um.

— Bem pensado. Trouxe chiclete?

— Deve ter aí dentro. — abri o bolsinho de trás e vasculhei, vindo a encontrar alguns papéis de bala e três chicletes de tutti frutti. Dei um para ele e peguei outro para mim.

— Que saudade desse gostinho. — ele falou se deliciando. — Obrigado, Elisa. Salvou minha vida.

— Não há de quê.

Andamos por meia hora mais ou menos. Paramos para

viajantes_do_tempo.indd 164 03/12/2013 16:36:56

descansar debaixo de uma árvore e devoramos algumas frutas que eu tinha trazido e dividimos o último chiclete.

— Me diz do que você mais gosta? — Caio falou sentando-se ao meu lado.

— Mas são tantas coisas... — enrolei.

— Fale uma só, pelo menos.

— Deixe-me ver... — pensei. — Gosto de bala de iogurte. E você?

— Abraço.

— Ah, também gosto de abraço. — sorri para ele amigavelmente.

— E o que você menos gosta?

— Dor. E você?

— Pimenta.

Ri um pouco com isso, brincando com as folhas que encontrei no chão. Ele sorriu para mim.

— Já falei que você é minha melhor amiga? — Caio admitiu, observando minha brincadeira.

— Deve ter falado num passado remoto.

Nós dois rimos.

— Então falo novamente: você é minha melhor amiga, Elisa Monteiro.

— Aaah... Pare de falar meu sobrenome! Caio Lemos. — empurrei-o.

— Foi você quem começou. — retrucou travesso, com um enorme sorriso.

— Parei então. — Dobrei os braços e deitei no chão, apoiando a cabeça neles.

viajantes_do_tempo.indd 165 03/12/2013 16:36:56

— Com sono?

— Um pouco.

— Também estou, não durmo desde anteontem.

— Então boa tarde, quase noite, para você, melhor amigo.

— Para você também. — deitou ao meu lado e mexeu em algumas mechinhas do meu cabelo. — Me perdoe mais uma vez pelo corte no seu rosto. Preferia que tivesse sido em mim.

— Está tudo bem, Caio. Desculpo você.

— Uhum...

Tirei minhas mãos de trás da cabeça e abracei meu próprio corpo, virando para o lado oposto ao dele para dormir. Fechei os olhos e sem querer a imagem dos meus pais veio à mente. O que eles estavam fazendo agora? Que horas deviam ser lá... ou que dia? Será que não tinha um jeito de eles acreditarem em mim?

Deitei de barriga para cima e passei as mãos no rosto esquecendo-me do corte. "Droga!", reclamei em pensamento, ardeu um pouco.

— Não pensei que ia continuar usando este anel.

— Hm? — Virei o rosto para o lado. — Não entendi.

Ele segurou minha mão e indicou o anel que Hassan havia me presenteado.

— Ah. É importante para mim. — respondi. — Ganhei de alguém especial.

A expressão em seu rosto indicava que ele ficou chateado, atordoado ou talvez com dor de dente.

— Já gostou de alguém, Lisa? — perguntou uns três minutos depois.

viajantes_do_tempo.indd 166 03/12/2013 16:36:56

— Sim. — respondi. — Creio que você também, certo?

— Talvez.

Foi estranho, mas quando perguntou se eu gostava de alguém, um nó se formou em meu estômago. Lembrei do pessoal da escola, gente que não me vinha à mente há tempos.

Ajeitei o corpo, deitando de lado, disposta a continuar a conversa. Não estava com tanto sono, e, mesmo sabendo que Caio estava cansado a beça, ele também não parecia querer dormir agora.

— Quem é ela? — perguntei em tom baixo, olhando-o.

— Ela quem?

— A garota de quem você gosta. — Esperei um instante. — E não minta dizendo que não gosta de ninguém, porque isto está na cara.

Ele deu uma risada.

— Está, é?

— Sim.

Pareceu pensar antes de perguntar, mudando de assunto:

— Tem algo que gostaria que eu dissesse? Ou que... repetisse?

— Não lembro se já falou isso, mas... Poderia começar dizendo que faço o melhor molho para macarrão da cidade.

Ele começou a rir, embelezando ainda mais seu rosto gentil, e eu o acompanhei rindo.

— Ou então, — falei brincando — dizer que sou a melhor amiga do mundo, que você me ama, que você precisa de mim, nem que seja para salvar sua vida com chicletes.

viajantes_do_tempo.indd 167 03/12/2013 16:36:56

— Se quer assim... — disse sorrindo.

— É claro que não precisa dizer. — revirei os olhos.

— Eu te amo. — me disse com intensidade.

Não tinha calculado que isso me afetaria tanto. Não conseguia conter os meus batimentos cardíacos e minha cabeça pesou, talvez fosse minha consciência.

Caio olhava para mim com carinho, sua mão direita acariciando meus cabelos. Eu devia estar com uma cara de espanto, minhas sobrancelhas unidas diziam que eu não queria acreditar que aquilo era verdade, queria que tivesse dizendo da boca para fora.

— E eu queria você comigo, — continuou — não para me dar chicletes, — sorriu com gentileza — mas para ser minha companheira.

— Olha, Caio... — comecei, mas fui interrompida.

— Eu sei que você gosta de outra pessoa.

Fitei-o assustada. Fiquei em silêncio com a imagem de Bernardo perambulando na cabeça. Ele pareceu confirmar suas suspeitas de que eu, antes de vir para cá, gostava de alguém.

— Não se preocupe, não quero forçar a barra. Eu só — fez uma pequena pausa — precisava dizer isso algum dia, — esboçou um sorriso sem graça — e esse dia chegou. Tarde, mas chegou.

Levantou-se e saiu andando. Fiquei um instante pensando no que fazer, e então me levantei pegando a mochila e corri atrás dele para não ficar só. O sol já estava terminando de se esconder, dali a pouco eu ia precisar usar a lanterna para enxergar melhor, o local que estávamos não parecia dos mais seguros.

viajantes_do_tempo.indd 168 03/12/2013 16:36:56

— Ei, me espere! — chamei.

— Acho que você está certa, — disse ainda andando — temos que seguir caminhos diferentes.

— Não. De forma alguma! — discordei com firmeza. Adiantei-me entrando na sua frente e estendendo a mão para que parasse. — A gente não pode se separar. Temos uma missão, lembra?

Ele parecia distante, olhando um ponto fixo nas montanhas.

— Você disse que tava comigo nessa... — tentei.

— E estou.

Suspirei aliviada.

— Mas isso não significa que temos que estar no mesmo lugar todo o tempo. — ele completou.

— Eu não quero ficar longe de você. — implorei colocando a mão em seu rosto para me olhar, já que estava me evitando. Por algum motivo, meus olhos ficaram cheios de água. Éramos amigos há tanto tempo, não conseguia me imaginar sem ele.

— Se não fosse pelo contexto, eu teria adorado ouvir isso. — confessou rindo um pouco.

Comecei a perceber que Caio escondia tristeza com sorrisos. Isso não era legal, me confundia e também me fazia sentir mal, como se eu fosse culpada de algo.

— Eu te amo, Elisa. — Levantou as mãos e segurou meu rosto com doçura. — Sério mesmo. Mas ficar com você...

— Você é meu amigo, não pode se distanciar de mim! — interrompi inconformada.

— Eu sei. Mas eu alimento a ilusão de que um dia possa ser minha, e isso me machuca... porque sei que não vai acontecer.

viajantes_do_tempo.indd 169 03/12/2013 16:36:56

viajantes_do_tempo.indd 170 03/12/2013 16:36:56

2º Tempo: Caio

Dez: Treinamento

Quando eu tinha quatro anos, meus pais resolveram se separar. Foi difícil este período para mim, e mesmo pequeno eu sabia que esta não era a melhor solução para o casamento deles. Foi nessa época, também, que conheci uma menina.

Com o tempo meus planos de tornar-me jogador de **baseball**, influenciado pelo meu pai, que era treinador de um time, foram mudando. Tentei me destacar em outros esportes, me aprofundar em História e Química, e procurei participar das programações da igreja, vindo a ser vice-líder do grupo de adolescentes.

Aos 15 anos arranjei uma namorada. Chamava-se Talita. Durou quatro dias. Foram os quatro dias mais, como posso dizer...? Mais torturantes de toda minha vida! Primeiro que eu não era o namorado dela e sim um troféu que ela exibia para suas amigas e inimigas, segundo porque eu nunca a amei, terceiro porque... afastei por um bom tempo uma pessoa que eu considerava muito.

Ano passado foi O ano! Eu havia caído na mesma sala que minha amiga de infância. Ela sempre me incluía em todas as maluquices que inventava, era perfeita e eu a admirava por ser tão "pra frente", vamos dizer assim.

Eu adorava ficar ouvindo ela falar, mesmo que nem ela entendesse o que estava dizendo. Adorava quando tratava-me como criança, mesmo eu sendo mais velho que ela. Adorava vê-la brava, ela ficava lindinha assim.

viajantes_do_tempo.indd 171 03/12/2013 16:36:56

Mas agora eu estou magoado.

Eu pensei que passando bastante tempo com ela, seu sentimento por **ele** mudasse. Que ela percebe em mim o amor... O amor que venho nutrindo desde muitos anos atrás, que me fez quebrar a cara tantas vezes e dispensar tantas oportunidades de relacionamento temendo afastá-la de mim.

Estou chateado por ter me declarado tão tarde. Me sinto um idiota amando a garota de outro cara, mas... Droga! Não entendo como ainda a quero.

Ela não sabia o que dizer. E no momento, nem eu.

Seu rosto ainda estava em minhas mãos e a vontade que tinha era de beijá-la. Elisa chorava, não sei se por mim, se por ele, ou por ela mesma. Então eu a abracei longamente, e senti suas lágrimas molharem meu peito. Ficamos assim até ela se acalmar, mas eu poderia passar a eternidade com ela em meus braços.

Voltamos para junto da árvore e a Lisa deixou a mochila no chão. Apesar de ter tentado me despedir, eu a sentia mais próxima que nunca. Estávamos ligados. Eu não poderia me afastar dela, por mais que isso me machucasse. Eu devia cuidar dela.

Soltei o ar dos pulmões, e lamentei baixinho.

Eu me sentei encostando as costas na árvore e Elisa sentou-se ao meu lado. Passamos um tempo olhando a lua nova e as estrelas do céu. Ali perto, os grilos faziam barulho e o vento balançava a copa da árvore. Sua mão macia segurava a minha.

— Em que está pensando? — quebrei o silêncio.

— Em Deus.

Fechei os olhos e senti o vento gelado em meu rosto.

viajantes_do_tempo.indd 172 03/12/2013 16:36:56

— Deus vai mostrar a moça certa para você, não se preocupe. Espere e confie Nele.

— Eu sei. — respondi baixinho, mesmo tendo quase certeza de que ela era essa tal moça.

— Boa noite. — disse instantes depois, deitando-se virada para o lado oposto ao meu.

— Boa noite... meu amor.

***

"Vá embora, eu quero dormir mais um pouco...", reclamei.

Senti uma coisa quente molhando meu rosto, e tentei não imaginar o que seria até que abri os olhos.

— Eca! — Limpei a boca com as costas da mão. Um cachorro peludo estava me lambendo. Que falta do que fazer. — Xô, xô. Vá embora.

Ele abanou o rabo pensando que eu queria brincar e pulou em mim, indefeso sentado no chão. Eu não levava muito jeito com animais de estimação, pois nunca tive um, e nem queria no momento.

— Vá, pegue! — joguei uma pedra longe.

Ele olhou para trás e depois para mim, e deu uma lambida na minha cara. Que nojo!

Levantei-me perdendo a paciência e decidi fazer uma caminhada. Dei uma olhada em Elisa dormindo como uma pedra ao lado da mochila. Eu não iria demorar, voltaria antes que acordasse.

Estava cedo e eu queria achar algum lugar para tomar banho. Fui para o leste, subindo um monte com a pastagem seca. O cachorro estava me seguindo. Comecei a correr dele e

viajantes_do_tempo.indd 173 03/12/2013 16:36:56

vi que foi uma péssima ideia.

— Não! — esbravejei quando ele pulou em cima de mim derrubando-me. Era um cachorro caramelo enorme, um dos maiores que conheci.

Rolei no chão para longe dele e me levantei rápido. Ouvi um assobio e o cachorro correu animado. Virei-me e vislumbrei uma bela senhorita. Tinha lindos olhos castanhos e cabelos da mesma cor, vestia uma roupa campestre verde.

— Sabe onde tem água? — perguntei quando levantou o rosto para mim.

— Há um poço não muito longe daqui, atrás daquela montanha. — apontou na direção sul, na descida do morro onde estávamos, seria uma caminhada não muito atrativa.

Respirei fundo e comecei a descida.

— Não se preocupe com o que aconteceu. Você vai superar. — Ela veio até mim e colocou a mão pequenina em meu braço, pois não alcançou o ombro.

— Do que está falando?

— Elisa. — ela sorriu ao dizer o nome. — Mas por que a deixou sozinha? Não sabe que é perigoso? — seu tom foi de repreensão — Ela é uma garota indefesa.

Joguei a cabeça para trás cheio de preguiça.

— Encontro você lá em baixo. — me disse.

Sabedoria me empurrou pensando que me tiraria do lugar. Balancei a cabeça para ela, e fiz o trajeto de volta para o lugar de onde eu não devia ter saído.

Ela não estava lá quando eu cheguei à árvore. Olhei em

viajantes_do_tempo.indd 174 03/12/2013 16:36:56

volta, caminhei um pouco procurando, mas nada. Desabei no chão desolado. O que eu ia dizer à Sabedoria?

— O que faz aqui?

Estremeci ao ouvir aquela voz vinda de cima da árvore, e principalmente o tom nada feliz com que falou. Pedi desculpas por tê-la deixado dormindo e me ausentado, mas ela não me desculpou de primeira.

— A Sabedoria deve estar chegando. — falei em tom casual.

— Onde ela tá?

— Lá. — apontei para o leste.

Ela pulou da árvore. Só nesse momento percebi que tinha trocado de roupa e prendido os cabelos pretos. Levantei-me.

Sabedoria veio até nós e, sem falarmos nada, fomos andando até o poço.

— Estão quietinhos... O que houve? — ela perguntou quando já estávamos em mais da metade do caminho, eu conseguia ver o poço feito de pedras.

— Não é nada. — Elisa falou.

— Ah, o que é isso gente. — ela disse andando de costas para nos olhar. — Animem-se!

Eu fiz uma careta. Sabedoria riu de mim e parou de frente ao poço.

— Me ajude aqui, Caio. — disse ela pedindo que eu tirasse água com um balde de plástico que não sei de onde surgiu.

Bebemos água e eu lavei meu rosto que estava com baba de cachorro. Instantes depois, vimos uma toalha xadrez estendida na areia, já que estávamos chegando perto do deserto.

viajantes_do_tempo.indd 175 03/12/2013 16:36:56

Sabedoria estava distribuindo frutas e outros alimentos em cima da toalha. Só aí lembrei que estava azedo de fome.

Sentamo-nos e começamos a comer. Mas ela olhou para a gente de cara feia, então paramos e esperamos ela dar Graças:

— Obrigada, Criador, pelo alimento. Em nome de Jesus. Amém.

Depois abrimos os olhos e voltamos a comer. Estava tudo uma delícia, principalmente o sundae de chocolate com cereja em cima e o bolo de cenoura.

— Agora que estão de barriga cheia, vamos conversar um pouco. — disse-nos.

Sabedoria reafirmou que estávamos aqui para aprender, mas que não estava satisfeita com nosso desempenho, por isso a partir daquele dia estaria conosco.

Explicou como Deus criou o mundo e como o mal veio à Terra, dentre outras coisas que presenciamos e outras não. Ela também contou para nós algumas histórias, na verdade, ela encenou.

— Então Ana estava orando, orando, orando e Eli, o sacerdote, pensou que ela estivesse bêbada e disse: Até quando vai ficar embriagada? Veja se para de beber, mulher!

Nós rimos com o jeito engraçado com que ela falou isso. Sabedoria usava tons de voz diferentes, caretas e modos de se expressar diversos para caracterizar os personagens.

— Senhor, eu não estou bêbada, estava orando assim porque sou muito infeliz e sofredora. — Ana respondeu. E Eli disse: Vá em paz, vá em paz, o Deus de Israel lhe dê o que você pediu. —

viajantes_do_tempo.indd 176 03/12/2013 16:36:56

tempos depois, Ana conseguiu ficar grávida e deu à luz a um filho, colocando o nome dele de Samuel.

Ela andou de um lado para o outro observando-nos.

— Entendem o que esta história tem a ver com as outras que contei e que vocês vivenciaram?

Eu e Elisa balançamos a cabeça, envergonhados, dizendo a ela que não. Sabedoria fez que se sentou numa cadeira imaginária e ainda cruzou as pequenas pernas.

— Sara, mulher de Abraão, não podia ter filhos. Rebeca, esposa de Isaque, também não, assim como Raquel, esposa de Jacó. — ela disse enumerando com os dedos. — Também tem a mãe de Sansão, Ana esposa de Elcana que foi mãe de Samuel, e Isabel esposa de Zacarias que foi mãe de João Batista. E o que isso quer dizer...?

— Que... era da vontade de Deus que essas mulheres tivessem filhos?

— Sei que você pode melhorar esta resposta, Elisa. — Sabedoria falou a ela.

— Então que era da vontade de Deus que essas mulheres não pudessem ter filhos e que... — Elisa pensou um pouco.

— E que Deus desse filhos a elas apesar das circunstâncias? — respondi.

— Só mais um pouco. — descruzou as pernas e apoiou os cotovelos nos joelhos para melhor nos olhar.

— E esses filhos Deus usaria para sua obra? — falei.

— Sim. — sabedoria levantou-se sorrindo. — Deus mostrou seu poder através da vida dessas mulheres estéreis. Seus filhos

viajantes_do_tempo.indd 177 03/12/2013 16:36:56

foram pessoas memoráveis na Bíblia. Vejam só!

Ela desenhou um gráfico e fez rabiscos no ar, depois que riscava ficava azul, assim conseguíamos enxergar.

— Abraão, Isaque e Jacó estão na lista dos antepassados de Jesus Cristo, que se encontra no livro de Mateus, capítulo um. Ah, nesta lista também tem Judá, filho de Raquel e Jacó. — ela abriu um enorme sorriso. — Lembram-se das Doze Tribos de Israel? Elas se originaram na família de Jacó, são seus doze filhos. Já Sansão derrotou os filisteus libertando os israelitas. Samuel era profeta, governou e foi juiz do povo de Israel. E João Batista foi o encarregado de preparar o povo para a vinda de Jesus ao mundo. Entendem? Deus tem propósito em tudo!

Fizemos que sim com a cabeça. Então ela voltou a se sentar na cadeira imaginária.

— O plano de salvar o mundo estava sendo executado desde os primórdios. O Senhor ama tanto vocês que faz de tudo para que voltem para Ele.

— Tem alguma história que fala da misericórdia e amor Dele? — perguntei.

— Existem várias! — ela começou a balançar os pés. — Lembram-se de quando Abraão pediu em favor de Sodoma porque seu sobrinho Ló morava lá?

— Tem a ver com a mulher de Ló virar uma estátua de sal? — Elisa perguntou.

— Sim, mas um pouco antes aconteceu de três homens visitarem a tenda de Abraão no bosque sagrado de Manre. Eram dois anjos e o terceiro homem era Deus. Conversa vai, conversa

viajantes_do_tempo.indd 178 03/12/2013 16:36:56

vem, e Abraão e os três visitantes resolvem ir até um lugar de onde podiam ver a cidade de Sodoma, aí os dois anjos desceram até a cidade para ver as acusações contra ela, enquanto Deus disse a Abraão que devido aos pecados terríveis que o povo de Sodoma praticava, iria destruir a cidade.

Sabedoria levantou-se e começou a encenar. Ela olhou para os lados, acanhada e um pouco encolhida disse:

— Será que vais destruir os bons junto com os maus? — deu a entender que ela estava imitando Abraão. — Talvez haja 50 pessoas corretas na cidade. Ainda assim a destruiria? Será que não podes perdoar o povo por amor a 50 pessoas boas?

Ela endireitou-se, olhou para o lado e disse:

— Se eu achar 50 pessoas corretas em Sodoma, perdoarei a cidade inteira por causa delas.

Instantes depois ela voltou a encolher-se e ficar tímida.

— Perdoa meu atrevimento de continuar falando contigo, pois Tu és Senhor e eu sou um simples mortal. Pode acontecer de haver só 45 pessoas boas, ainda assim destruirias? Com uma diferença de cinco?

— Se eu achar 45 pessoas boas não destruirei.

— E se tiver só 40?

— Por amor a essas 40, não destruirei a cidade.

Ela coçou a cabeça e olhou para o lado com carinha de cachorro pidão, dizendo:

— Não fiques zangado comigo, Senhor, por eu continuar a falar. Mas e se houver só 30?

Ela endireitou-se e sorriu.

viajantes_do_tempo.indd 179 03/12/2013 16:36:56

— Se houver 30, eu perdoarei a cidade.

— Estou sendo atrevido, mas me perdoa, e se houver 20? Só 20?

— Por amor a essas 20 não acabarei com a cidade.

— Esta é a última vez que vou falar, Senhor, não fiques zangado. Mas e se houver só 10...?

Ela olhou para o lado sorrindo e disse de forma doce:

— Ainda assim, não destruirei. Por amor à vida dessas 10 pessoas boas.

Depois Sabedoria curvou-se a nossa frente e nós batemos palmas para ela.

— Entendem agora? Deus estaria disposto a não destruir uma cidade onde só há pessoas maldosas por amor a um grupo.

— O sacrifício de Jesus também tem a ver com isso, quero dizer, amor ao mundo? — Elisa falou.

— Sim. É claro que na situação que encenei foi diferente, mas Jesus se entregou por amor ao mundo inteiro, e aqui não havia só pessoas boas, elas deviam ser a minoria. Isso quer dizer que Ele se entregou pelos maus, para que eles pudessem voltar para Deus, deixarem de fazer as coisas erradas que faziam e terem seus nomes escritos no Livro da Vida.

— Então, quando nos entregamos a Ele temos que deixar de fazer um monte de coisa que não O agrada. É meio que perder a liberdade... — falei e acrescentei rápido — mas por uma boa causa, claro.

— Não é perder a liberdade. — Elisa falou cruzando os braços.

viajantes_do_tempo.indd 180 03/12/2013 16:36:56

— É ganhar liberdade para fazer o que é certo. — Sabedoria completou sua fala.

— Como assim? — perguntei confuso.

— Vamos supor que você diga: eu sou livre. Em quê você pensa depois que fala isso? — Sabedoria sentou no chão de frente para nós.

— Posso fazer o que quiser. — respondi.

— Exato. Aí quando uns amigos seus falam: vamos beber bebida alcoólica, todo mundo bebe, é uma coisa normal. Você logo pensa: sou livre, então posso beber. Essa é uma visão contrária, porque você sabe que é errado...

— Nem beber socialmente pode? — eu disse interrompendo-a.

— Não existe pecadinho nem pecadão, é tudo pecado, Caio. Mentir ou roubar o banco tem o mesmo peso para Deus, então beber até cair e beber uns dois copos tem o mesmo valor. Há até um conselho para o rei Lemuel que diz: **As bebidas alcoólicas são para os que estão morrendo, para os que estão na miséria. Que eles bebam e esqueçam que são pobres e infelizes**. Encontra-se no capítulo 31 de Provérbios. — ela explicou. — Então ao invés de ir beber com os amigos que te chamaram, você tem a **liberdade** de dizer: não, eu não bebo. É a liberdade de escolher o certo. A liberdade do Senhor, que Ele dá.

— Isso também teria a ver com a expressão ser **escravo do pecado**? — perguntei.

— Sim, Caio. Lembram-se de **o bem que quero fazer não faço, mas o mal que não quero fazer é o que pratico**?

viajantes_do_tempo.indd 181 03/12/2013 16:36:56

— Quem disse isso mesmo? — Elisa perguntou a ela.

— O apóstolo Paulo aos romanos. Significa que a sua natureza carnal, humana, o leva a praticar coisas que ele sabe que é errado e Deus não gosta. Sendo assim, ele perde sua liberdade se continuar praticando sem se arrepender e sem buscar o perdão do Senhor. Torna-se um escravo, pois o pecado vicia.

— E pecado gera morte, certo? — falei a ela.

— Certíssimo! — sorriu para mim. — Não só morte espiritual como pode levar à morte física.

— Um exemplo disso é...? — Elisa perguntou.

— Beber e dirigir, oras. Você pode bater o carro e morrer, ou então matar uma pessoa que não tinha nada a ver com a história.

— É triste isso. — Elisa disse.

— Sim. — Sabedoria falou levantando-se.

Pegou a Bíblia velha que estava dentro da mochila de Elisa e folheou. Depois fez uma pose digna de Shakespeare e começou a recitar um versículo:

— **Quem é que grita de dor? Para quem são as tristezas? Quem é que tem os olhos vermelhos e ferimentos que poderiam ser evitados?** — ela colocou as costas da mão na testa e continuou. — **É aquele que bebe demais e anda procurando bebidas misturadas.**

Olhou-nos agora desafiadoramente, mudando suas feições e pose.

— **Não fique olhando para o vinho que brilha no copo, com a sua cor vermelha, e que desce suavemente. Pois no**

viajantes_do_tempo.indd 182 03/12/2013 16:36:56

fim ele morde como uma cobra venenosa. Você verá coisas esquisitas e falará tolices.

Bambeou de um lado para o outro e posou a Bíblia no meu colo.

— Você se sentirá como se estivesse no meio do mar, enjoado, balançando no alto do mastro de um navio. Então você dirá: alguém deve ter me batido; acho que levei uma surra, mas não me lembro. Por que não consigo levantar? Preciso de mais um gole.

Mais uma vez parou em nossa frente e nós a aplaudimos sorrindo.

— Aquele que quer aprender gosta que lhe digam quando está errado; só o tolo não gosta de ser corrigido. — Sabedoria falou para nós quando estávamos guardando as coisas do piquenique dentro de uma enorme cesta.

— De onde tira essas frases? — perguntei, guardando os pratinhos que usamos.

Ela fez a mesma cara de quando não quer contar alguma coisa a mim.

— Ah, vamos, Senhorita S. Diga-me!

Sabedoria riu e fez-me abaixar para que pudesse apertar minhas bochechas e bagunçar meus cabelos, tal qual Elisa fazia. Deve ser um gesto feito por toda menina.

— Conhece Salomão? — falou animada.

— Não pessoalmente.

Ela sorriu orgulhosa.

— É uma boa hora para conhecê-lo.

viajantes_do_tempo.indd 183 03/12/2013 16:36:56

viajantes_do_tempo.indd 184 03/12/2013 16:36:56

Onze: Sabedoria

Caminhamos durante dias. Eu mal sentia meus pés; eles apenas me conduziam automaticamente. Devíamos ter pegado o caminho mais longo para Jerusalém porque não chegávamos nunca!

— Vai demorar muito? — perguntei a Sabedoria.

— Bom, pelos meus cálculos... — ela estava com um ábaco na mão, fazendo não sei o quê. — É logo ali na frente.

Eu me esforcei para enxergar algo na direção em que ela apontou. Só havia um montão de terra. Mais nada.

Depois de mais algumas horas andando, ouvimos uma batucada, talvez uma festa, ou então o bando de Ali Babá e os seus quarenta capangas fazendo algum saque na cidade cercada por muralhas a nossa frente.

— É o rei! É o rei! — Sabedoria falou saindo correndo, entrando na cidade e deixando-nos para trás.

— Vamos lá. — Elisa disse para mim.

Nós dois começamos a andar um pouco mais rápido. Não tínhamos o pique da Sabedoria, aliás, ela parecia nem um pouco cansada.

Quando, finalmente, entramos no lugar, era como se a terra estivesse rachando, tamanho era o barulho. A cidade inteira devia estar em festa e no meio daquela multidão, não é novidade dizer, perdemos Sabedoria de vista.

— Ela deve conhecer este lugar muito bem. — falei a mim mesmo, enquanto olhava em volta.

viajantes_do_tempo.indd 185 03/12/2013 16:36:56

— O que a gente faz agora? — Elisa disse alto para que eu ouvisse.

— Vamos passear, quem sabe a gente não esbarra com a Sabedoria?

Jerusalém era uma cidade muito bonita, e o povo parecia muito feliz no momento. Gritavam "viva o rei!", "que o rei viva para sempre!" e outras coisas do tipo.

Então nos fizeram abrir caminho, todo o povo perto de nós se dividiu deixando um enorme espaço no meio da rua. Vimos mulheres dançando balançando lenços coloridos, logo atrás homens tocando flauta e muita gente gritando de alegria. Em meio a eles vinha um rapaz montado numa mula com diversos adereços de ouro, e ele usava um manto muito bonito e uma coroa bem enfeitada.

— Lindooo!!! — ouvimos uma mulher gritar no meio do povo.

Eu e Elisa caímos na gargalhada. Era Sabedoria do outro lado da rua pulando e acenando para o rei. Fomos atrás dela depois que a comitiva do rei passou em direção ao palácio.

— Quem era aquele homem? — Elisa perguntou.

— O rei Salomão. — ela respondeu de imediato com um sorriso imenso.

— Mas ele não é muito jovem para governar?

— Adonias, o irmão dele, estava se proclamando rei. Então o rei Davi ficou sabendo e, como havia prometido a sua esposa, Bate-Seba, que Salomão seria o próximo a governar, teve de fazer isso logo.

viajantes_do_tempo.indd 186 03/12/2013 16:36:56

— Ah...

— Venham. Levarei vocês a um lugar especial.

Entramos numa rua estreita que levava a um pátio com um chafariz no meio, depois nós a seguimos até um riacho de águas cristalinas, fora da área urbana, vamos dizer assim.

Ela nos fez sentar debaixo de uma enorme árvore e ficou mexendo no seu ábaco até se cansar ou, pelo menos, até nós acharmos que ela havia se cansado.

— Nós não vamos conhecer Salomão? — perguntei impaciente.

— Vão, vocês terão o privilégio de ouvir suas sábias palavras. Mas antes precisamos conversar um pouco.

— De novo? Você já não teve uma conversa séria com a gente uns tempos atrás? — reclamei insatisfeito. Eu já estava me entediando disso tudo, queria ação, algo que pudesse me deixar alerta, fizesse-me usar os instintos.

— Com quem você pensa que está falando, criança? — Sabedoria perguntou friamente a mim. Sua voz, agora completamente diferente, não se encaixava com a figura que eu via em minha frente, aquela donzela animada de minutos atrás.

Senti o olhar de Elisa em mim e, ao ver seu semblante, estremeci. Eu havia faltado com o respeito e...

— Saiba que não sou sua coleguinha e não tenho a obrigação de fazer o que você quer. — continuou interrompendo meus pensamentos.

— Me desculpe. — falei baixinho, envergonhado.

— Mais cuidado da próxima vez. — disse ela, levantando-se.

viajantes_do_tempo.indd 187 03/12/2013 16:36:56

Logo depois, não sei de onde, surgiu uma tela branca bem grande atrás de Sabedoria, perto do riacho. Esta tela ficou azul, depois verde, então começou a passar um filmezinho.

— Estrelando: Sabedoria. — Elisa leu na tela e começou a rir divertindo-se. Sabedoria abriu um enorme sorriso pra ela e depois sentou-se na grama de costas para nós.

Cruzei os braços, chateado, eu não gostava de ser repreendido. Foi só uma pergunta boba que eu fiz...

Na tela aparecia Jerusalém, a cidade cercada por muralhas. Estava cheia de pessoas preocupadas com seus afazeres, comprando, vendendo, cuidando de casa... Então um locutor começou a falar:

— Escutem! A Sabedoria está gritando nas ruas e nas praças. Nos portões das cidades e em todos os lugares onde o povo se reúne.

Agora, vestida de branco e como adulta, Sabedoria apareceu gritando alto e fazendo movimentos bruscos em meio ao povo:

— Gente louca! Até quando continuarão nesta loucura? Até quando terão prazer em zombar da sabedoria? Será que nunca aprenderão? Escutem quando eu os corrijo!

As pessoas estavam ocupadas demais em seus negócios, não a escutavam e pareciam nem enxergá-la.

— Eu darei bons conselhos e repartirei a minha sabedoria com vocês. — ela sorriu para eles e estendeu as mãos para eles, tentando ser amigável.

Uma garotinha pareceu prestar atenção, só que esta foi chamada pela mãe e entrou na tenda onde vendia tecidos. O

viajantes_do_tempo.indd 188 03/12/2013 16:36:57

resto do povo não estava nem aí para ela. Então seu semblante mudou drasticamente.

— Eu chamei e convidei, mas vocês não me ouviram e não me deram atenção. Vocês rejeitaram os meus conselhos e não quiseram que eu os corrigisse.

Ela subiu num banco de concreto na praça e gritou com mais força:

— Assim, quando estiverem em dificuldades, eu rirei; e quando o terror chegar, eu caçoarei de vocês. Eu rirei quando estiverem passando por sofrimentos e aflições. Então vocês me chamarão, mas eu, a Sabedoria, não responderei. Vão procurar por toda parte, porém não me encontrarão. Vocês não quiseram a sabedoria e sempre se recusaram a temer a Deus, o Senhor.

Sabedoria pulou do banco e arrumou o vestido que estava usando, assumindo uma postura indiferente às pessoas que não a viam.

— Os tolos morrem porque rejeitam a sabedoria; os que não têm juízo são destruídos por estarem satisfeitos consigo mesmos. — ela caminhou, saindo da praça e falando em tom normal. — Mas quem me ouvir terá segurança, viverá tranquilo e não terá motivo para ter medo de nada.

Então na tela apareceu o palácio de Salomão. Um homem estava falando com um menino assim:

— Filho, aprenda o que eu lhe ensino e nunca esqueça o que mando você fazer.

O garoto balançou a cabeça afirmando.

viajantes_do_tempo.indd 189 03/12/2013 16:36:57

— Escute os sábios e procure entender o que eles ensinam.

O homem esperou o menino dizer alguma coisa, que não consegui ouvir, depois prosseguiu:

— Sim, peça sabedoria e grite pedindo conhecimento. Procure essas coisas como quem procura um tesouro escondido. Se você fizer isso, saberá o que quer dizer temer ao Senhor, e aprenderá a conhecê-Lo. É o Senhor quem dá sabedoria; a sabedoria e o entendimento vêm Dele.

O homem levantou-se, mas antes de sair da sala disse ao menino:

— Lembre-se de Deus em tudo o que fizer, e Ele lhe mostrará o caminho certo.

Tomei um susto quando a câmera deu um close no rosto da Sabedoria.

— Eu sou a Sabedoria; sou mais preciosa do que as joias. — disse bem séria.

Agora o foco da câmera eram os lábios dela, de um rosa muito bonito e dentes bem alinhados e brancos.

— Tudo o que você deseja não pode ser comparado comigo. Tenho conhecimento, compreensão e juízo.

Seus olhos castanhos e inocentes foram o alvo da câmera desta vez.

— Temer o Senhor é odiar o mal. Eu odeio o orgulho e as palavras falsas.

A Sabedoria sentada a nossa frente recitava os mesmos

viajantes_do_tempo.indd 190 03/12/2013 16:36:57

versículos que a Sabedoria do filme estava falando.

— **Eu ajudo os reis a governarem e os governantes a fazerem boas leis. Eu amo aquele que me ama, e quem me procura... Acha.**

— Fim. — li sem querer em voz alta o que estava escrito na tela.

Ouvi uma risada baixa a minha frente.

— Uma vez, Deus disse a Salomão: "O que você quer que eu lhe dê?", sabem o que ele respondeu?

— O quê? — eu e Elisa falamos juntos.

— Sabedoria.

Ficamos em silêncio durante uns minutos que pareciam intermináveis. Eu estava olhando para o riacho e pensando nas coisas que acontecem na Bíblia. Quando a gente lê parece estranho, absurdo, mas quando a gente vive... é tão... real!

— O pai de Salomão era o rei Davi, certo? — perguntei.

— Certíssimo.

— O que matou o gigante Golias, não é?

— É.

— Ele tinha sabedoria também?

— Sim, Caio, ele era temente a Deus.

— Mas por que então o irmão de Salomão queria ser rei no lugar de Davi?

— Porque... — Sabedoria virou-se de frente para mim. — Davi nunca repreendeu seus filhos, e Adonias queria muito ser rei. Uma hora alguém ia ter que assumir o trono também... — ela fez uma pausa e depois continuou. — Uma vez, um dos

viajantes_do_tempo.indd 191 03/12/2013 16:36:57

filhos dele cometeu um pecado muito feio, e Davi não fez nada, tanto é que Absalão, outro filho do rei, revoltou-se contra seu pai e proclamou-se rei de Judá. Então ficou esta bagunça incontrolável. Mas Davi temia a Deus, e o amava com todo o coração.

— Mas por que Adonias não podia ser o rei? — Elisa perguntou.

— Davi tinha feito uma promessa a sua esposa, dizendo que o filho dela é quem seria o sucessor. E assim foi. Deus amou Salomão e permitiu que ele fosse rei. Ele deu sabedoria e entendimento a ele de forma que ninguém antes ou depois de Salomão foi tão sábio quanto ele. Reis do mundo inteiro souberam da fama dele e até mandaram pessoas para ouvi-lo.

— Foi ele quem escreveu aqueles provérbios que você tanto fala? — Elisa falou com um sorriso.

— Sim, ele escreveu muitos conselhos, poesias, escreveu bastante sobre mim também. A propósito, o filme que vocês viram tem por roteiro os provérbios de Salomão.

— Então ele viveu a vida inteira bem? — perguntei.

— Infelizmente não. Salomão casou-se com muitas mulheres estrangeiras que o fizeram afastar-se do Senhor, ele passou a adorar outros deuses e oferecer sacrifícios a eles. O mesmo aconteceu com vários reis no Antigo Testamento, eles seguiram os maus exemplos uns dos outros de forma que o governo deles era conturbado e tiveram muitas guerras.

— Mas e o povo? Eles tinham a obrigação de ir na "onda" dos reis? — perguntei curioso.

viajantes_do_tempo.indd 192 03/12/2013 16:36:57

— O povo seguia o rei. Muitos deixavam de adorar a Deus porque os reis faziam altares a diversos deuses, assim todo mundo pecava oferecendo sacrifícios ali. — ela explicou. — Agora olhem para cima, vejam as folhas verdinhas desta árvore.

Eu e a Lisa olhamos para a árvore que fazia sombra para nós. Era enorme e bonita, seus galhos eram longos e cheios de folhas, neles os passarinhos faziam seus ninhos.

— O que tem a árvore? — Elisa perguntou ainda olhando para cima.

— As pessoas que servem e conhecem a Deus são como ela. Elas crescem perto do riacho, dão frutos na época certa e suas folhas não murcham. Tudo o que essas pessoas fazem dá certo, pois elas não andam, não andaram e não andarão no caminho dos maus.

— O povo devia ter continuado longe do caminho mal... — falei casualmente.

— Uhum. — Sabedoria falou. — E sabem quem é o riacho?

— Deus? — Elisa disse.

— Sim. Ele é o rio que providencia tudo o que a pessoa que anda no caminho Dele precisa. A pessoa que permanece perto Dele produz frutos do espírito. — Ela olhou para nós e piscou um olho. — Se eu fizesse uma prova para vocês perguntando quais são esses frutos vocês saberiam responder?

— Não lembro todos, mas seria Amor, Paz, é... acho que Alegria. — falei.

— São eles: — Sabedoria falou de pé. — Amor, Alegria, Paz, Paciência, Amabilidade, Bondade, Fidelidade, Mansidão,

viajantes_do_tempo.indd 193 03/12/2013 16:36:57

Domínio Próprio.

— E a pessoa que anda com Deus recebe sabedoria e conhecimento, o Espírito Santo também, né? — Elisa disse.

— Sim. O Espírito Santo Deus deixou para as pessoas que aceitassem Jesus como seu único e suficiente salvador, ele guia, mostrando o que é certo perante o Senhor, e também aquilo que não é certo fazer. — ela pegou o ábaco do chão. — Vamos, vai acontecer uma audiência com o rei Salomão agora.

Num espaço aberto do palácio, o rei e alguns conselheiros, ou sacerdotes, não sei, estavam a postos. Duas mulheres permaneciam de joelhos em frente a eles, enquanto um grupo de mais ou menos cinquenta pessoas, fora eu, Elisa e Sabedoria, estava no pátio olhando o que acontecia.

Uma das mulheres, a mais gordinha, vestida com roupa escura, dirigiu a palavra ao rei:

— Ó, rei Salomão! Eu e esta mulher moramos na mesma casa, nós duas estávamos grávidas e demos à luz. Mas numa noite ela rolou para cima do filho dela e o matou, depois colocou o menino morto em meus braços e pegou meu filho para ela. Quando acordei vi que aquele não era meu filho e...

— Não é verdade! — gritou a outra. — Meu filho está vivo, o dela é que está morto, ó rei!

— Não é não! A criança morta é sua, a minha está viva.

Então elas começaram a discutir na frente do rei.

— Cada uma diz que a morta é da outra e a viva é sua. Pois muito bem, — Salomão virou o rosto para um dos seus servos — busque uma espada para mim.

viajantes_do_tempo.indd 194 03/12/2013 16:36:57

O servo saiu apressado do lugar, e quando trouxe a espada o rei levantou-se e disse:

— Cortem a criança viva ao meio e deem metade a cada uma.

— Não, por favor, senhor, não mate meu filho! — a de roupa escura falou aflita ao rei. — Entregue-o a esta mulher.

— Podem cortá-lo em dois pedaços, assim nem eu nem ela ficamos com a criança. — a outra disse.

Salomão olhou bem para as duas e disse:

— Não matem a criança. Entreguem à primeira mulher que é a verdadeira mãe do menino.

— Foi assim que o povo soube que Deus tinha dado ao rei sabedoria e que ele julgava com justiça. — Sabedoria disse baixinho a nós.

***

Durante a tarde conseguimos hospedagem num casebre quase na saída da cidade. Nós tínhamos a real noção de que não estávamos mais nos tempos de Salomão, era como se o tempo pulasse décadas a cada hora. Tudo acontecia de forma rápida para que vivêssemos uma enormidade de coisas.

Lanchamos, tomamos banho e o casal de idosos, donos da casa, deu a nós alguns tecidos para fazermos de roupa.

Fiz algumas adaptações em meu uniforme militar, pedi que a senhora da casa costurasse uma calça para mim e permaneci com minha espada guardada.

Sabedoria havia me dito que não demoraria muito para o reino entrar em guerra, algo muito comum nesta época.

— Aqui está. — Sabedoria disse a Elisa enquanto ela mexia

viajantes_do_tempo.indd 195 03/12/2013 16:36:57

na mochila. — Ainda dá tempo para um treino antes de cair a noite.

Colocou um arco e as flechas em cima de uma mesinha. Voltei a ocupar-me com as uvas que eu estava comendo, sem querer dar a entender que estava prestando atenção na conversa delas.

— Vai me ensinar? — Elisa perguntou a ela.

— Vou. Caio?

— Fique a vontade.

— Dei este trabalho a você, garoto. — ela deu um soco de leve no meio das minhas costas.

— Por que se você deve saber usar esse treco melhor que eu?

— Grande coisa... — ela balançou os ombros e desapareceu para dentro da casa.

Senti um lampejo frio em minha barriga. Tinha medo que se machucasse. A última coisa que queria era ver Elisa ferida, e agora eu devia ensiná-la a usar um instrumento de guerra. Grande ironia.

— Ainda pensando se vai ser bonzinho comigo e vai me ensinar a usar este arco? — Elisa o pegou de cima da mesa.

— Não tenho outra escolha... — virei de costas e saí do casebre indo para fora.

Seguimos a pé até um campo ao sul rodeado por montanhas, pedras e uma vegetação escassa. As árvores a nossa volta não serviriam como alvo, eram finas demais.

Sentei-me no chão observando-a. Elisa ajeitou a aljava com

viajantes_do_tempo.indd 196 03/12/2013 16:36:57

umas cinco, seis, flechas nas costas e olhou em volta por um momento. Pensei que ela estivesse me procurando para fazer de alvo, então levantei-me e esperei ao seu lado.

— Onde quer que eu mire?

— Atire para a montanha, ou se preferir... — abaixei-me e peguei uma grande pedra, jogando-a longe num lugar que pudéssemos ver. — Perto da pedra.

Quando foi tirar uma flecha das costas acertou meu joelho com o arco, pedindo desculpas depois. Esfreguei a mão no rosto não querendo ouvir sua voz novamente. Não importava o quanto eu tentasse, eu não conseguia deixar de gostar daquela garota, e qualquer coisa que ela fazia me afetava.

Mostrei a ela como se encaixava a flecha na corda do arco e pedi que ela tentasse depois.

— Agora — dei a volta nela — com os três dedos da mão direita, segure a corda perto da flecha. — coloquei o seu dedo indicador acima da flecha e os outros dois dobrados em baixo. — Levante o arco na altura do seu ombro e... — pensei um pouco antes de continuar — vire um pouco, você nunca pode ficar de frente para o alvo, sempre um pouco de lado.

Ela deu alguns passos e levantou o arco, segurando na flecha e fechando um dos olhos para mirar.

— Não toque na flecha, só na corda. Agora puxe até tocar em seu queixo e solte.

Elisa atirou. A flecha caiu aos seus pés.

— Foi mal. — disse ela.

— É assim mesmo. Tente de novo.

viajantes_do_tempo.indd 197 03/12/2013 16:36:57

Sentei-me no chão e continuei comendo as uvas que trouxe. Esperei que se posicionasse. Ela atirou quatro vezes e começou a choramingar.

— Não consigo fazer nada que preste! — falou desanimada.

— Apronte o arco novamente. — levantei-me parando ao seu lado.

— Já cansei disso, eu vou pra casa. — ela jogou a aljava com as flechas no chão e ia fazer o mesmo com o arco se eu não tivesse segurado primeiro.

— Ande logo, Lisa. — exercitei minha paciência. — Sabedoria não vai ficar satisfeita quando eu contar que você desistiu.

Mesmo sem vontade, ela pegou uma flecha do chão e encaixou no arco.

— Satisfeito agora? — mostrou-o para mim.

— Fique de lado e segure na corda.

Ela o fez. Segurei em suas mãos firmando o arco e fazendo com que Elisa tivesse mais postura.

— Agora mire. No três nós soltaremos a corda.

— Tá.

— Um... Dois... — Puxei a corda e levantei um pouco mais o arco. — Três.

A flecha foi tão longe que meus olhos não conseguiram enxergá-la. Elisa abriu um enorme sorriso e tenho certeza de que se eu não tivesse abaixado para guardar as flechas, ela teria apertado minhas bochechas, como sempre fazia quando ficava contente.

— Vamos embora. — falei colocando a aljava nas costas e levando o arco.

viajantes_do_tempo.indd 198 03/12/2013 16:36:57

Fiz o trajeto de volta caminhando a sua frente, só sabia que ela estava me seguindo pelo barulho do seu calçado arrastando na terra, devia estar entediada.

— Tem medo de morrer na guerra? — ela quebrou o silêncio.

— Mais ou menos.

— Será que se acontecer algo com a gente aqui, no presente nós desapareceremos?

— Não sei. O que você acha? — perguntei.

Chutei uma pedrinha que passou pelo meio de duas árvores. "Gol." Lembrei-me das partidas de futebol nos fins de semana. Será que os garotos ainda se reúnem para ir ao campinho?

Ouvi um estalo e um gemido baixo, então virei para saber o que era.

— Mas o que...? — falei surpreso deixando cair o arco.

— Não chegue perto, vai ser pior pra ela. — disse um sujeito barbudo com uma cicatriz horrível no rosto, estava com um punhal apontado para o pescoço de Elisa.

Uni as sobrancelhas desaprovando sua atitude, o homem apertou ainda mais os braços em sua volta. Ela estava assustada e respirava com dificuldade.

— O que quer? — falei firme.

— Quero a moça.

— Pra quê quer a moça? — eu disse de imediato. Dei um passo discreto enquanto conversava.

— Meu vilarejo foi destruído pelos sírios, e eu não tenho mulher para me dar um filho que não deixará meu nome morrer.

Meu estômago embrulhou só de pensar e Elisa fez uma cara

viajantes_do_tempo.indd 199 03/12/2013 16:36:57

de nojo. O homem não pareceu notar nossa repulsa, continuou com os olhos arregalados fixos em mim.

— Não pode levá-la. — joguei a aljava no chão, tirei minha espada da bainha e posicionei-me. — E se insistir, vai ter de me vencer.

— Espero que saiba o que está falando. — disse com um sorriso ameaçador.

viajantes_do_tempo.indd 200 03/12/2013 16:36:57

Doze: Batalhas

O homem pareceu analisar as possibilidades antes de armar-se. Depois de alguns instantes, empurrou Elisa com brutalidade, fazendo-a cair feio no chão. Isso me deixou com mais raiva. Sacou a espada e apontou-a em minha direção, dando alguns passos para o lado.

Olhei para Elisa querendo saber se estava tudo bem, essa foi a "deixa" para ele vir com tudo para cima de mim.

Nossas espadas se chocaram fazendo um estalo metálico. Não calculei que meu inimigo fosse tão forte. Eu tive que jogar todo o peso do meu corpo no pé de apoio para manter minha posição. Então nos afastamos e eu aproveitei que ele havia baixado um pouco a guarda para atingi-lo com um golpe alto e rápido, mas ele percebeu o que eu pretendia fazer. Atacou-me, e com a adaga feriu meu ombro.

Recuei rapidamente e senti o sangue quente molhando meu corpo, assim como a grande dor do ferimento.

Respirei fundo e voltei a atacá-lo três vezes seguidas. Então ele segurou meu punho e ficou de costas para mim, e só percebi o que aconteceu quando minhas costas bateram com tudo na terra, provocando mais dor.

— Você não é homem suficiente pra ficar com a moça! — disse de forma rude, jogando a adaga de lado e segurando a espada com as duas mãos firmes, pronto para tirar minha vida.

Rolei no chão para não ser cortado ao meio e atravessei minha espada em seu abdômen. Ele urrou de dor e afastou-se,

viajantes_do_tempo.indd 201 03/12/2013 16:36:57

levando sua espada que estava fincada no chão.

Fui para cima dele, mas desviou o golpe e me fez tropeçar. Levantei-me de uma vez e o golpeei na perna, fazendo-a sangrar. Ele fez uma careta mostrando os dentes para mim e atacou-me cheio de ira.

Devemos ter lutado durante vinte minutos. Não sei se pelo golpe no abdômen ou se por outro motivo, meu oponente não estava tão à vontade como no início. E eu sentia meu corpo moído, pesado e estava superdesgastado, querendo acabar logo com isso. Meu ferimento no ombro parecia só piorar, e ainda tinha os outros cortes dos golpes que levei.

O homem investiu a espada na lateral direita de meu corpo, eu a bloqueei e a impulsionei para cima, depois usei o joelho e toda a minha força em seu estômago. Ele cambaleou e cobriu a barriga com o braço enquanto praguejava.

Segurei firme na espada e caminhei em sua direção. O homem olhou-me furioso e já ia se endireitar quando lhe dei um soco no rosto. Ele bambeou e caiu de joelhos, exausto. Tossiu e limpou o sangue da boca, depois fincou a espada na terra.

— Acabe logo com isso, rapaz. Minha descendência já foi amaldiçoada mesmo, não tenho por que insistir em viver. — falou cuspindo sangue.

Tomei fôlego, e quando levantei um pouco o rosto e joguei de lado as mechas suadas de cabelo que atrapalhavam minha visão, meus olhos encontraram os de Elisa. A expressão dela era de ansiedade, talvez até medo.

Decidi que não mataria ninguém na sua frente, então

viajantes_do_tempo.indd 202 03/12/2013 16:36:57

bati com o cabo da espada na cabeça do homem. Ele caiu desacordado.

O movimento me deixou um pouco tonto, quem sabe por causa da grande perda de sangue. Quando dei por mim estava no chão.

— Caio!

Abri os olhos e a vi chorando debruçada sobre mim. Estava acariciando meu rosto e tirando da frente os cabelos molhados de suor. Como eu queria não estar naquela situação para poder corresponder ao seu carinho...

Estiquei o braço que estava melhor e toquei sua face com as costas dos dedos, roçando em sua bochecha antes que eu perdesse a força. Senti uma dor aguda nas costas e minha expressão a fez chorar mais.

— Vou buscar a Sabedoria, ela deve saber o que fazer. — levantou-se rápido e saiu correndo.

Fechei os olhos novamente para esperar.

Minha cabeça estava latejando quando ouvi o barulho de pessoas correndo. Abri um dos olhos e vi quando chegaram com uma espécie de carrinho de mão. Durante toda a viagem de volta estive pensando em minha família. Eu tive muita sorte de não morrer na luta, mas não sei se conseguirei sobreviver, estou muito machucado.

— Vai ficar tudo bem. — Sabedoria sussurrou em meu ouvido.

— Como sabe? — perguntei.

Ela deu uma risadinha baixa.

viajantes_do_tempo.indd 203 03/12/2013 16:36:57

— Abra os olhos.

Abri meus olhos. Estava numa floresta com árvores muitíssimo altas. Havia um trono enorme distante de mim, mas na mesma reta que eu. Parecia ser noite, mas não havia estrelas no céu. Tive a impressão de que talvez a floresta estivesse dentro de uma sala escura onde só tinha alguns feixes de luz.

— Onde é aqui? — falei sentando-me, já que estava deitado em um monte de folhas secas.

— Como está, filho? — ouvi uma voz masculina.

— Pai?

— Oi, como está? — da forma como falava deu a entender que tinha um sorriso no rosto.

— Bem, eu acho. — levantei-me, meu corpo estava melhor que nunca e eu me sentia confortável usando as roupas macias que minha mãe havia comprado para mim. — E você? — perguntei por educação.

— Também. Obrigado por perguntar. — disse em tom cordial. — Sentiu minha falta?

Prendi a respiração, isso era um mau sinal. Então esse era o Pai.

— Eu morri?

Ele riu.

— Ainda não, Caio. — respondeu.

Fiquei ouvindo o som melodioso de sua risada, mas depois o silêncio foi constrangedor, até que Ele decidiu falar novamente:

— Você não sentiu, não é? Não sentiu minha falta...

Entristeci-me com suas palavras tristes. Eu sempre estava

viajantes_do_tempo.indd 204 03/12/2013 16:36:57

fazendo coisas para Ele, sempre estava em sua casa, a igreja, sempre participava das programações dos adolescentes da igreja, conhecia a Bíblia... Como poderia sentir saudades de algo que sempre esteve comigo?

Mas por que, ainda assim, sentia um vazio gigantesco dentro do meu ser?

— Já parou para pensar — Ele disse — que as coisas que realiza não têm importância quando são feitas para agradar as pessoas e não a mim? Se você busca a aprovação dos seus amigos... onde eu fico nesta história toda?

— Mas Deus, eu não faço isso. — respondi ofendido, procurando-O em volta para provar minha inocência.

— Eu conheço seu coração. — sua resposta foi como um tapa em meu rosto. — Conheço seus pensamentos. Te conheço melhor que você mesmo, e sei das suas intenções.

Olhei para o chão envergonhado. A quem eu queria enganar?

— Você é comprometido com a igreja, não com o Deus da igreja. — Ele contou chateado.

— Me desculpe...?

— Mas você se arrepende disso?

Mordi os lábios, relutante. Algo em minha mente me fez lembrar uma plateia sorridente explodindo em aplausos, elogios e felicitações, abraços orgulhosos pela boa atuação na peça teatral da igreja. Eu não dava toda honra e glória a Ele. Eu dava a mim mesmo.

— Saiba que eu te amo e eu te criei para estar comigo.

viajantes_do_tempo.indd 205 03/12/2013 16:36:57

— Deus me disse. — Mas o pecado atrapalha nosso relacionamento, filho, te distancia de mim. Por isso quero te libertar dele.

Dei alguns passos para trás. Era como se eu pudesse sentir o cheiro podre de meus pecados fazerem meu nariz arder e meu corpo se contorcer em repugnância. Eu queria abandonar meu corpo pesado e dilacerado pelas conquistas da minha carne, tão longe daquilo que Deus sonhou para mim.

— Para quê quer alguém como eu? — perguntei com nojo de mim mesmo. — Eu sou mau! Minhas atitudes são sujas, meus olhos só veem o que não Te agrada, com meus lábios eu digo que Tu és o Senhor, mas meus pensamentos são repulsivos e distantes de Ti. Por que me quer?

— Eu paguei um alto preço pela sua vida e nada do que faz pode apagar meu amor por você. — disse-me calorosamente. — Meu amor é incondicional!

— Eu não mereço o amor que quer me ofertar. — comecei a chorar em desespero. — Eu Te rejeitei, eu Te deixei de lado quando tudo o que eu fazia era dizendo "em nome de Jesus". Mas não era verdade.

— Será que você não sabe que meu Filho unigênito morreu para dar a vida a você? Não sabe que assim como criei os céus e a terra, plantas e animais, criei você e posso também transformar a sua vida? Não quero mais ver você sofrer, filho, eu te quero novamente comigo. Eu sinto saudades de você. — ouvi o som de um trovão e Sua voz ecoando nos quatro cantos do lugar. — Você é meu!

viajantes_do_tempo.indd 206 03/12/2013 16:36:57

Novamente busquei Seus olhos, mas nada vi, agora tinha uma névoa que me separava Dele. A névoa tinha o cheiro nojento do pecado que eu vinha cometendo.

Havia uma queimação em meu peito, uma vontade de voltar e fazer as coisas do jeito certo, do jeito Dele. E comecei a andar em direção ao trono, mas, depois de alguns passos, senti como se meus pés tivessem criado raízes. Olhei para as árvores a minha volta, não estariam elas conspirando para que eu não O alcançasse, estariam?

Fiz mais força para despregar meus pés do chão, mas senti-me opresso, pesado. Então olhei para meus braços e percebi que havia raízes enroladas neles. As árvores puxavam-me para longe, e eu não conseguia vê-Lo a minha frente por causa da densa névoa.

Eu lutava para me libertar e a queimação alastrava-se pelo meu corpo. Então as raízes começaram a chicotear minhas costas e fizeram-me cair de joelhos. Num dado momento, quando eu já estava cansado e já havia sido muito surrado, olhei para trás.

Havia uma enorme porta, era larga e estava aberta pela metade. Da porta vinha um vento quente, denso, mas com um aroma muito gostoso, parecia chocolate misturado com outra coisa doce. Inspirei aquele cheiro, por um momento ele pareceu me fazer esquecer a surra que estava levando. Então comecei a ouvir vozes, pareciam felizes, conversavam entre si, riam, e também havia uma música tocando.

Eu estava desistindo de lutar, eu não tinha mais forças. A queimação voltou a se instalar somente em meu peito, parece que quando eu lutava, ela aumentava. Não fazia parte do meu eu, da minha carne, era algo mais como meu

viajantes_do_tempo.indd 207 03/12/2013 16:36:57

espírito, alma... Não sei dizer ao certo.

— Desista, pra quê sofrer mais? — ouvi uma voz feminina muito linda. Aproximava-se.

Virei para olhar e recebi uma chicotada no rosto que me fez olhar para frente novamente. Fiquei atordoado.

Ela riu com simpatia.

— Acalme-se, isso vai passar logo. — garantiu.

Ela entrou na minha frente e, abaixando-se, segurou meu rosto. Suas mãos eram incrivelmente quentes e seu corpo terrivelmente tentador, me tirou completamente a concentração.

— Como é seu nome mesmo? — ela perguntou.

— Caio...

— Ah, é. — sorriu como se tivesse lembrado. — Quer ir numa festa comigo, Caio?

— Festa? Aaai. — Senti o ardor num ferimento que uma das raízes fez em minhas costas. — Onde?

— Na minha casa. — disse aproximando o rosto e sorrindo.

— Onde... Onde você mora? — eu disse com dificuldade.

— Ali. — ela apontou para a porta atrás de nós.

— NÃO! — escutei o grito de uma mulher.

— Hm? — Levantei um pouco o rosto, minha visão estava ligeiramente turva, acho que o hálito doce e inebriante da garota estava me afetando.

Depois de algumas piscadelas percebi um feixe de luz sobre uma menininha negra atrás, mas ao longe, da garota da porta. Sabedoria.

viajantes_do_tempo.indd 208 03/12/2013 16:36:57

— Você vai ou não na minha festa? — perguntou ficando de pé.

— Eu... acho que posso, não posso? — olhei bem para ela e esforcei-me para levantar, mas foi impossível.

— Não, Caio! — Sabedoria disse aflita. — Você não pode. Vai morrer se for!

Eu sentia um peso enorme em mim e já nem ouvia mais o estalo das raízes em minhas costas. Perguntei-me por que é que estava passando por isso e se não conseguiria sair dessa fazendo a coisa certa. Foi o tempo da garota jogar a cabeça para trás e dar uma gargalhada alta.

Ela aproximou-se novamente e tirou as raízes de perto de mim, colocando-me de pé. Mas eu estava sem forças para manter-me sozinho.

— É só uma festinha de boas vindas para você. — ela disse depois.

— Para mim? — perguntei confuso. Meus olhos estavam cansados.

— Claro, em sua homenagem. Não é todo dia que recebemos um ex-filho-de-Deus.

— Como assim ex?

— Oras, — ela parou de tentar me colocar de pé e me abraçou — se você está indeciso se fica com Ele ou comigo... Você já está comigo. — ela riu. — Mas qual é seu nome mesmo?

— Caio, meu nome é... — ela interrompeu minha frase tirando todo ar dos meus pulmões ao me beijar do nada. Deslizei tonto em seus braços, ouvindo sua risada aguda, e caí no chão.

viajantes_do_tempo.indd 209 03/12/2013 16:36:58

Vi Sabedoria tentar correr até mim e ser afastada pela garota. Ela parecia gritar meu nome, mas a única coisa que eu ouvia era uma música fúnebre e a voz da garota. Minha mente estava girando e eu sentia uma dor enorme em meu coração.

— Vocês o perderam para mim, aceitem este fato!

Sabia que algo estava me fazendo muito mal, e eu tinha que lutar contra isso. Mas um vazio muito grande apossava-se de mim, comecei a tremer de frio. Foi aí que a dor, não a queimação, em meu coração foi espalhando-se para as demais partes de meu corpo. Era como um veneno, algo corroendo meus ossos. Eu me contorcia.

— Eu não consigo sozinho! — gritei desesperado. — Eu preciso de ajuda! Por favor, alguém me ajude... — implorei agonizando de dor. Olhei para elas, me arrastando para chegar mais perto. — Por favor...?

— Você quer ajuda de quem? — a garota falou andando para perto de mim.

— Eu... — senti um nó na garganta. — Eu só quero que essa dor vá embora. — esforcei-me para dizer.

— Isso é pouco. — ela disse a mim. Colocou uma das mãos na cintura, acentuando a curva que seu corpo fazia embaixo do vestido vermelho, e foi enumerando com os dedos. — Posso te dar poder, fama, amigos, amores... — deu um sorriso torto.

— Pode? — perguntei. Inclinou-se e segurou minha mão. Vi Sabedoria atrás dela limpando as lágrimas que caíam de seus olhos.

viajantes_do_tempo.indd 210 03/12/2013 16:36:58

Ela fez que sim com a cabeça.

— Só quero uma coisa de você... — abaixou-se, me observando mais de perto.

— O quê? — falei com a voz rouca e cansada.

— O controle de sua vida.

Seus olhos dobraram de tamanho, tornaram-se gulosos e da cor de sangue, vi o terror de minha face refletido neles. Entrei em pânico. Comecei a gritar desesperadamente quando me dei conta do que estava fazendo, com quem estava falando. Ela começou a rir, riu tão alto que tapei os ouvidos com as mãos para abafar o som.

— Eu te quero! Eu te quero! — falou sorrindo de forma apavorante. — Vamos, me aceite em sua vida, oficialize isso! Tudo vai se tornar mais fácil pra você.

— Não, eu não quero! — eu disse encolhendo o corpo com medo. — Vá embora, vá!

— Não! — gritou. — Eu não irei até que aceite ser meu!

Comecei a chorar e a soluçar. Eu não queria isso para mim, eu queria sair deste pesadelo horrível, eu queria ficar a salvo. Eu queria ajuda vinda do céu.

Ouvi barulho de trovões na floresta que fizeram o chão tremer. Uma ventania estava quase derrubando as árvores e a porta atrás de nós fechou-se com violência, fazendo um grande estrondo.

— Nãããooo!!! — a garota gritou ferozmente.

Vi o brilho dourado de uma coroa ao longe, na minha direção. A névoa estava se dispersando e alguém aproximava-

viajantes_do_tempo.indd 211 03/12/2013 16:36:58

se com passos firmes. Sabedoria curvou-se, encostando a testa no chão. Eu estava encolhido. Meu rosto sujo, machucado e molhado pelas lágrimas era o de uma criança à procura de paz em meio à guerra.

A enorme garota teve as feições distorcidas de tanta fúria, suas unhas delicadas tornaram-se garras gigantescas, ela rosnava e dava passos recuando. Olhei novamente para frente e vi um homem tão alto quanto a garota. Usava um manto vermelho sangue, roupas brancas, um cinto de ouro e uma coroa de rei com pedras preciosas. Tinha os cabelos compridos brancos como a neve. Não tinha palavras para descrever o quanto era bonito. Sua voz era profunda e acolhedora.

— Devolva meu filho, eu o comprei do mundo.

— Mas ele traiu o Senhor! Como... Como pode ainda querer essa — a garota falou inconformada e com nojo — coisa?

— A alma dele clama pela minha presença. — explicou. — Por muito tempo ficamos longe um do outro, mas hoje ele voltou para mim. — seu semblante era de grande satisfação e deleite ao me olhar. — Hoje eu te limpo, filho. Tiro de você toda vergonha, toda dor e sofrimento, tiro de você os seus pecados que o afastaram de mim, tiro de você toda culpa e tudo o que não me agrada.

Senti uma vontade tremenda de correr e me jogar em Seus braços. Eu sentia a queimação em minha alma, e agora pude entender do que se tratava, era o anseio que meu ser tinha de estar com o meu criador, meu Deus e Senhor!

viajantes_do_tempo.indd 212 03/12/2013 16:36:58

— Tudo o que eu preciso é o Senhor. — confessei bem baixinho.

A garota rugiu feroz e pulou tentando me pegar. Eu corri, conseguindo chegar próximo a Ele, mas suas garras rasgaram mais a minha camisa. Ouvi gritos apavorantes da garota e a grande porta abrindo e depois fechando-se com força.

Eu senti um alívio infinito em meu ser, eu estava livre. Livre! Para a honra e glória do meu Deus.

Olhei meus braços e passei a mão nas costas, antes machucados, agora as feridas fechavam-se. O peso da culpa abandonou meu corpo. Senti uma vontade enorme de retribuir, eu precisava fazer alguma coisa.

Ainda estava de cabeça baixa, pensando, quando senti o toque de uma mão em meu ombro.

— Venha, meu filho. — meu Pai disse ajudando-me a levantar.

Olhei em volta. O cenário havia mudado. Era um campo aberto. O céu estava claro, com nuvens brancas e espessas. Uma variedade enorme de árvores com copas majestosas pareciam ter sido plantadas ali há séculos. O ar era gostoso e o sol morno. Eu devia estar parado, boquiaberto, admirando a paisagem há um tempo.

Ele encostou a bochecha no alto de minha cabeça, dando-me um abraço paterno, depois começou a caminhar. Fui correndo atrás de Deus e ao seu lado tentava acompanhar suas passadas longas.

— Eu já sei o que quero fazer. — eu disse olhando bem para cima. Era realmente alto.

— E o que é? — abriu um sorriso.

viajantes_do_tempo.indd 213 03/12/2013 16:36:58

— Viver para Ti! — respondi confiante. — Agora que eu Te conheci, de forma alguma quero voltar atrás; não vale a pena.

Ele assentiu com a cabeça.

— Porque, veja bem, — comecei a explicar — se antes eu achava que era feliz, com o Senhor comigo serei feliz **de verdade**.

Ele ia acrescentar alguma coisa, mas continuei falando.

— Eu sei, eu sei... a caminhada não é fácil. Tem gente que vai querer deixar de falar comigo, vai me rejeitar e tentar me fazer pecar, mas **com o Senhor comigo** eu vou passar por cima de tudo isso. Vou ser um vencedor... de verdade.

— De verdade. — repetiu contente. — Sabe, filho, agora você tem minha vida em você. Desta forma, se me chamar eu te ouvirei. Se me pedir algo, e eu estiver de acordo, eu te darei. Se clamar por ajuda, eu mandarei um exército de anjos para lutar ao seu lado. E o que você precisa fazer é confiar e andar em meus caminhos. — disse com um sorriso caloroso.

Passamos o dia conversando. Ele respondeu minhas perguntas e eu respondi algumas Dele. Era incrível tudo o que estava acontecendo, acho que se eu contasse ninguém acreditaria.

— Você precisa ir. — Ele disse num determinado momento.

— Não posso ficar aqui para sempre? Por favor, me deixe ficar. — pedi.

— Não, filho, ainda é cedo para estar aqui, mas permanecerei em você e você em mim, não se preocupe.

Ele me deu um abraço forte e afagou meus cabelos, então num piscar de olhos tudo mudou.

viajantes_do_tempo.indd 214 03/12/2013 16:36:58

— Graças a Deus! — ouvi Elisa dizer depois de soltar o ar pela boca, acho que de alívio.

Era um pequeno quarto. Eu estava deitado numa cama com um pano em cima de mim. Ao lado tinha uma cômoda com um copo de metal sobre ela.

— Espero que daqui a uns dias você melhore por completo. — ela disse.

Acenei com a cabeça concordando.

— É... — pareceu procurar as palavras. — Você foi muito corajoso ao enfrentar aquele cara, obrigada por salvar minha vida.

Lembrei-me do que havia acontecido tempos atrás, pensei em dizer "só cumpri o meu dever", ou talvez algo que soasse mais heróico, porém a única frase que saiu foi:

— Não há de quê.

Ela me presenteou com seu sorriso simpático e inclinou-se, dando um beijo em minha testa.

— Vou chamar a Sabedoria. — disse depois.

Acompanhei com o olhar enquanto saía do quarto. Instantes depois vi um par de olhos castanhos curiosos espiando a porta:

— Posso entrar?

— Claro. — respondi contente.

Ela usava um longo vestido branco que dava ainda mais destaque aos bonitos cabelos castanhos que tinha.

— Se sente melhor? — Sabedoria perguntou.

— Sim. Faz muito tempo que estou aqui?

— Uns oito dias. — aproximou-se da beirada da cama.

viajantes_do_tempo.indd 215 03/12/2013 16:36:58

— O que aconteceu durante este tempo?

Ela mexeu na pulseirinha que estava usando e ajudou-me a sentar, quando tentei sozinho.

— O rei da Síria revoltou-se contra Israel.

— E...?

— Nós vamos lutar na guerra.

viajantes_do_tempo.indd 216 03/12/2013 16:36:58

Treze: A última guerra

Elisa apareceu, escorando o ombro no batente da porta. Sabedoria olhou para ela, depois para mim.

— Mas a guerra é deles, não nossa! — reclamei. — E eu não sei se estou em condições de lutar.

Ergueu as sobrancelhas fazendo uma expressão que eu não soube interpretar e saiu do quarto. Elisa entrou e sentou-se num banquinho.

— Ela é assim: quando coloca uma coisa na cabeça, ninguém tira. — Elisa disse a mim.

— Já conversaram sobre isso antes?

— Já.

— E depois daquele dia você voltou a treinar com o arco?

— Sim, e tentei usar a espada algumas vezes também. Mas não é fácil.

Tirei o tecido de cima de mim e girei o corpo, colocando os pés no chão. Fiz uma careta ao ver meu ombro com pontos de costura, e por teimosia tentei mexê-lo.

— Ai, droga! — resmunguei sentindo uma dorzinha irritante.

Levantei os olhos e percebi que ela me observava.

— Pode pegar uma camisa para mim, por favor?

Levantou-se e saiu do quarto, instantes depois voltou com uma camisa bege de manga cumprida. Ajudou-me a vestir, tendo o cuidado de não encostar em meu ferimento.

— Pode deixar assim. — falei quando ela ia dar um laço nas duas cordinhas da gola da camisa.

viajantes_do_tempo.indd 217 03/12/2013 16:36:58

— Tá a fim de dar uma volta?

— Gostaria de comer primeiro. — falei com um sorriso sem graça, ficando de pé. — Mas e a guerra?

— Não precisa se preocupar, acho que devem estar organizando as tropas ainda.

Elisa arrumou um lanche para mim. Notei que estávamos hospedados ainda na casa dos idosos e que eles pareciam felizes em nos ter como companhia. Mais tarde avisamos à Sabedoria que iríamos sair para caminhar pelo pasto.

— Agora entendo o que queria dizer com aprender para ensinar. — comentei quando estávamos passando pela cerca do casebre, era como se estivéssemos na roça do meu avô materno. — Tem muita coisa sobre Deus que o mundo precisa conhecer, e nós, que O temos, não podemos deixar de contar a eles.

— Sem dúvida. — ela me disse. — Eu estava estudando esses dias, aprendi que não é somente falando que mostramos Cristo em nós.

Deixei que ela prosseguisse, mesmo sabendo de que se tratava. Era muito gostoso ouvi-la falar das coisas que aprendia.

— Nossa atitude deve mostrar que somos diferentes. — completou sorridente.

Acenei com a cabeça e passei o braço que estava bom em volta de seus ombros. Elisa me abraçou pela cintura e continuamos a caminhada.

— Senti sua falta. — ela me disse, amável.

— Confesse: você me ama e precisa de mim. — brinquei, rindo depois. Ela encolheu os ombros. Quando a olhei estava

viajantes_do_tempo.indd 218 03/12/2013 16:36:58

com o rosto corado, e sorriu um pouquinho para mim. — O que foi? — perguntei me fazendo de desentendido.

— Nada. — balançou a cabeça.

Elisa soltou-se de mim e segurou minha mão para irmos até a figueira gigante mais a frente. Estávamos num lugar alto, uma lufada de ar balançou seus longos cabelos pretos e o vestido colorido que usava, jogando sobre mim um aroma floral muito bom.

— Deus falou comigo em sonho. — ela me contou. — Nós vamos voltar logo para casa.

— Isso é bom. — sentei-me com as costas na árvore. — Falou mais alguma coisa?

— Nada de mais...

Olhei para cima, para ela. Permanecia com os braços cruzados olhando as montanhas.

— Não quer me dizer? — insisti.

Mexeu um pouco os lábios e abaixou os olhos para mim, apreensiva.

— Alguém vai morrer na guerra? — perguntei com uma pontada de medo na voz.

— Não, de jeito nenhum. — abanou as mãos. Levantei-me para esticar um pouco as pernas.

— Então vamos ficar um ano de castigo por termos sumido?

— Isso é óbvio. — ela riu e depois ajeitou os cabelos. — A questão é... eu e você.

Meu coração desatou a bater loucamente, lembrando-me do sentimento que tinha por ela, e que era enorme.

viajantes_do_tempo.indd 219 03/12/2013 16:36:58

— O que... — pigarreei — o que isso quer dizer?

Acho que pela primeira vez senti meu rosto arder em chamas enquanto a olhava. Era uma sensação estranha e desconcertante, eu nem conseguia sustentar o olhar direito e controlar minhas mãos, elas deviam parar de suar antes que ela percebesse, senão...

— Eu descobri... Bom... — ela abaixou a cabeça um pouco confusa e sem saber como explicar. — Nós dois, quer dizer, você... — respirou fundo e soltou o ar pela boca. — Tá difícil.

Nós rimos um pouco sem graça.

— Você é, meio que,... o cara certo pra mim. — disse-me enquanto eu olhava minhas próprias mãos.

— Mas você não me ama.

— Amo.

Levantei o rosto para olhá-la novamente e seus olhos encontraram os meus. Eles imploravam para que eu acreditasse em cada palavra e que sentisse o mesmo.

— Mas Elisa...

— Eu sei que pode parecer estranho pra você já que nunca demonstrei, — ela dizia rápido, não olhando diretamente para mim — mas acabei descobrindo que não tem outra pessoa que...

Puxei-a para mim interrompendo sua explicação e seus pensamentos com um beijo. O que deveria ter feito há muito mais tempo. Ela ficou sem reação de início, mas depois correspondeu ao meu gesto. O mundo afastava-se de nós enquanto movimentava cuidadosamente meus lábios nos de Elisa e fazia carinho em sua

viajantes_do_tempo.indd 220 03/12/2013 16:36:58

mão com o polegar.

Então era essa a sensação de ter seus sentimentos correspondidos... Incrível!

Afastei-me um pouco para olhá-la. Eu me sentia leve e feliz. Demorei-me visualizando seu belo rosto até chegar em seus olhos. Parecia que eu tinha acordado naquele dia só para olhá-los.

— Aceita ser minha namorada? — perguntei baixinho.

Elisa ergueu uma das mãos e fez carinho em meus cabelos, acenando com a cabeça de forma positiva. Sua mão deslizou por meu rosto, estando em meu queixo, após uma puxada de leve, ofereceu-me seus lábios, que beijei novamente sem hesitar.

"Ela é minha!", pensei maravilhado. Minha felicidade estava completa agora.

Um tempinho depois ouvimos um galope. Dali a pouco vimos um cavalo preto e Sabedoria montada nele. Vinha a toda velocidade, o vestido branco dançando no vento e os cabelos acompanhando o mesmo ritmo.

— O que houve? — Elisa perguntou à Sabedoria quando parou a nossa frente.

— Temos que ir. — ela estendeu a mão em sua direção. Elisa segurou e subiu no cavalo com agilidade.

— Esperem! — falei quando já iam embora.

— Volte para casa, Caio. — deu um toque com o pé na lateral da barriga do animal e saíram galopando para o oeste.

— Mas...

Fiquei olhando um pouco surpreso naquela direção. Eu não

viajantes_do_tempo.indd 221 03/12/2013 16:36:58

podia ficar apenas pensando em que poderia estar se passando, eu devia ir junto, mesmo parcialmente ferido. **Um guerreiro nunca foge da batalha**, era o que meu antigo comandante dizia.

Corri fazendo o trajeto de retorno ao casebre. Encontrei a senhora preparando alguma coisa com um cheiro muito bom na cozinha. Passei por ela apressado e fui para o quarto.

— O que aconteceu, menino? — o homem perguntou enquanto consertava uma banqueta no quarto que entrei.

— Nada, senhor. — respondi rápido.

Vasculhei o cômodo até achar minha armadura. Sabedoria não pareceu ter o cuidado de escondê-la. Talvez não fosse ideia sua me deixar em casa, só me fazer voltar para me equipar, concluí colocando minha espada na bainha.

Saí pela janela que dava para os fundos. Ao ouvir um som familiar, dei a volta numa casinha onde os cereais eram estocados. Sorri. Ali havia um cavalo selado, pronto para partir.

Fiz malabarismo para subir no cavalo sem mover muito o ombro esquerdo que estava cicatrizando, e toquei o animal, fazendo-o correr bastante.

Tentei imaginar o caminho que elas fizeram, e segui, mas pouco depois encontrei pedaços de pano branco, talvez o mesmo tecido do vestido de Sabedoria, amarrados em algumas árvores finas. Continuei na trilha até chegar ao pé de um monte.

— Aquiii. — escutei um chamado do alto.

Virei meu rosto naquela direção. Devo ter feito uma careta, pois o sol acertou em cheio meus olhos. Parecia ser três e pouco

viajantes_do_tempo.indd 222 03/12/2013 16:36:58

da tarde. Conduzi o cavalo para subir o monte.

Algum tempo depois estávamos a caminho de Samaria. Durante a viagem, Sabedoria foi explicando o que estava acontecendo de verdade.

— O rei Ben-Hadade da Síria inventou de armar guerra contra o rei Acabe de Israel. E este aceitou sem pedir a direção do Senhor, mas Deus interveio, pois queria deixar claro quem é o verdadeiro Deus. — ela contou.

— Como assim? O rei Acabe não conhecia o Senhor? — Elisa perguntou.

— Conhecia, mas ele, influenciado pela sua mulher, a rainha Jezabel, era muito idólatra. Isso deixava Deus irado. Então por meio de um profeta, o Senhor disse ao rei que Ele daria a vitória a Israel.

— Mas se Acabe pecava, por que Deus quis dar vitória a ele? — perguntei confuso.

— Isso você vai entender mais tarde. — disse Sabedoria com um sorriso.

Armamos acampamento. Na verdade, duas barracas pequenas, uma para mim outra para Elisa, porque a Sabedoria não dorme.

Ela estava cuidando da fogueirinha que fez entre as duas barracas, enquanto nos preparávamos para dormir. Terminei de arrumar meu colchão improvisado de lã, e deitei, mas estava sem sono.

— Como é bom conseguir o que a gente deseja! — ouvi Sabedoria dizer um tempo depois.

viajantes_do_tempo.indd 223 03/12/2013 16:36:58

Tive uma leve impressão de que aquela frase era dirigida a mim, mas preferi ficar na minha.

— Você sabe do que estou falando, não é?

— ...

— Você mesmo. — ela disse com uma risadinha discreta.

— Acho que sei. Você viu? — perguntei colocando o rosto para fora da barraca.

Ela balançou a cabeça dizendo que sim. Peguei a manta de lã, coloquei nos ombros e sentei-me ao lado da Sabedoria perto da fogueira.

— Eu a amo. — comecei a me explicar, não sei por qual motivo. — Nunca forçaria um beijo seu, e... — ela me interrompeu.

— Eu sei.

Fiquei quieto, acho que esperando uma bronca ou algo do tipo.

— O amor é lindo. — foi o que ela disse, olhando com carinho para mim. — Ele é tão poderoso como a morte, nenhuma quantidade de água pode apagar o amor e nenhum dinheiro do mundo consegue comprá-lo.

— Verdade. — confirmei.

Sorriu para mim e depois colocou sua pequenina mão sobre a minha.

— Mas tenha cuidado. — agora sua expressão tornou-se milenar, como se fosse uma pessoa bem vivida dando um conselho, mesmo com a aparência jovial. — Não deixe que seu amor por ela seja maior que seu amor por Cristo. Deus os criou

viajantes_do_tempo.indd 224 03/12/2013 16:36:58

para viverem para Ele, a fim de que um dia vocês possam estar com o Senhor no céu.

— Está bem.

— Outra coisa que deve ser regra em um namoro cristão: pureza! Você deve renunciar a tudo aquilo que te faça pecar, pois o pecado leva à morte, conforme o que eu te ensinei um dia. **E se um de seus olhos faz com que você peque, arranque-o! Pois é melhor você entrar no Reino de Deus com um olho só do que ter os dois e ser jogado no inferno.** Marcos 9: 47.

— Isso literalmente? — perguntei assombrado.

Ela riu baixinho, talvez para não acordar Elisa.

— Quando vamos para o céu recebemos um novo corpo, então não teria como entrarmos lá com um olho só. — ela piscou. — O versículo quer dizer que se algo te faz pecar, abandone aquilo, pois é melhor ter o privilégio de ir para o céu do que continuar pecando e ir para o inferno.

— Entendo. Mas o que eu e Elisa poderíamos fazer de errado se somos pessoas tementes a Deus?

— Ninguém está livre de tentações. E não se esqueça que o pecado começa na mente, ele não precisa estar sendo praticado, basta **pensar**.

Ela me analisou por um instante.

— Calma, não precisa fazer esta cara. — disse bagunçando meu cabelo. — Quando você se ocupa com as coisas do Senhor, Ele te fortalece e te ajuda a passar pelas provações, assim como abençoa o relacionamento de vocês.

viajantes_do_tempo.indd 225 03/12/2013 16:36:58

Sorri ao imaginar nossas vidas daqui para frente.

— Vocês devem depositar esta área da vida de vocês nas mãos Dele. Ele tem o melhor para os dois.

— Farei o que for preciso para me manter puro e ter um relacionamento agradável aos olhos do Senhor. — prometi.

Ela sorriu para mim.

— Agora vá dormir, amanhã teremos muito trabalho a fazer. — disse parecendo bastante satisfeita.

Fui acordado bem cedo. Precisávamos chegar ao campo de batalha antes do meio-dia.

Comemos rapidamente algo que Sabedoria preparou. Logo depois desarmamos nossas barracas, recolhemos todas as armas trazidas pela Senhorita S e fomos.

Foi um caminho longo e cansativo, mas chegamos a tempo. Havia uma grande tropa ali, organizada em grupos na saída da cidade de onde partiríamos para atacar o acampamento sírio.

Saímos de Samaria quando nos foi dado o sinal. Sabedoria havia nos contado que duzentos e trinta e dois jovens ajudantes dos administradores dos distritos estariam na frente de batalha, enquanto o exército israelita seguiria atrás. Escolhemos ficar no grupo mais a frente no exército, mas estávamos separados: Elisa junto aos arqueiros numa parte mais elevada do campo. Sabedoria governaria um dos carros de guerra. Eu estava na cavalaria, guiando o cavalo com o braço esquerdo, do ombro machucado, e usando uma lança com a mão direita.

Ao longe vi a espada que Sabedoria segurava, era quase maior que seu corpo, mas a empunhava com firmeza e sua

viajantes_do_tempo.indd 226 03/12/2013 16:36:58

expressão era destemida, convicta. Virei o rosto para procurar Elisa em meio aos arqueiros mas não achei. O que me preocupou um pouco.

O sol era escaldante, fazia nossos corpos parecerem lustrosos pelo suor. Os cavalos estavam impacientes, e eu me sentia ansioso junto com a multidão que me cercava.

Fazia um pouco de tempo que os ajudantes dos administradores avançaram. Só estávamos esperando o segundo sinal para atacarmos também. Mesmo em menor número que os sírios, menor quantidade de armas e ainda por cima cercados, tínhamos a certeza de que Deus nos ajudaria nesta batalha.

Estávamos organizados da seguinte forma: escudeiros na frente, depois a infantaria, a cavalaria que estava dividida em três grupos, e mais pessoas da infantaria que vinham atrás. Nas laterais dianteiras estavam os carros de guerra, e nas laterais traseiras os arqueiros. Esta era a formação de um grupo espalhado pelo terreno montanhoso como era o de Samaria. Devia ter mais uns três grupos destes, já que estávamos em sete mil homens.

Ouvimos o soar de uma corneta. No mesmo instante, barulho de cavalos, rodas e pisadas fortes davam impressão da terra estar tremendo. Seguimos em frente, avançando rápido ao encontro do inimigo.

De repente o céu foi tomado por uma imensidão de setas, eram as flechas atiradas sem economia na direção dos sírios. Pude ver muitos deles sendo atingidos, e tantos outros se dispersando. O ataque dos homens a pé juntamente com os

viajantes_do_tempo.indd 227 03/12/2013 16:36:58

atiradores pareceu estar tendo efeito, pois quando os ajudantes dos administradores conseguiram romper a linha de frente do exército sírio, eles se infiltraram e derrotaram muitos inimigos.

Os cavaleiros que estavam nas extremidades, assim como eu, galoparam rápido para o lado inimigo a fim de alcançar a parte traseira do exército que estava fugindo. Atrás de nós vinham os carros de guerra dirigidos por homens fortes e barbudos. Perguntei-me onde estariam Sabedoria e Elisa naquele momento.

Depois de um tempo controlando a rédea do cavalo com o braço machucado, comecei a sentir o ombro dolorido.

Ouvimos instruções gritadas pelo nosso comandante que estava num dos carros, e respondemos com um grito de guerra. Segurei com mais firmeza a minha espada, já que havia jogado minha lança num soldado, e me preparei para ignorar a dor do ombro.

Diversos cavaleiros inimigos apareceram para lutar contra nós e desviar a atenção de seus soldados da infantaria, que estavam debilitados fugindo com seus escudos vermelhos.

Eles eram ferozes, e mesmo machucados lutavam com muito afinco. Um deles me escolheu como seu oponente. Parecia ainda mais novo que eu, por mais que duvidasse que realmente fosse. Tinha o olhar cruel e manchas nos braços. Usava uma lança imensa e montava um cavalo tão negro quanto a noite.

Começamos a lutar. Ele se desfez da lança rapidamente atirando-a num cavaleiro, e sacou uma espada que refletiu luz em meu olho, me deixando incomodado.

viajantes_do_tempo.indd 228 03/12/2013 16:36:58

Confesso que a princípio eu mais desviava do que o atacava. Porém, quanto mais demorada, mais desgastante e perigosa a luta ficava, e eu tinha de agir.

Recuei um instante com o cavalo e este se atrapalhou com os corpos sem vida espalhados no chão. O rapaz investiu a espada em meu braço que não largava a rédea, mas depois pareceu atordoado e caiu do cavalo.

Olhei-o caído. Em suas costas havia uma flecha cravada. Engoli a seco imaginando quão desagradável devia ser uma dessas na altura do pulmão. Então procurei em volta o lugar de onde devia ter vindo a flecha e notei que o campo estava quase vazio. Os poucos inimigos que sobraram tinham batido em retirada, e muitos israelitas foram persegui-los.

Fiz sozinho o trajeto de volta para Samaria. Havíamos vencido a guerra, mas eu ainda queria saber o motivo pelo qual Deus deu a vitória ao rei Acabe sendo ele tão pecador quanto Ben-Hadade, o rei da Síria.

Por mais imprudente que fosse, joguei minha espada no chão e descansei o braço machucado trocando a rédea de mão.

Pela posição do sol, devia ser quase cinco da tarde, mas o calor não era a pior coisa do mundo agora. Eu estava com náuseas pelo cheiro terrível que os corpos exalavam e também pelas minhas roupas molhadas de suor. Daria tudo por um oásis no meio do deserto, ou pelo menos um poço pequeno onde eu pudesse tirar água para tomar banho.

— Ei! — gritei para chamar a atenção de um cavaleiro que

viajantes_do_tempo.indd 229 03/12/2013 16:36:58

trotava mais a frente.

O homem olhou para trás e parou. Toquei meu cavalo e nós fomos até o rapaz.

Ele era moreno de cabelos compridos pretos e barba grande. Usava um cinturão de ouro e roupas bem enfeitadas, assim com uma bela armadura.

— O que foi, soldado? Por que não está com os outros perseguindo o bando miserável de sírios?

— Eu estou ferido, senhor.

Ele me analisou estreitando os olhos depois assentiu com a cabeça.

— Vamos. — saiu na frente.

Tive impressão de que minha pergunta seria respondida logo, logo.

— Rei Acabe? — falei aproximando meu cavalo do homem.

— Sim?

"Sabia!", pensei comigo.

— O que quer? — falou parecendo impaciente e mal humorado.

— Tivemos muitas perdas em nosso exército?

— Não, temos guerreiros destemidos que lutam com a alma. Isso nos faz vencer.

Pensei um pouco e lembrei-me do que a Senhorita S havia me dito.

— Não tivemos nenhuma ajuda? Quem sabe os Sírios não estivessem preparados... — falei.

Ele olhou para mim com o canto do olho e depois virou o

viajantes_do_tempo.indd 230 03/12/2013 16:36:58

rosto e olhou fixo na direção de uma torre ao longe, dentro da cidade.

— Tivemos ajuda, sim. — confessou. — O Senhor dos Exércitos nos deu a vitória. O Senhor, conforme disse o profeta, nos ajudou para que soubéssemos que Ele é Deus.

Sorri ao ouvir isso.

O rei olhou para trás, e eu acompanhei seu olhar, virando-me também. O exército israelita vinha animado. Tinha ainda mais carros de guerra e cavalos que antes.

Procurei em meio a eles Elisa e Sabedoria, mas não consegui achar.

Todos nós subimos a colina e entramos na cidade. Então, quando estávamos chegando ao palácio, um homenzinho foi ao encontro do rei e lhe disse:

— Volte, fortaleça o seu exército e faça planos cuidadosos, pois daqui a um ano o rei da Síria vai atacar de novo.

viajantes_do_tempo.indd 231 03/12/2013 16:36:58

viajantes_do_tempo.indd 232 03/12/2013 16:36:58

3º Tempo: Elisa

Quatorze: O autor

Então tudo o que eu havia imaginado realmente aconteceu! Eu estava em uma guerra.

Havia milhares de soldados ao meu redor, eles eram fortes e usavam armaduras reluzentes. Suas armas me davam arrepios. Nunca pensei em confessar isso a mim mesma, mas eu estava com medo.

Eu devia manter uma postura rígida, afinal, um homem não fraqueja frente ao inimigo. Isto mesmo, um homem. Eu estava vestida como tal e não poderia acabar com meu disfarce.

Em minhas mãos estavam um arco e uma flecha, apontados para baixo, prontos para serem usados assim que o segundo sinal tocasse. Mas esperar não era meu forte. Enquanto tentava não ficar mais impaciente que já estava, procurei meus amigos em meio àquele bando de homens altos.

Nós, os arqueiros, tínhamos um lugar específico para ficar. No alto. Dali podíamos ver tudo, desde os inimigos até os demais arqueiros e soldados do nosso exército.

Meu olhar fixou-se num ponto junto aos cavaleiros. Ali estava ele. Debaixo do sol escaldante parecia desprotegido, vulnerável. Senti uma dorzinha no coração querendo que tudo logo acabasse.

Senti uma mão forte em meu ombro direito. Olhei assustada para o homem, era o comandante do grupo de arqueiros. Abaixei o rosto e senti o peso do capacete em minha cabeça,

viajantes_do_tempo.indd 233 03/12/2013 16:36:58

minha vontade era jogá-lo longe, mas ele garantiria que não notassem minhas feições femininas.

— Sua primeira vez em campo?

Balancei a cabeça afirmando.

Ele deu uma breve gargalhada, depois um tapa nas minhas costas que me fez empurrar o soldado a minha frente. Ele virou para trás olhando bravo para mim. Encolhi os ombros e voltei ao meu lugar, sussurrando um "desculpe".

Ouvimos o soar de uma corneta, era quase ensurdecedora. Então começamos a nos organizar. Os que estavam mais a frente ajoelhavam-se e outros, assim como eu, apontávamos nossos arcos num ângulo de 60°.

— Ataaaque! — gritou nosso comandante.

Nossas flechas riscaram o céu e seguiram seu próprio destino. Aqueles que embaixo estavam eram tomados por uma dor aguda de carne perfurada. Nossos movimentos ágeis permitiam que o inimigo se atrapalhasse para se proteger das flechas enquanto nossos soldados a pé quebravam sua frente de batalha.

Mais tarde, depois de muito atirar, nosso comandante ordenou que formássemos grupos de 10, pois soldados inimigos haviam conseguido passar pela infantaria e estavam vindo ao nosso encontro.

Fiquei aflita pensando que, assim como nos jogos de **handball**, ninguém me escolhesse para ficar em seu time. Olhei em volta procurando um grupo que precisasse de mais alguém, só que todos pareciam completos.

viajantes_do_tempo.indd 234 03/12/2013 16:36:59

— Vai ficar parado aí? Venha logo, soldado!

Saí correndo para onde a voz chamava.

— Você vai segurar a aljava e auxiliar Eleazar. Não se afaste dele. Entendeu?

Fiz que sim rapidamente com a cabeça, e fui me esconder do comandante atrás de Eleazar que, diga-se de passagem, parecia mais um guarda-roupa de tão grande e forte.

Ele olhou para mim com uma interrogação no semblante e depois me passou sua aljava. Dei um jeito de colocar a dele nas costas e a minha amarrada na cintura, seria mais fácil de manejar se precisasse.

Vi quando Eleazar sacou sua espada e examinou a lâmina.

— O que tanto olha? — perguntou a mim com seu vozeirão.

Sacudi a cabeça.

— O camelo pisou em sua língua? — seu olhar era brincalhão e sua voz mais divertida agora.

Comecei a rir. Ele se assustou.

— Opa. — falei baixinho.

Os inimigos vieram correndo ao nosso encontro. Eram muitos. Alguns até tinham flechas agarradas nos escudos.

Foi uma confusão terrível! E eu nem sabia o que fazer. Ficava nem muito perto, para não atrapalhar, e nem muito longe de Eleazar. Tentava não perdê-lo de vista também já que para mim todo mundo se parecia.

Avistei um objeto no chão, e fui me desviando dos pares em luta até chegar lá. Era uma machadinha. Abaixei-me para pegá-la e o capacete, largo na minha cabeça, caiu no chão. Tentei pegá-

viajantes_do_tempo.indd 235 03/12/2013 16:36:59

lo de volta, mas a aljava estava escorregando de meu ombro. Fiz um movimento colocando-a no lugar e um soldado inimigo pisou no meu pé.

— Aaaiii!!! — berrei com toda a força.

Levantei-me num pulo quando vi que ele se livrou de um soldado e decidiu me atacar.

Defendi-me enquanto pude. Minha arma era leve e fácil de ser usada, mas não estava acostumada a lutar (fugir) por tanto tempo.

— Eleazar! — gritei desesperada quando fui empurrada para o chão.

Coloquei o braço em frente ao rosto, com medo. Então senti algo grande e pesado cair em cima de mim. Abri os olhos, apavorada, e notei que era um corpo sem vida. O meu inimigo.

— Você está bem?

Eleazar tirou o homem morto de cima de mim e o jogou de lado como se fosse um boneco. Estendeu a mão, eu segurei.

Ia responder com um aceno e ele disse:

— Já sei que é uma mulher e que sua língua não foi cortada, então use-a para falar, entendeu?

— Sim.

— Muito bem. — deu um meio sorriso.

Nossos inimigos a pé já haviam sido vencidos, restava a cavalaria síria e alguns carros de guerra. Eu, Eleazar e os demais arqueiros nos refugiamos em lugares mais altos. Não podíamos nos aproximar dos cavaleiros, pois seríamos alvos fáceis e nosso comandante não deixou que atirássemos porque correríamos o

viajantes_do_tempo.indd 236 03/12/2013 16:36:59

risco de acertar em soldados do nosso exército.

Corri para o norte, pois havia visto Caio indo para lá. Ele estava machucado e eu preocupada. O terreno montanhoso requeria muito cuidado, qualquer passo em falso poderia me fazer sair rolando morro abaixo. Joguei a aljava que tinha menos flechas no chão e aprontei meu arco.

— O que pensa que está fazendo? Não ouviu as ordens do comandante, soldado?

— Preciso ajudar meu amigo.

Observei Caio lutando com um cavaleiro. Parecia estar perdendo.

— Ficou louco? — reclamei quando Eleazar entrou em minha frente.

— Não, mas você parece que sim. Devolva-me isso!

— Mas eu...

— Quer matar um dos nossos?

Balancei a cabeça rapidamente.

Ele estendeu a mão e eu abaixei o arco. Depois de pegar, Eleazar observou a luta dos dois e num movimento extremamente rápido ele atirou.

A flecha certeira pareceu atravessar as costas do nosso inimigo que caiu do cavalo, sem vida. Fiquei um pouco zonza, tive medo de que ele errasse.

— Vamos.

Pegou-me pelo braço e fizemos rápido o trajeto de volta.

A guerra havia acabado.

Nosso grupo de arqueiros não precisou perseguir o restante

viajantes_do_tempo.indd 237 03/12/2013 16:36:59

dos sírios, pois tínhamos soldados suficientes para isso. Esperamos que eles voltassem e os acompanhamos para entrar em Samaria.

Era uma festa! Os homens conversavam alto, contavam suas experiências, faziam confissões.

— Use. — Eleazar entregou-me o capacete.

Mesmo sem vontade, o coloquei na cabeça. Era ainda maior que o meu, parecia sambar em mim conforme eu andava.

— Está muito bonita com isso. — disse rindo uma voz que conhecia tão bem.

— Sabedoria! — gritei animada, certa de que os soldados não conseguiriam me ouvir.

Ela estendeu a mão para mim e ajudou-me a subir no cavalo. Cavalgamos por entre os homens e alcançamos a entrada da cidade primeiro que muitos deles.

Assim como eu, Sabedoria estava de armadura e capacete. Parecia bem mais alta e atlética que antes, pude perceber também que suas mãos e braços estavam cheias de sardinhas. Tive um leve pressentimento de que...

— Elisa? — chamou interrompendo meus pensamentos.

— Oi.

— Caio está com o rei Acabe de Israel, nós vamos para o palácio, mas antes quero passar num lugar.

— Está bem.

Corremos com o cavalo pelas ruas e fomos a um dos montes dentro da cidade. Samaria era uma cidade montanhosa muito bonita.

viajantes_do_tempo.indd 238 03/12/2013 16:36:59

Subimos o monte, descemos do cavalo e caminhamos o restante do trajeto até a parte mais alta. Ouvíamos alguns barulhos curiosos, som de música.

— Fiquei tanto tempo com isso que me acostumei. — ela falou baixinho.

Sabedoria tirou o capacete revelando seus longos cabelos ruivos. Cachos imensos pendiam para todos os lados. Em seu rosto, diversas pintinhas apareceram.

Era a professora novamente. Em cada período Sabedoria se transformava. Talvez aquele fosse o sinal de que nós estávamos prestes a ir embora.

— O que foi? — perguntou.

— Eu só me lembrei de uma coisa.

— O quê?

— Estamos aqui há tanto tempo... Quando exatamente voltaremos para casa?

Ela olhou para mim, aparentemente pensando.

— Talvez seja logo.

— Assim espero.

Tirei o capacete também e arrumei meus cabelos. Era um alívio não ter que equilibrar aquilo em minha cabeça.

Continuamos andando até que encontramos dezenas de pessoas vestidas com longos mantos. Uns tinham seus rostos pintados, faixas amarradas na testa e muitos enfeites.

Era um ritual, pude perceber. Pareciam fazer uma espécie de sacrifício a um deus pagão.

— Aquela é Jezabel, a sacerdotisa da "deusa" Astarote.

viajantes_do_tempo.indd 239 03/12/2013 16:36:59

Era uma mulher muito bonita. Estava bastante maquiada e cheia de enfeites. Segurava algo nos braços coberto por um pano branco. Senti um arrepio ao imaginar o que seria.

Ela disse algumas palavras que não entendi enquanto erguia a "coisa" ao ar. Em volta, seus seguidores moviam-se de forma bêbada, reviravam os olhos e mexiam os braços, ao passo que movimentavam os lábios murmurando alguma coisa.

— Qual é a deles? — perguntei.

— Estão pedindo proteção aos soldados que lutaram na guerra. Não lhes contaram que a guerra acabou.

— Mas eles não sabem que aquele bicho não pode nem ouvi-los? — referi-me a estátua de uma mulher com chifres, e outras coisas sinistras, num altar de frente para eles.

— Saber, até que sabem. Mas estão cegos espiritualmente.

— Mas por quê?

— Muitas vezes o ser humano decide se apoiar em algo mais cômodo para ele. Os homens estão preferindo criar deuses do que servir ao único Deus existente, tudo isso por não querer renunciar ao seu eu, não querer deixar de fazer coisas erradas.

— Eu acho que entendo...

Sentei-me no chão atrás da rocha na qual nos escondemos. Uma tristeza profunda invadiu minha alma. Como as pessoas tinham facilidade em ignorar o Criador, como gostavam de fazer coisas que O desagradam. Por que isso? Por que O trocam por objetos e pessoas? Por que fazem altares sacrificando coisas se o que Ele quer de nós é nosso amor e lealdade?

— Tem uma coisa que costumo dizer às pessoas e gostaria

viajantes_do_tempo.indd 240 03/12/2013 16:36:59

de compartilhar com você, Elisa.

— O quê?

— Imagine um desenhista. — Sabedoria falou sentando-se ao meu lado. — Ele pegou uma folha e um lápis e fez um personagem. Ele amou o personagem que desenhou. Fez para ele roupas, pintou uma casa, criou um ambiente para ele estar e depois guardou o desenho com todo carinho dentro de sua pasta de desenhos. Agora pergunto: Quem é mais real, o desenhista ou o desenho?

— O desenhista, é claro.

— Deus é o autor do mundo. Ele fez o mar, o céu, tudo a nossa volta, e com todo carinho nos fez. Deus nos amou, antes mesmo de sabermos que Ele é Deus.

Ela fez uma pausa para que eu assimilasse tudo o que estava dizendo, depois continuou:

— Ele é infinitamente mais real que qualquer um de nós. Nada pode ser comparado a Ele. Mas por que as pessoas colocam sua confiança em coisas? Por que elas acreditam mais em si mesmas do que Naquele que os desenhou? Como você acha que Deus reage a essas coisas?

— Acho que Ele fica triste.

— É... Ele fica. Pois tem sentimentos. — ela respondeu.

De repente ouvimos coisas muito esquisitas, eu diria que até impróprias para minha idade. Então, quando fui espiar pra saber o que era levei um beliscão de Sabedoria.

— Não olhe! — ela advertiu. — Os rituais a Astarote são terríveis! Além de sacrificarem crianças, eles usam de práticas

viajantes_do_tempo.indd 241 03/12/2013 16:36:59

depravadas a fim de adorar seus falsos deuses.

Aproveitamos que eles pareciam ocupados e saímos rápido dali.

Quando chegamos ao palácio, encontramos Caio sentado perto de uma fonte no meio do pátio.

— Onde estavam? Procurei vocês por toda parte. — ele perguntou levantando-se.

— Fui mostrar para Elisa a situação de Israel. — Sabedoria respondeu. — Onde achou um banheiro? Precisamos de um banho também.

— Nos fundos tem uma sala de banho.

Ela acenou com a cabeça e ele nos levou até lá. Conseguimos roupas com as servas do lugar e depois lanchamos escondidos.

Devia ser mais de seis da tarde. As tochas da cidade foram acesas e poucas pessoas transitavam na rua.

Andávamos no palácio sem chamar atenção. Escolhemos um canto, perto de uma escadaria, para descansar e conversar.

— E então, conseguiu alguma informação com o rei? — eu disse ao Caio.

— Tirando que ele não assume os erros que comete? Nem que...

— Acaaaabe! — gritou alguém da porta.

Eu e Caio nos encolhemos ao ouvir aquela voz estridente. Sabedoria inclinou o rosto para olhar quem era.

Ouvimos o barulho de passos na escada e o ar saindo desanimadamente dos pulmões do rei Acabe.

— O que foi, Jezabel? — ele disse entediado.

viajantes_do_tempo.indd 242 03/12/2013 16:36:59

— Só estava avisando que cheguei. — respondeu entusiasmada. Vi que ela passou por ele. Exalava um perfume forte e terrivelmente doce.

— Que cheiro é esse? — ele perguntou tampando o nariz.

— A essência dos deuses, meu marido.

Ela subiu as escadas de mármore correndo. Quando pensávamos estar livres daquele odor, ela voltou e olhou para o local onde estávamos escondidos. Jezabel não era uma mulher normal...

— Vixii. — Caio deixou escapar.

Seu olhar era profundo, intimidador.

— Quem são? — perguntou demonstrando interesse.

— Servos. — Sabedoria respondeu rapidamente.

— Nunca os vi aqui... Mas venham, preciso de ajuda.

Saímos do canto onde estávamos e subimos as escadas atrás de Jezabel. Seria perigoso demais desacatar as ordens de uma mulher como ela.

Pelo que eu havia estudado e escutado nos cultos de domingo, o rei Acabe fazia as vontades de sua esposa, talvez não porque gostasse e sim por receio de suas atitudes. Ela era uma mulher cruel, descontrolada, dominadora. Desafiava seu marido e não aceitava que algo saísse de seu controle. Foi ela quem mandou matar todos os profetas de Israel e hospedou no palácio 450 sacerdotes de Baal e 400 sacerdotisas de Astarote. Além disso, cometia atos nojentos em nome de sua crença. Um péssimo exemplo para seus filhos, eu diria.

Nos corredores encontramos diversas pessoas bêbadas, algumas

viajantes_do_tempo.indd 243 03/12/2013 16:36:59

até caídas, e outras que pareciam drogadas. Jezabel colocou-nos para limpar um quarto imundo até a alma.

— Que nojo! — falei quando nós três estávamos sozinhos.

— Você ainda não viu nada... — Sabedoria falou.

— Como pode um rei aceitar este tipo de coisa? Tem "trocentas" pessoas morando aqui, não tem empregado que aguente limpar! — reclamei empurrando uma montanha de roupas para um canto do quarto.

Caio começou a rir.

— Olha só o que eu achei. — Ele levantou a coberta de cima da cama.

Eu e Sabedoria abaixamo-nos e vimos um cara deitado lá embaixo. E o pior, ele estava dormindo em cima do próprio vômito.

Meu estômago embrulhou.

— É isso que o pecado faz; escraviza. — Sabedoria falou. — Esse aí é um dos sacerdotes. — ela apontou. — Acha mesmo que um deus que se preze faria isso com um servo teu? Não mesmo.

Ela pegou uma vassoura e começou a varrer o chão. Caio começou a arrumar uma pilha de objetos empoeirados. Só eu que demonstrei resistência. Jezabel não valia meu esforço, na verdade, não valia um centavo furado.

— Você ficou de responder o porquê de Deus ter ajudado o rei Acabe sendo ele tão pecador. — eu disse.

— É verdade. — ela encostou a vassoura numa parede e sentou-se na janela do quarto. — Deus amava seu povo.

viajantes_do_tempo.indd 244 03/12/2013 16:36:59

Fez diversas alianças com eles por amor. Só que os israelitas insistiam em pecar, então em várias situações o povo ficou sem a proteção do Deus dos Exércitos, e isso os fazia sofrer.

— Sofriam porque queriam. — falei rabugenta. Sabedoria riu um pouco e continuou:

— Foi por amor a eles, a esse povo pecador que conhecemos, que Deus resolveu dar a vitória a Acabe. O Senhor estava dando uma chance de eles voltarem para o lar, para Deus.

— E eles aceitaram? — Caio perguntou.

— Não... — Sabedoria disse triste. — Eles continuaram a pecar por influência dos reis, e geralmente quem ia contra essa idolatria era morto.

— Isso é injusto! E a liberdade de culto? — eu disse revoltada.

— Estamos na Idade Antiga, Elisa. — Caio lembrou.

— Mesmo assim! Esses reis estão indo contra Deus, e ainda querem que todo mundo peque também? Palhaçada...

— Mas eles não vão sair impunes, certo? — Caio perguntou a Sabedoria, colocando um vaso de barro em cima de uma bancada.

— De forma alguma! Deus tratou de dar um fim em Acabe e Jezabel.

— O que Ele fez? — falei.

— Acabe vai ser morto na guerra contra o rei Ben-Hadade, Jezabel vai morrer numa revolta de Jeú. Ela vai ser jogada da janela. Os descendentes dos dois até a terceira geração vão ser mortos. Assim a influência deles acabará.

— Que a justiça seja feita. — falei mais pra mim mesma

viajantes_do_tempo.indd 245 03/12/2013 16:36:59

enquanto começava meu serviço.

Já era tarde quando terminamos de arrumar tudo. O palácio estava cheio de gente e tivemos que trabalhar até de madrugada servindo comida para todo mundo. Foi tenso!

Arranjamos um lugarzinho nos fundos do palácio junto com os demais servos e conseguimos descansar. Como era bom ter onde deitar, eu estava exausta.

O sonho que tive foi esquisito. Eu estava na fila do cinema com algumas amigas. Logo reparei que o ano não era 2000 e pouco, devia ser 1960, devido a nossas roupas e penteados. Na fila da pipoca, um grupinho de garotos trocavam sorrisos e olhares conosco, percebi que um deles era o Caio.

Dada a hora do filme, todos nós entramos e nos sentamos nas poltronas.

— Posso me sentar ao seu lado? — Caio perguntou.

— Claro. — respondi sorrindo.

Então apagaram-se as luzes e o filme começou. Estranho. Podia jurar que tínhamos escolhido "Ataque de Zumbi — 2", mas o título que apareceu foi "Por Você". Devíamos ter entrado na sessão errada. Duvido que as quase 100 pessoas aqui sentadas estavam a fim de assistir a um filme romântico.

Mas pelo jeito ninguém percebeu a mudança, pois não houve uma única pessoa que saísse da sala.

Começou com uma mulher correndo por uma rua estreita com paredes de pedra dos dois lados. Ela estava chorando e seu semblante bastante abatido. Mais a frente havia duas mulheres e um homem olhado algo mais acima com os rostos tristes.

viajantes_do_tempo.indd 246 03/12/2013 16:36:59

Quando a que estava correndo chegou, encontrou-se com os demais, jogou-se de joelhos e pôs-se a chorar muito.

— Por que estão fazendo isso com ele? — perguntou uma das mulheres em pé.

— Para que se cumprisse o que diz nas Escrituras. — o homem respondeu sem olhar para ela.

— Não haveria outra forma?

— Sem derramamento de sangue não há remissão de pecados.

Pudemos ver o que se passava. Num campo, onde estavam diversas pessoas observando, três cruzes eram erguidas. Nelas havia três homens. Um deles era o Senhor.

Isso fez todos da sala de cinema tomarem um susto. Principalmente quando, lentamente, a câmera se aproximou dos três, tendo Jesus no meio. Percebi que muitos ali tapavam os olhos com as mãos, outros faziam cara de choro, e alguns de terror.

Era terrível ver aquilo. Ele estava desfigurado, nem parecia um ser humano. Havia apanhado tanto que não conseguíamos olhar o telão sem nos sentirmos envergonhados pelos nossos atos. Ele era realmente o filho de Deus.

Os pregos que prendiam seus pulsos e seus pés à madeira eram enormes. Sua expressão era de intensa dor e falta de ar. Havia ainda os incontáveis machucados que estavam sangrando espalhados por seu corpo, muitos deles em carne viva. Esta visão me fez chorar, assim como todos naquele lugar.

No entanto, era o nosso sofrimento que ele estava

viajantes_do_tempo.indd 247 03/12/2013 16:36:59

carregando, era a nossa dor que ele estava suportando. E nós pensávamos que era por causa das suas próprias culpas que Deus o estava castigando, que Deus o estava ferindo. Porém ele estava sofrendo por causa dos nossos pecados, estava sendo castigado por causa das nossas maldades. Nós somos curados pelo castigo que Ele sofreu, somos sarados pelos ferimentos que Ele recebeu. **Isaías 53: 4 e 5.**

Ele levou a culpa dos pecados de muitos e orou pedindo que eles fossem perdoados. **Isaías 53: 12.**

O sol parou de brilhar e tudo escureceu. Houve um grande terremoto.

Jesus gritou bem alto:

— Pai, nas Tuas mãos entrego meu espírito!

Depois de dizer isso, Ele morreu...

... Por você.

viajantes_do_tempo.indd 248 03/12/2013 16:36:59

Quinze: Problemas

Acordei assustada. Sentei-me e olhei em volta procurando meus amigos. Ninguém. Por que eu sempre tinha que ficar sozinha?

Resmunguei até não poder mais e depois tive de me conformar. Fiquei esperando pra ver se alguém lembrava de mim.

O sol estava morno. A areia fofa. E a maresia uma delícia...

— Espere aí! — falei comigo mesma. — Eu tô na praia?!

Cocei os olhos, custando a acreditar.

— Eu tô na praia!!! — gritei saindo correndo pra água.

Brinquei como se fosse uma criança. A água do mar estava ótima, e mesmo sozinha me diverti muito. Depois que minha euforia passou, fui caminhando pela orla. Ali era um lugar lindo, talvez fosse uma ilha paradisíaca... ou quem sabe eu estivesse perdida no set de gravação do filme **A lagoa azul**. Depois desta viagem ao passado, acredito em qualquer coisa.

Percebi que estava com um daqueles vestidinhos brancos que se usa por cima do biquíni. E que usava um lindo biquíni azul, igual ao que vi uma vez na vitrine de uma loja quando fui à Bahia com meus avós.

Pareciam férias. Sentia-me leve por não ter que carregar mochilas, armas e nem ter um monte de pano amarrado ao corpo. Livre.

— Lisaaa! — ouvi a voz de Caio.

Virei e o vi correndo em minha direção. Estava usando um calção de praia e um boné na cabeça.

viajantes_do_tempo.indd 249 03/12/2013 16:36:59

Acenei e dei meu melhor sorriso. Ele continuou correndo rápido. Talvez estivesse longe demais para ver que eu estava sorrindo.

Quando ele chegou mais próximo vi sua cara de medo.

— O que foi? — perguntei fazendo-o parar.

— A Sabedoria... — ele falava tomando fôlego às vezes. — tá vindo aí. — apoiou as mãos nos joelhos, cansado.

— Mas o que isso tem a ver? Você está fugindo de quê?

— Canibais.

— Cooorreee!!! — ouvimos Sabedoria gritando.

Estava em sua forma ruiva, usava um maiô lilás, óculos maneiro que tapava quase todo o rosto, uma canga amarrada na cintura. Segurava o chapéu enorme e uma bóia gigante.

Era como se uma tribo inteira de índios estivesse atrás dela. O que a fazia correr como louca.

Ela nos alcançou e saímos correndo juntos.

— O que a gente vai fazer? Parece que não tem lugar para nos esconder. — Caio disse aflito.

Esperamos que ela nos desse alguma resposta, mas só continuou correndo. Durante um bom tempo não fizemos nada além de correr e de vez em quando olhar para trás pra ver se ainda estavam vindo. Então comecei a perceber algo diferente.

Sabedoria estava tristonha.

Descobri que a hora havia chegado. Subimos numa grande pedra que dava acesso à outra praia.

— Vão até aquele casebre. Vão estar em casa quando pedirem. — Sabedoria disse parando.

viajantes_do_tempo.indd 250 03/12/2013 16:36:59

— Mas e você? — Caio perguntou.

— Vem conosco. — pedi.

— Não dá. Estive assim — ela indicou o próprio corpo — para poder ensinar a vocês, mas não posso ficar deste jeito para sempre. — ela sorriu. — Vão...

Nós a abraçamos forte. Passamos tanta coisa juntos, era como se ela fosse uma amiga de infância, ou parente nossa.

— Onde podemos achá-la? — eu disse.

— Em conselhos, respostas inteligentes, na humildade... Só os sábios me conhecem, mas todo aquele que me procura, acha. Peçam conhecimento ao Senhor Deus, assim estarei sempre com vocês.

Assentimos. Nos despedimos dela e fomos correndo para o casebre. A praia era em forma de meia lua e a casinha ficava na ponta.

Caio abriu a porta de madeira e deixou que eu passasse primeiro, depois a fechou. Ele me abraçou sorrindo. Retribui o abraço, mas estava preocupada com algo, só não conseguia lembrar o que era.

— Feche os olhos e peça pra ir para casa. — ele disse no meu ouvido.

Fiz o que pediu e senti meu corpo se esvaindo como areia numa ampulheta.

***

— Já chegamos? — falei espiando com os olhos semicerrados.

— Sim! — Caio disse alegre.

Soltou-me e foi acender a luz.

viajantes_do_tempo.indd 251 03/12/2013 16:36:59

— Estamos de volta à salinha da igreja. — falou.

Começamos a rir olhando tudo em volta. Era uma emoção muito grande ter voltado depois de tanto tempo longe. Notei que a sala não tinha nenhum vestígio de inundação. Caio abriu a porta e me convidou a sair, mas eu fiquei olhando o armário. Será que o livro ainda estava ali?

— Ande, Elisa, precisamos saber o que aconteceu enquanto estávamos viajando no tempo.

— Já vou.

Saí da sala com ele. Não havia ninguém no pátio, e o silêncio era estranho. Subimos correndo a escada que dava para o templo e abrimos a portinha para entrar nele.

— Não acredito! — eu disse surpresa.

A igreja estava cheia, e todo mundo estava ajoelhado orando. Meus pais continuavam no mesmo canto, com as mesmas roupas. Olhei a minha, era o mesmo vestido bege que usei para vir à igreja daquela vez.

Nada havia mudado!

Eu e Caio sorrimos um para o outro e fomos nos sentar com nossos pais. Quando chegava próximo ao banco onde eles estavam, o pastor terminou a oração e todos voltaram a sentar-se.

A equipe de louvor se organizou, o líder deles recitou um versículo e nos pediu que levantássemos para cantar.

O culto foi maravilhoso. O pastor pregou sobre o **Ide e pregai o evangelho a toda criatura**, ele também falou sobre compromisso e que devemos contar às pessoas aquilo que Deus

viajantes_do_tempo.indd 252 03/12/2013 16:36:59

tem feito em nossas vidas. Foi uma confirmação de tudo aquilo que aprendi em minha viagem ao passado, Deus queria me usar para levar seu Amor às pessoas ao meu redor.

Ao término do culto saí do templo e fui conversar com meus amigos na frente da igreja. Estava com tanta saudade que saí abraçando e fazendo festa com cada um que via.

— Amiga! — cumprimentei Helena, a líder da coreografia da igreja.

— Eiii! — pulou em mim dando um sorriso. — Sexta você vai, né?

— Aonde?

Ela fez uma expressão de choque.

— No meu aniversário. Não acredito que esqueceu, Elisa. Que maldade!

— Ando com a cabeça nas nuvens, desculpa. Mas vou sim!

— Hein?! Como é o nome daquela música que você cantou na apresentação do dia do índio na escola? — Gabriel perguntou a Helena instantes depois.

Saí de fininho e fui para o outro lado da rua. Muita gente já havia ido embora, mas meus pais estavam conversando, então tive de esperar.

— Que tal um ensaio no sábado? O congresso está chegando e não podemos fazer a peça de qualquer jeito... porque é para Deus. — ouvi Caio dizer ao grupo de teatro.

— Às 14h aqui na igreja? — Alex perguntou.

— Por mim tudo bem. — um garoto novo na igreja respondeu.

viajantes_do_tempo.indd 253 03/12/2013 16:36:59

— Fechado, então! — Caio se despediu do pessoal quando me viu.

Segurou minha mão e me perguntou se podia acompanhá-lo até a cantina para comprar refrigerante. Aceitei e nós dois atravessamos a rua.

Eu me sentia estranha, meio boba. Tinha que me vigiar para agir normalmente, não podia ficar admirando-o enquanto falava comigo porque eu acabava me distraindo e não ouvindo nada. Mas era tão boa a sensação de estar com ele...

— Alô-ô... — Caio balançou a mão na minha frente.

— Hm? — acordei do meu transe hipnótico.

— Quer refri? — perguntou sorrindo.

— Não, obrigada.

Ele comprou uma latinha de guaraná e ficamos encostados na parede do prédio de frente para a igreja, olhando o céu por um momento.

— Em que está pensando? — perguntei.

Ele tomou alguns goles do guaraná e depois respondeu:

— Na escola.

Senti um friozinho inesperado na barriga.

— Não fiz o trabalho de biologia. — comentou. Eu comecei a rir, ele me abraçou.

— Você podia deixar de ser nerd pelo menos por um dia. — cutuquei suas bochechas.

— Se você aceitar sair comigo sexta à noite, quem sabe eu deixo de ser nerd...

Fiz uma carinha triste.

viajantes_do_tempo.indd 254 03/12/2013 16:36:59

— O que foi?

— Sexta é o aniversário da Helena.

— Ah...

— Mas você quer ir comigo? — sorri tentando animá-lo.

— Claro, quero sim.

— Caio. — Mônica chamou de dentro do carro parado perto de nós. — Vamos?

— A gente se fala amanhã. — ele disse dando alguns passos na calçada, depois voltou e deu um selinho em mim.

Fiquei morrendo de vergonha, pois os pais dele viram, mas mesmo assim cumprimentei os dois e saí rapidinho dali atrás dos meus pais.

— Amanhã tenho que acordar cedo, não podemos ir embora agora? — falei a minha mãe enquanto ela procurava algo na bolsa.

— Sim, filha. — respondeu tirando um cartão de lá de dentro. — Aqui está. Os salgados são muito bons! — minha mãe entregou o objeto a minha tia.

— Vou ligar para ela amanhã de manhã. — Miriam colocou o cartãozinho na bolsa e virou-se para me olhar. — Minha sobrinha predileta! Como você está, Lisa?

— Bem, e você tia? — deu-me um abraço apertado.

— Um pouco enjoada, mas estou bem. Acho que desta vez você vai ter uma priminha. — sorriu acentuando suas sardinhas. Ela me lembrava a Sabedoria por ser ruiva.

— Assim seja. — respondi com um sorriso enorme.

— Vamos, Douglas? — minha mãe chamou meu pai.

viajantes_do_tempo.indd 255 03/12/2013 16:36:59

— Tá cedo, Carol... — disse meu tio Caleb com meu priminho Lucas de cinco anos no colo.

Meu pai estava conversando com meu tio sobre as empresas em que trabalhavam. Vi que se despediram com um aperto de mão e um leve tapinha nas costas e meu pai tirou do bolso a chave do carro.

— Papai, sexta você me leva na casa da Helena?

— A que horas?

— 19h30.

— Levo.

— E pode passar na casa do Caio pra pegar ele também? — respondi já dentro do carro debruçada no banco do motorista.

— Posso.

— Filha, olha o que eu comprei pra você. — minha mãe olhou pelo retrovisor. Estava sorrindo com um embrulho na mão.

— O que é? — falei animada.

Carolina entregou-me o pacote e eu rasguei o papel cheio de corações.

— Obrigada, mamãe! — falei alegre. Enchi sua bochecha de beijos. Dentro do embrulho havia uma Bíblia de estudos.

***

Fazia cinco minutos que eu estava esperando um ônibus para ir à escola, pois meu pai não pôde me levar hoje. Um frio esquisito alojou-se em minha barriga desde ontem e não me deixou dormir direito.

— Bom dia. — falei para o cobrador do ônibus.

— Bom dia.

viajantes_do_tempo.indd 256 03/12/2013 16:36:59

Procurei um lugar perto da janela para sentar. O ônibus não estava cheio, o que era raridade. A hora hoje passava lentamente, o dia não tinha pressa em acabar.

— Que cara é essa? — Marisa perguntou pegando uma cadeira e colocando ao meu lado na sala.

— Estou preocupada. — respondi.

— Com o quê?

— Não sei, mas sinto algo ruim...

— Lisa, ele chegou. — Magali piscou para mim e cutucou-me com o cotovelo.

Virei o rosto na direção da porta e por um instante meu coração parou. Parecia que o chão estava prestes a se abrir embaixo de mim, ou pelo menos era o que eu desejava. Senti um enjôo muito grande e minha cabeça ferver. Era ele. Bernardo.

Por um instante fiquei sem ar e sem reação. E agora? Eu havia esquecido o que tinha feito tempos atrás aqui na escola. Eu tinha me declarado pra ele!

Abaixei o rosto e fingi procurar algo em minha mochila.

— Você está bem, Elisa? Está pálida. — Marisa disse colocando a mão em meu ombro.

— Estou arrasada! Você não tem ideia da encrenca em que me meti.

— Me conta, talvez eu possa ajudar.

— Não, você não conseguiria entender. — Levantei-me num impulso só e dei de cara com Caio, me fazendo levar a mão ao coração.

— Te assustei? — perguntou confuso.

viajantes_do_tempo.indd 257 03/12/2013 16:36:59

— Não. — respondi. Percebi que ele ia me dar um beijo de bom dia, então abaixei a cabeça. — Preciso descer... — falei me esquivando. Passei por ele, mas me parou na porta da sala.

— Está tudo bem, Elisa? — vi que estava preocupado.

— Sim. — forcei um sorriso.

Saí correndo e desci as escadas. Tinha vontade de chorar; eu não queria magoar o Caio. "Meu Deus, o que eu faço?".

— Ei, espere. O que aconteceu?

Minha cabeça girava confusa.

— Te dei bom dia e nem me respondeu... Você está bem?

"Por que todo mundo me pergunta isso? Não está na cara que não?", pensei nervosa.

— Desculpa, Bernardo, eu não ouvi. — virei o rosto para seu lado.

Ele sorriu um pouco.

— Te trouxe um presente. — Estendeu a mão com uma caixinha.

Hesitei por um momento, mas depois peguei.

— Queria ter comprado algo melhor, mas fiquei sem grana, é que eu tinha "torrado" minha mesada no mês anterior e estava devendo a minha mãe. — disse um pouco sem jeito.

— Muito obrigada. — tentei dar meu melhor sorriso. — Parece delicioso, vou deixar pra comer no intervalo, está bem?

— Sem problemas.

Já ia saindo para ir ao bebedouro quando ele continuou:

— Elisa.

— ... fala.

viajantes_do_tempo.indd 258 03/12/2013 16:36:59

— Sexta você vai estar livre? — eu ia falar algo mas ele não deixou. — É que estava pensando se gostaria de ir ao cinema comigo. Consegui ingressos para a estreia de...

— Eu não posso. — falei fazendo-o parar.

— Não? — disse chateado.

— Vou ao aniversário de uma amiga minha.

— Ah, mas é estreia...

— Mas é que eu já havia combinado faz tempo. — expliquei.

— Só que estreia é estreia, né?! Quando você vai ter esta oportunidade novamente?

— Aniversário é uma vez ao ano, se você quiser assistir ao filme de novo é só locar, oras. — falei impaciente.

— Tá bom, tá bom... Diz logo que não quer sair comigo. — cruzou os braços, chateado.

— Eu não disse isso.

— Mas é o que deu a entender.

Fiquei encarando-o com a cara fechada.

— Ok, ok! Me desculpe, flor.

Bernardo insistiu em ir comigo beber água.

Quanto mais passava o tempo, mais eu ficava sem saída. Era certo que ele não tinha esquecido o "eu gosto de você" de ontem, e parecia disposto a fazer disso algo mais.

— A gente podia combinar alguma coisa pra amanhã à noite, o que acha? — disse animado.

— É que...

— Eu não aceito um "não" como resposta, senhorita. — piscou para mim brincando.

viajantes_do_tempo.indd 259 03/12/2013 16:37:00

— Está bem, mas o que quer fazer?

— Ir ao shopping comer pizza e depois passear no centro da cidade, que tal?

— Tá, pode ser. — respondi sem entusiasmo. "Não tenho escolha mesmo...".

— Ah, tinha esquecido, amanhã eu e o Rafa marcamos uma disputa de vídeo game. — ele pareceu pensar. — Vamos combinar o seguinte: ligo pra ele no intervalo depois te procuro para dar a resposta, certo?

— Uhum. Vou pra sala agora, a professora já deve estar enchendo a lousa.

— Tá, te vejo depois. Vou à secretaria.

Ele deu um beijo no meu rosto e saiu.

Se eu dissesse que minha mente estava cheia de nós e que meu estômago estava mais gelado que o iceberg que afundou o Titanic, alguém acreditaria?

— Tem prova na segunda de trigonometria. — Magali avisou.

— Que ótimo... — falei desabando na cadeira.

— O que aconteceu entre vocês dois, me conta? — Marisa sentou-se próximo a nós.

— Só conversamos um pouco e ele me deu esta trufa. Nada de mais.

— Não sabe a cara que a Paloma fez ao ver o Bê indo atrás de você. — ela disse em tom confidente.

— Imagino... — respondi anotando a matéria no fichário.

— Nossa, que animação. — reclamou. — Até ontem não podia ouvir falar no Bê que já ficava toda sem graça, mas hoje...

viajantes_do_tempo.indd 260 03/12/2013 16:37:00

Parei de escrever e girei a caneta nos dedos.

— É que eu não me entendo, Marisa. — olhei para ela desconsolada. — Posso te contar um segredo?

— Claro.

— Não estou mais apaixonada pelo Bernardo. — confessei em seu ouvido.

Ela teve um sobressalto e olhou-me assustada.

— Mas até ontem...

— "Ontem" aconteceram tantas coisas, que minha paixão acabou.

— Não é possível, Lisa. — disse chateada. — Como ele fica agora? Deve estar todo feliz sabendo que você gosta dele. Eu vi pelo brilho que tem em seus olhos, ele também gosta de você. Melhor não tirar conclusões precipitadas.

"Não é precipitada, eu amo outra pessoa!", pensei desesperada.

— O que aconteceu ontem de tão importante?

— É... Eu estava pensando, e vi que isso não daria certo e que ele merece alguém melhor. — menti descaradamente, e me arrependi no mesmo instante.

— Fala sério, Elisa! Merece alguém melhor? Quem? Paloma? Se liga, você é maravilhosa, amiga, não venha com essa!

— Você não entende... — disse fungando, segurando-me para não chorar de tristeza.

— Não fica assim não. — Marisa me abraçou. — Insegurança é normal no começo de um relacionamento, mas depois passa.

Olhei para Caio no final da sala, estava feliz conversando

viajantes_do_tempo.indd 261 03/12/2013 16:37:00

com P. H. e Diogo. Como eu gostaria que ele fosse meu primeiro e único amor...

As horas passaram e o intervalo chegou. O temido intervalo. Desci com minhas amigas e sentei-me na terceira escadaria, perto dos banheiros e da sala de Educação Artística, que era separada das demais salas.

— Caio, — Magali chamou — você fez a lição de química?

— A que o professor passou na quinta passada? — ele chegou perto de nós junto com um amigo seu do 2° D, Marcos.

— Aham.

— Eu fiz. — ele respondeu.

— Depois você me empresta para eu ver se minhas contas estão certas?

— Empresto sim.

— Obrigada. — ela falou sorrindo.

Caio ficou olhando para mim por um tempinho. Tinha os lábios pressionados e um semblante levemente preocupado.

— Acho que a gente precisa conversar, Elisa.

Um nó se formou em minha garganta.

— Marcos, será que você podia esperar um instante aqui para eu trocar uma palavrinha com ela?

— Posso, cara. A gente se vê depois.

Deixei meu lanche com as meninas e nós fomos andando até as mesas de ping pong, e então ele parou. Eu estava muito nervosa. Tinha medo, por alguma razão, de que ele brigasse comigo.

viajantes_do_tempo.indd 262 03/12/2013 16:37:00

Caio colocou as mãos nos bolsos, olhou fundo nos meus olhos e disse:

— Era do Bernardo que você gostava desde o início do ano?

viajantes_do_tempo.indd 263 03/12/2013 16:37:00

viajantes_do_tempo.indd 264 03/12/2013 16:37:00

Dezesseis: Final

Meu queixo pendeu de surpresa.

— Eu...

— Seja sincera.

Meus olhos começaram a ficar marejados. A única coisa que eu queria agora era que ele me abraçasse e dissesse que estava tudo bem entre a gente. Mas ele não iria fazer isso.

Cocei os olhos com as costas da mão e balancei a cabeça dizendo que sim. Não sei qual foi a reação dele, pois não tive coragem de olhar.

— Era só isso que eu queria saber. — me disse.

— Mas eu já te expliquei, Caio, — comecei — isso foi há muito tempo atrás e então...

— Elisa! — Bernardo apareceu.

Meu estômago gelou.

— Consegui desmarcar o compromisso, a gente vai poder sair amanhã à noite.

Levantei os olhos para o Caio e ele pareceu surpreso por um instante. Eu não sabia o que fazer, como iria explicar, e as coisas pioraram quando o semblante de Caio mudou para sério, percebi que estava se sentindo traído.

— O que dizia, Elisa? — Caio perguntou a mim, ignorando Bernardo.

— Que... que... — fiquei sem ter como responder. Bernardo parecia esperar alguma coisa também.

Caio balançou a cabeça decepcionado e já ia saindo quando

viajantes_do_tempo.indd 265 03/12/2013 16:37:00

segurei seu braço.

— Me deixe explicar...

— O que está acontecendo? — Bernardo quis saber.

— Por que não conta a ele, Elisa?

— Você não está sendo justo. — senti uma lágrima idiota rolar em meu rosto. Por que ele estava fazendo isso comigo? A culpa não era minha!

— O que você fez com ela? Por que ela tá chorando, cara? — Bernardo brigou com Caio.

— A Elisa e eu estamos na...

— Não! — impedi que dissesse.

— Não estou entendendo. — Bernardo disse me olhando confuso.

Sequei o rosto depressa.

— Não é nada.

— Engraçado... Eu posso sofrer; ele não. — Caio disse irritado cruzando os braços.

— Você não entende, Caio. Ou não quer entender. — encarei-o chateada.

— Entender o quê? — Bernardo se intrometeu novamente na conversa.

— Sabe de uma? — Caio disse. — Cansei de me dar mal sozinho!

Descruzou os braços e veio até mim.

— Mas o que... — Bernardo disse surpreso quando Caio segurou meu rosto e me beijou de repente.

Arregalei os olhos não entendendo o que se passava. Por

viajantes_do_tempo.indd 266 03/12/2013 16:37:00

que estaria fazendo isso se estava bravo comigo? Olhei para o lado, Bernardo estava boquiaberto.

Caio fez carinho com a mão em minha bochecha e me senti tentada a corresponder. Numa atitude impensada, fechei os olhos e o beijei de verdade, demonstrando todo meu amor.

— Qual é, Elisa? Como assim? O que está fazendo? — ouvi Bernardo reclamar nervoso e puxar uma de minhas mãos que estava apoiada nas costas de Caio.

Caio afastou um pouco seus lábios dos meus e olhou em meus olhos com um semblante sombrio.

— Ficou louca? O que deu em você, Elisa? — Bernardo brigava perto de nós.

— Não... — sussurrei com o coração partido.

— Eu... — Caio começou a dizer. Soltou meu rosto e virou-se para Bernardo. — Eu não confiaria nela se fosse você.

viajantes_do_tempo.indd 267 03/12/2013 16:37:00

viajantes_do_tempo.indd 268 03/12/2013 16:37:00

Agradecimentos

Ufa! Mais uma batalha chega ao fim! O tempo dedicado neste livro foi de muito aprendizado e um desafio grandioso. Mas vencemos; Deus e eu.

Primeiramente quero agradecer ao Senhor dos Exércitos por me presentear com mais uma história, por demonstrar a cada dia Seu amor e cuidado por mim. Também quero agradecê-Lo por me guiar e ensinar a ter paciência, pois Ele é quem comanda.

Agradeço também a minha família pelo amor, compreensão e carinho. Eu não seria quem sou hoje sem eles.

Agora vamos à lista! Diversas pessoas me ajudaram a escrever esta história. Ajudaram me ouvindo, lendo, dando ideia, me animando, enfim, sendo verdadeiros companheiros de aventuras! São eles: Melissa Heringer — que está em todas! — que me incentivou, deu palpite e é uma amiga e tanto! Agradeço a Kenya Melgaço por me mostrar inúmeras possibilidades para o fim da história e pela imensa paciência. Agradeço a Igor Oliveira, Natanael Costa e Samuel Alcantara, por me mostrarem como escrever uma luta descente. Também quero agradecer à Rebeca Andrade, Adassa Andrade, Leila Agnoleti, Natália Bissoli e Renata Fricks pela animação e palpites! Meninas, vocês são demais!

viajantes_do_tempo.indd 269 03/12/2013 16:37:00

Agradeço a você que está lendo esses "Agradecimentos". E mesmo que seu nome não esteja escrito aqui, saiba que você é importante, pois está prestigiando meu trabalho. Espero que tenha gostado e que Deus te abençoe.

viajantes_do_tempo.indd 270 03/12/2013 16:37:00

Não perca a próxima aventura dos

Viajantes do Tempo

Um: (Des)Confiança

Eu não quero vê-lo mais!

Quando se aproximou de mim de repente era como se estivesse querendo mostrar a todo mundo que estávamos juntos e que nos amávamos, mas então... ele disse aquilo. **Eu não confiaria nela se fosse você**. Aquele beijo cheio de veneno provocou uma onda de dor em meu corpo. "Eu não confio mais em você, Caio. Não confio mais!".

Ver Bernardo querendo uma explicação me deixou ainda mais confusa, e senti tanta vergonha por ter correspondido ao ato inconsequente de Caio, que saí correndo e me escondi no estacionamento da escola.

Chorei arrependida de ter dito ao Bernardo que gostava dele. Chorei arrependida de ter me apaixonado pelo Caio e ter aceitado ser sua namorada. Chorei arrependida por ter pedido aos meus pais que me deixassem estudar nesta escola idiota.

Por que eu? Por que logo eu?

— Por que está chorando?

viajantes_do_tempo.indd 271 03/12/2013 16:37:00

Levantei o rosto molhado e olhei para a garota parada a minha frente. O normal seria ela estar rindo de mim e caçoando por eu ser uma Maria chorona, mas não, sua pergunta não demonstrava tanta indiferença como era de costume.

— Não é nada, Paloma. — sequei o rosto com a camisa da escola e me levantei.

— Vai me dizer o que é ou vou ter que perguntar para todo mundo? — cruzou os braços.

Olhei em volta procurando alguém que pudesse estar nos espionando, mas não havia ninguém. Não achei que dizer a ela seria ruim já que ninguém me entenderia mesmo, e eu estava pouco me importando com o "daqui para frente". Cansei de ser enganada.

— Não achei que dor de amor doesse tanto. — ri amargamente.

— Estão mesmo juntos? — perguntou a meia voz. — Você e o... Bernardo?

— Não. E vocês formam um belo casal, sabia? — dei um largo sorriso amarelo. Por dentro estava com o coração em pedaços, com uma tristeza tão grande que me consumia.

— Você não parece muito bem, Elisa. — estreitou os olhos. — Isso tem a ver com quem?

— Caio.

Comecei a chorar alto e me joguei em cima de Paloma, molhando seu ombro com minhas lágrimas magoadas. Eu o amava. Droga, eu o amava. Mas por que ele fez isso comigo? Se ele soubesse como me machucou, nunca mais dirigiria a palavra

viajantes_do_tempo.indd 272 03/12/2013 16:37:00

a mim, nunca mais me procuraria, nunca mais me olharia com aqueles olhos que fazem meu coração derreter e meus braços só quererem estar a sua volta. Eu o amava, mas que droga!

Paloma não me abraçou, mas também não me empurrou dali. Pela primeira vez parecia compreender o que eu sentia. Parecia entender que quando a gente ama alguém e essa pessoa nos magoa, precisamos de um ombro amigo, precisamos de alguém que não diga para corrermos atrás da pessoa novamente e nem que devemos nos afastar, só fica ali, nos vendo lavar a alma com nossas lágrimas.

— Acho melhor ir lavar o rosto. — me disse quando a soltei.

Sacudi a cabeça e sussurrei um obrigado. Ela deu de ombros e entrou na escola. Peguei toda a minha dignidade espalhada pelo chão, respirei fundo e marchei para dentro.

"Eu consigo viver sem ele! Eu consigo viver sem ele!". Repeti em minha cabeça enquanto saía do banheiro e subia as escadas.

"Eu acho que consigo viver sem ele. Eu acho que consigo viver sem ele.". Repeti em minha cabeça enquanto andava pelo corredor.

"Eu não...". Parei em frente à porta da minha sala, meu coração batia desordenadamente e minhas mãos tremiam.

A primeira pessoa que vi foi Bernardo na mesa da professora de geografia. Eu não estava sendo justa. Estava pensando somente em mim e em Caio. Mas e ele? E ele que nem ao menos estava entendendo o que se passava. Ele que ficou todo feliz quando soube que eu tinha um "sentimento indefinido" pela sua pessoa. O Bernardo não fez nada de errado, mas eu vacilei com ele. E tinha

viajantes_do_tempo.indd 273 03/12/2013 16:37:00

que me retratar.

— Não vai entrar, Elisa? — a professora falou tirando os óculos.

Balancei a cabeça e entrei, sentando-me na carteira vazia junto à porta. Pela minha visão periférica, percebi minhas amigas querendo saber o porquê de não me sentar próximo a elas. Mas eu queria ficar só.

Dobrei meus braços em cima da carteira e deitei meu rosto neles, virada para a parede. Como era ruim a sensação de perda, ainda mais de algo que estava começando...

Na metade da aula, ouvi um barulho de carteira sendo arrastada e senti que alguém tinha sentado ao meu lado. Fechei meus olhos tentando ignorar a pessoa e também a matéria que a professora estava explicando. Era um garoto, pude perceber pelo perfume masculino e a mão que fazia carinho em minhas costas, mas não tinha ideia de qual deles poderia ser.

Senti algumas lágrimas escorregarem de meus olhos e o sono chegar, junto com uma dor de cabeça. Eu só queria ir embora, mas não teria como pedir para meus pais me buscarem. Deixei que o cansaço me vencesse e acabei dormindo.

— Alguém vai ter de carregá-la.

— Você acha que ela é leve?

— Então vamos lá embaixo procurar um carrinho de mão.

— Carrinho de mão, Magali? Tá maluca?

Levantei a cabeça. A sala estava vazia, só Marisa e Magali discutiam para saber como me tirariam da escola.

— Então com o quê, Marisa?

viajantes_do_tempo.indd 274 03/12/2013 16:37:00

— Já acordei, meninas.

Elas olharam para mim e vieram correndo. Coloquei-me de pé e espreguicei o corpo, meu pescoço doía um pouco. A escola ainda estava barulhenta. Olhei porta afora e vi a sala da frente em aula.

— Não teve aula de português. — Magali, a japonesa, me disse.

— Ah...

— Vamos embora agora? — Marisa pegou minha mochila e deu para mim.

Acenei com a cabeça.

Enquanto andávamos notei que haviam combinado de não comentarem sobre meu comportamento estranho e não mencionarem Bernardo em nossa conversa.

Uma parte dos alunos da minha classe ainda estava no pátio porque dependiam do transporte escolar para irem embora. Como Magali também tinha que esperar, nós duas ficamos com ela sentadas na escada do meio.

— Ah, seu trabalho de geografia, Elisa. — Marisa tirou uns papéis grampeados de dentro do fichário verde e me entregou.

— Sete. — vi a nota. — Nunca gostei de geografia mesmo... — comentei com preguiça.

Minhas amigas trocaram um olhar receoso que me fez falar:

— Não se preocupem, amanhã estarei melhor. — pisquei um olho e elas relaxaram a postura. Sorri e mudei o assunto. — Quem era o garoto que estava sentado ao meu lado? Acho que vou contratá-lo para ser meu massagista. — nós três rimos.

viajantes_do_tempo.indd 275 03/12/2013 16:37:01

— Era o Caio.

Meu sorriso se desfez.

— Eu disse algo errado? — Marisa perguntou.

— Não. — respondi baixinho. Sentei-me direito virada para frente e uni as sobrancelhas pensando. O que ele tinha na cabeça? Primeiro me enganou dizendo que me amava, depois me fez passar por traidora, agora vem me agradar como se nada estivesse acontecendo. Mas isso não vai ficar assim...

viajantes_do_tempo.indd 276 03/12/2013 16:37:01

Manual de sobrevivência

Algumas coisas que foram ensinadas neste livro

Algumas coisas que foram ensinadas neste livro

Aprenda para ensinar. Deus nos criou de forma especial. **Pecadinho e "pecadão" têm o mesmo peso para Deus.** Confie sempre. **Seja diferente do mundo.** Conhecer mais a Deus é a chave para uma vida feliz. **O Senhor tem um propósito em tudo.** Não ame pessoas e coisas mais do que o Autor da Vida. **Seja obediente.** Peça sabedoria a Deus. **Aprenda a esperar.** Toda honra e toda glória devem ser dadas a Deus. **Deus nos ama e quer que estejamos com Ele.** O Senhor pode transformar nossas vidas, só precisamos dar permissão para que Ele aja. **Peça perdão pelos seus pecados.**

Jesus morreu por você para te dar a **Vida**!

Coordenadas geográficas

João 3: 16

Marcos 16: 15

Romanos 8: 38 e 39

Filipenses 4: 13

Isaías 43: 1 a 12

Jeremias 29: 11

Salmos 1

II Coríntios 4: 5 a 10

Isaías 55: 6 a 13

viajantes_do_tempo.indd 277 03/12/2013 16:37:01

viajantes_do_tempo.indd 278 03/12/2013 16:37:01

viajantes_do_tempo.indd 279 03/12/2013 16:37:01

viajantes_do_tempo.indd 280 03/12/2013 16:37:01

Foto: Amanda Brandão

Priscila Reis Andrade

é designer de produto e escritora. Nasceu na Bahia, em 1991, e mora em Guarapari, no Espírito Santo, desde 2004. Desenhos e livros sempre fizeram parte do seu mundo e por isso sua primeira história de aventura foi criada inspirada em personagens que havia feito, aos 15 anos de idade.

Em 2009 iniciou os romances Young Adult "Encontrando perdão" e "Dívida eterna", no ano seguinte voltou a se aventurar em romances juvenis, foi quando surgiu "Viajantes do Tempo".

www.priscilareisandrade.wix.com/site

9 788564 423329

Viajantes do Tempo

"Se tem uma coisa que tenho repetido com frequência é "Ninguém acreditaria em nós". Estávamos, eu e o Caio, em plena semana de provas quando comecei a ter pesadelos. Eles me levavam a um lugar no passado e sempre me faziam acordar apavorada, pois eram muito reais. Algum evento estranho estava prestes a acontecer, mas o Caio só me dizia "Elisa, como você tem a mente fértil!", um caso típico de garotos que não acreditam na intuição feminina.

Até que um dia contei a ele que escutei soldados fazendo formação no corredor da escola. Foi de enlouquecer porque parecia uma guerra, inclusive o chão estava tremendo!

Ele só acreditou em mim quando ficamos presos em uma sala onde, pasmem, estava acontecendo uma tempestade e foi aí que a coisa mais sinistra ocorreu: fomos levados a fazer uma viagem pelos tempos.

O que posso dizer é que só lendo este relato da nossa viagem é que vocês vão entender como tudo começou, melhor, vocês irão saber até como o próprio mundo passou a existir."

APOIO CULTURAL

INSTITUTO SINCADES
INSTITUTO DE AÇÃO SOCIAL E CULTURAL

REALIZAÇÃO

BPES

SECRETARIA DA CULTURA
GOVERNO DO ESPÍRITO SANTO
CRESCER É COM A GENTE

Priscila Reis Andrade ◆ Viajantes do Tempo